



MUSEU GOELDI

Programa de
Pós-Graduação em
Diversidade Sociocultural

PPGDS

**MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL**

ZENAIDE TELES DE OLIVEIRA

**“A CASTANHEIRA, AQUI, É A MÃE CASTANHEIRA”:
O EXTRATIVISMO DA *BERTHOLLETIA EXCELSA* NA RESEX CAJARI-AMAPÁ**

**BELÉM-PA
2022**

ZENAIDE TELES DE OLIVEIRA

**“A CASTANHEIRA, AQUI, É A MÃE CASTANHEIRA”:
O EXTRATIVISMO DA *BERTHOLLETIA EXCELSA* NA RESEX CAJARI-AMAPÁ**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade sociocultural (PPGDS), como parte do requisito para obtenção do título de mestre em Diversidade Sociocultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Hussak van Velthem

**BELÉM-PA
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Serviço de Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi
Gerada mediante os dados fornecidos pela autora**

- O48c Oliveira, Zenaide Teles de.
“A castanheira, aqui, é a mãe castanheira”: o extrativismo da *Bertholletia Excelsa* na Resex Cajari-Amapá. / Zenaide Teles de Oliveira. — 2022.
140 f : il. color.
- Orientador: Profa. Dra. Lúcia Hussak van Velthem
Dissertação (Mestrado) – Museu Paraense Emílio Goeldi, Programa de Pós-Graduação em Diversidade sociocultural Belém, 2022.
1. Castanha-do-Brasil. 2. Conhecimentos tradicionais. 3. Rio Cajari. I.Título.

CDD 338.1749

ZENAIDE TELES DE OLIVEIRA

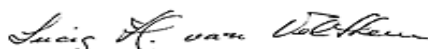
**“A CASTANHEIRA, AQUI, É A MÃE CASTANHEIRA”:
O EXTRATIVISMO DA *BERTHOLLETIA EXCELSA* NA RESEX CAJARI-AMAPÁ**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade sociocultural (PPGDS), como parte do requisito para obtenção do título de mestre em Diversidade Sociocultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Hussak van Velthem

Aprovada em: 01/09/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Lúcia Hussak van Velthem (Orientadora)
Museu Paraense Emílio Goeldi



Prof.^a Dr.^a Laure Emperaire (Examinadora Interna)
IRD - Museu Paraense Emílio Goeldi



Prof. Dr. Igor Alexandre Badolato Scaramuzzi (Examinador Externo)
Universidade de Campinas



Prof. Dr. Márcio Augusto Meira
(Suplente Interno)
Belém-PA

BELÉM-PA
2022

Aos extrativistas da Resex Cajari-AP. Que vocês possam ser reconhecidos e valorizados, que seu trabalho dentro dos castanhais continue sendo a fonte de sustento e preservação da vida e do território.

A meu pai, Francisco Antônio e minha mãe, Francineide Teles.

A todos os sujeitos do campo, das águas e da floresta. Essa pesquisa é dedicada a vocês, populações tradicionais da Amazônia, que nossa pluralidade e diversidade de formas de vida possam ser nosso instrumento de resistência e luta pela permanência do território. Somos nós por nós mesmos.

AGRADECIMENTOS

O sentimento que tenho, neste momento, é de gratidão, pois a concretização deste trabalho é resultado do engajamento de muitas vozes, e de várias mãos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que folhas em branco fossem gradualmente preenchidas, dando assim, vida a esta pesquisa.

Inicialmente agradeço a Deus, foi ele que providenciou tudo para que eu pudesse concretizar o sonho de chegar a pós-graduação. Foi ele que abriu caminhos, me encheu de força, esperança e me ergueu quando pensei em parar e não prosseguir no desafio acadêmico chamado de mestrado. Sei que ele agiu, pois escrever esta pesquisa só foi possível graças ao apoio de pessoas maravilhosas que ele me apresentou ao longo desta jornada.

Agradeço imensamente a minha família, seu Francisco, dona Neide e meus dez irmãos, é muito importante saber que posso sempre contar com vocês. Obrigada por toda a motivação, e especialmente por confiarem tanto em mim. Mesmo distante, vocês estiveram presentes e nunca mediram esforços para me apoiar. Pai, mãe, manos, é para vocês e por vocês cada segundo dedicado a esse trabalho. Eu ainda não sou “a doutora”, mas estou empenhada em sonhar novamente esse sonho com vocês. Meu muito obrigada!

Ao meu companheiro, Alcifran Viana, agradeço pela parceria nas leituras, pela paciência e cuidado em todos os dias em que estive dedicada ao processo de escrita desta dissertação. Na alegria, na tristeza, nos momentos de tensões e de dúvidas você esteve a meu lado, me reerguendo, me fazendo lembrar de quem somos e dos motivos que nos trouxeram até aqui. Só tenho a agradecer pelo incondicional companheirismo. Te amo!

Agradeço de maneira especial à comunidade de Água Branca do Cajari, minha terra, por me receber de volta no território, de braços abertos e com tanto carinho. Não tenho palavras para expressar o quanto foi marcante falar da nossa gente, mostrar nossas riquezas e apresentar a diversidade de saberes presentes em nossos modos de vida e no trabalho da coleta de castanha. A vocês meus interlocutores, castanheiros e castanheiras, homens e mulheres da floresta, obrigada pela honra e por me permitirem contar suas histórias de vida e registrar suas vozes. Prometo que elas serão ecoadas para além das fronteiras do Norte e suas gerações saberão quem foram vocês.

Agradeço as pessoas que dão vida e sentido ao Museu Emílio Goeldi, obrigada pela acolhida. Me sinto imensamente orgulhosa de ter tido a oportunidade de fazer parte dessa instituição tão importante para a produção de estudos amazônicos, assim como foi um prazer

imenso também compor o grupo da primeira turma de Mestrado de Diversidade Sociocultural desta célebre instituição.

Gratidão aos professores e amigos, em especial, Emílio, Michelly, Marcele, Nizan e Vera, vocês foram fundamentais nessa caminhada, dando apoio, trocando experiências e aprendizados. Enfim, obrigada pela parceria do início ao fim, até porque nosso lema era que “Ninguém solta a mão de ninguém”.

Por último e não menos importante, meu reconhecimento e admiração à professora Lúcia Hussak van Velthem. Obrigada pela excelente orientação e pelas contribuições enriquecedoras que trouxe a nossa pesquisa. Sou grata por me escolher e acolher com tanto carinho e respeito nesse momento tão desafiador que foi entrar no universo antropológico e enxergar a Amazônia com maior sensibilidade.

Saiba que você fez um ótimo trabalho e juntas chegamos até aqui. Gratidão, querida orientadora! Foi uma honra tê-la ao meu lado neste percurso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)- Código de financiamento 001, desse modo, meu muito obrigada pelo amparo a pesquisa.

A todos meu muito obrigada!

Canto dos Castanhais

“A vida que leva essa gente é um canto plangente, no meio dos castanhais. Tem som de facão no ouriço, de castanha entre os dentes, de pele nos espinhais”

(Val Milhomen e Joãozinho Gomes).

RESUMO

O extrativismo da castanha-do-pará ou castanha-do-brasil é uma atividade que tem grande importância socioeconômica em diversas comunidades amazônicas. Esse recurso natural, além de ser fonte de alimento para as populações extrativistas, oferece a possibilidade de renda o ano inteiro, com a comercialização, tanto in natura como beneficiada, da castanha. Na Reserva Extrativista do Rio Cajari (Resex Cajari), localizada na porção sul do Amapá, a conservação do território está diretamente ligada a essa espécie, uma vez que foi devido aos maciços castanhais nativos, concentrados na região, que a população local se organizou para conquistar a identidade extrativa, e o direito de permanecer e explorar a riqueza natural do território. A presente dissertação tem por objetivo desenvolver uma etnografia sobre como se constitui e se efetiva o extrativismo da castanha-do-brasil na Resex Cajari (Amapá). A partir de uma abordagem de campo, por meio de entrevistas e do método da observação participante, buscou-se apresentar a dinâmica cotidiana presente no espaço do castanhal e os processos produtivos que compreendem a coleta e o beneficiamento dessa amêndoa. Destaca-se para tanto, as manifestações culturais, as interrelações nos espaços dos castanhais, os saberes, as práticas e os conhecimentos tradicionais associados ao trabalho de homens e de mulheres que desenvolvem a extração da castanha na região.

Palavras-chave: extrativismo da castanha-do-brasil; comercialização; conhecimentos tradicionais; Reserva Extrativista Rio Cajari.

ABSTRACT

The extraction of Brazil nuts is an activity that has great socioeconomic importance in several Amazonian communities. This natural resource, besides being a source of food for the extractivist populations, offers the possibility of income all year round, with the commercialization, both in natura and beneficiated, of the nut. In the Cajari River Extractive Reserve (Resex Cajari), located in the southern portion of Amapá, the conservation of the territory is directly linked to this species, since it was due to the massive native chestnut groves, concentrated in the region, that the local population organized themselves to conquer the extractive identity, and the right to remain and exploit the natural wealth of the territory. This dissertation aims to develop an ethnography on how the Brazil nut extractivism in the Resex Cajari (Amapá) is constituted and effective. From a field approach, through interviews and participant observation, we sought to present the daily dynamics present in the space of the Brazil nut grove and the productive processes that comprise the collection and processing of this almond. To this end, we highlight the cultural manifestations, the interrelationships in the Brazil nut areas, the traditional knowledge, practices, and knowledge associated with the work of men and women who develop the extraction of Brazil nuts in the region.

Keywords: Brazil nut extractivism; commercialization; traditional knowledge; Rio Cajari Extractive Reserve.

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1 – Reserva Extrativista do Rio Cajari.....	35
Figura 2 – Mapa representativo das comunidades tradicionais presentes na Resex Cajari.....	36
Figura 3 – Representação geográfica do território sul do estado do Amapá, anteriormente ocupado por diversos grupos indígenas (Menejou, Tomokom, Wayampi, Apariri e Tocoynne).	38
Figura 4 – Desenho de mapa do Castanhal Barrinha Velha.....	52
Figura 5 – Desenho do mapa do castanhal do Japim.....	53
Figura 6 – Ramal que representa uma área de extrema.....	55
Figura 7 – Acesso aos castanhais por rio (A) e por terra (B).	60
Figura 8 – Vista da construção do barraco Barrinha velha.....	67
Figura 9 – Vista aérea do local onde ocorreu a tragédia da queda da castanheira sobre um barraco.....	68
Figura 10 – Cambito encaixado no ouriço.....	70
Figura 11 – Extrativista confeccionando um <i>cambito</i>	71
Figura 12 – Extrativista com um paneiro preso às costas.....	72
Figura 13 – Castanheiro confeccionando um <i>paneiro</i>	73
Figura 14 – Castanheiro segurando as alças do <i>paneiro</i>	75
Figura 15 – Castanheiro utilizando a <i>arreata</i> na cabeça.	76
Figura 16 – Fotografia de uma <i>machadinha</i>	77
Figura 17 – Dona Francisca Teles (A) e Dona Raimunda Peruana Teles (B).....	105
Figura 18 – Prédio da cozinha comunitária da AMAC.	113
Figura 19 – Feira das mulheres AMAC.	114
Figura 20 – Banner de convite para o Culto dos Castanheiros (A). Lembranças entregues aos castanheiros e medalha (B).....	125
Figura 21 – Fotografia do primeiro Fest Castanha.	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Objetivos geral e específicos da pesquisa	17
Trajectoria pessoal e motivação para a pesquisa	17
Os caminhos desta pesquisa	19
Investigação em campo	19
Levantamento bibliográfico	21
Coleta de dados na comunidade Água Branca do Cajari	22
Interlocutores da pesquisa	24
A observação participante	25
Entrevista semiestruturada	25
A fotografia	26
Cartografia social	27
A roda de conversa	27
Estrutura da pesquisa	28
CAPÍTULO I	30
ENTRE CASTANHAIS: PROCESSOS DE FORMAÇÃO E CRIAÇÃO DA RESEX CAJARI	30
1 A ocupação do Sul do Amapá: uma resistência histórica em defesa do território	30
1.2 O atual território da Resex Cajari: três décadas de consolidação	35
1.3 A castanheira (<i>Bertholletia excelsa</i>): características gerais	36
1.4 Os castanhais e seus agentes: algumas hipóteses de formação dessas áreas	37
1.5 Um Ensaio Visual da Castanheira	41
1.5.1 SESSÃO FOTOGRÁFICA 1: A ESPÉCIE ADULTA	42
1.5.2 SESSÃO FOTOGRÁFICA 2: INFLORESCÊNCIAS	44
1.5.3 SESSÃO FOTOGRÁFICA 3: OURIÇOS E SEMENTES	47

CAPÍTULO II	49
O EXTRATIVISMO E A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O CASTANHAL	49
2.1 O castanhal e sua dinâmica de organização	49
2.2 Da casa para o barraco: entre avanços e desafios	59
2.3 As fases do “tempo bom” e do “tempo ruim”	60
2.4 Mobilidade	61
2.5 Relações comerciais	62
2.6 Preços	64
2.7 As etapas e os processos de coleta da castanha-do-brasil	67
2.7.1 O barraco	67
2.7.2 Os objetos e seus usos no processo da coleta	69
2.7.3 A fase de ajuntar e o uso do cambito.....	69
2.7.4 A confecção do cambito	71
2.7.5 A fase de amontoar e o uso do paneiro.....	72
2.7.6 A confecção do paneiro	73
2.7.7 A fase de quebra e o uso da machadinha.....	77
2.8 Relato de minha experiência no castanhal Barrinha Velha	79
2.8.1 A caminho do castanhal: percurso e instalação	81
2.8.2 Um dia de trabalho do castanheiro	84
2.9 Um ensaio visual sobre o trabalho no castanhal	89
2.9.1 SESSÃO FOTOGRÁFICA 4: UM DIA NO CASTANHAL.....	89
CAPÍTULO III:	104
PROCESSOS PRODUTIVOS NA COMUNIDADE E O PROTAGONISMO FEMININO	104
3.1 O protagonismo das mulheres para além dos castanhais	104
3.2 Criação da AMAC: da cozinha individual casa para a cozinha coletiva	111

3.3 O uso da castanha dentro e fora das comunidades: perspectiva cultural e perspectiva econômica	115
3.3.1 Criados no leite da castanha	116
3.4 Um ensaio visual da culinária da comunidade da Resex Cajari	118
3.4.1 SESSÃO FOTOGRÁFICA 5 – SABORES DA CASTANHA.....	119
3.5 Castanha-do-brasil: cultura e tradição na comunidade da Resex Cajari	123
3.5.1 Culto dos castanheiros	124
3.5.2 O Fest castanha.....	125
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127

INTRODUÇÃO

No estado do Amapá o extrativismo da castanha-do-pará ou castanha-do-brasil, realizado na parte sul da região, se destaca por ser uma atividade de elevada importância socioeconômica (ZUIDEMA, 2003), principalmente para as populações tradicionais que residem no interior da Reserva Extrativista do Rio Cajari (Resex Cajari).

O território que hoje se sobrepõe à Resex Cajari tem historicamente seu processo de ocupação ligado às atividades extrativas de natureza animal e vegetal. Contudo, é a castanheira (*Bertholletia excelsa*), a espécie vegetal que possui maior expressividade em termos de produtividade e retorno financeiro, por haver nessa região uma grande concentração de castanhais nativos¹ e comerciantes a procura da produção gerada nessas áreas.

Na porção sul do estado do Amapá, a coleta da castanha-do brasil, terminologia que é utilizada pelos interlocutores da pesquisa e, portanto, adotada nessa dissertação, se configura como um ato de resistência da população local. A conquista do direito à permanência na terra e a exploração dos castanhais foi marcada por episódios de conflitos contra o avanço do desmatamento, gerados por grandes empresas que ameaçavam diretamente a biodiversidade local e, principalmente, os castanhais de onde essa população tirava o sustento das famílias (HOMMA,1993).

Em virtude desses enfrentamentos, as comunidades da região passaram a se mobilizar coletivamente e, através da organização social e política, asseguraram seus modos de vida tradicionais, a partir da preservação do território, com a criação da Reserva Extrativista do Rio Cajari² em 12 de março de 1990. Atualmente, a extensão territorial da Resex Cajari é de mais de 501.771 ha de floresta e contabiliza 23 comunidades tradicionais, entre quilombolas, ribeirinhos, assentados e extrativistas, que se utilizam dos recursos naturais dessa Resex para sua subsistência. Essas comunidades são detentoras de saberes, costumes, crenças e conhecimentos singulares que contribuem com a própria manutenção e preservação do ambiente (ALMEIDA 2009; CUNHA, 2009; DIEGUES, 2008).

¹ De 2009 a 2014, por meio do projeto Carbono Cajari, os castanhais situados dentro na respectiva área de preservação da Resex Cajari foram mapeados com envolvimento direto dos extrativistas locais, e contabilizou-se 71.389 árvores da *Bertholletia excelsa* em 321 castanhais (EULER, et al., 2017).

² De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), uma Reserva extrativista consiste em “área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (BRASIL, 2000).

De modo geral, o território que abrange a Resex Cajari é alvo de muitas pesquisas. Na literatura há diversos estudos de diferentes áreas do conhecimento, como História, Geografia, Biologia que trazem enfoque para *Bertholettia excelsa* (BENTES et al., 2007; TONINI; BORGES, 2010; TONINI et al., 2017; SILVA et al., 2020), gestão ambiental (CAMPOS; MATTOS, 2011; SANTOS, 2011; COSTANTI; NOGUEIRA, 2018) biodiversidade e manejo sustentável (PAIVA; GUEDES, 2008; SOUSA et al., 2011; FONSECA et al., 2018; BOTELHO et al., 2019).

Entre estes trabalhos, destaco aqui as pesquisas desenvolvidas por Marcelino Guedes, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) do Amapá, dedicadas à renovação dos castanhais, através do manejo de mudas em roçados, no sul do estado. Assim como as pesquisas de Antônio Sérgio Filocreão que vem atuando junto às comunidades extrativistas, desde a criação da Resex Cajari, discutindo temas ligados à economia local, desenvolvimento econômico, sustentabilidade e extrativismo no território sul do estado do Amapá.

Existem outras pesquisas sobre as castanheiras no território amazônico que abordam os aspectos relacionados com as características agrônômicas da espécie, o plantio, produção dos frutos, germinação de sementes; regeneração, polinização etc. (COSTA, 2018; TONINI, 2013; SCOLES, 2015, 2019; BERNADES et al, 2003) e que são igualmente relevantes para a compreensão do estudo em pauta.

Contudo, destaco que há poucos estudos acerca do extrativismo da castanha-do-brasil com enfoque antropológico e etnográfico, voltados especificamente para a compreensão e análise dos conhecimentos, práticas e saberes das comunidades extrativistas, dentre outros tipos de interações que são formadas no cotidiano dos sujeitos que vivem nos castanhais da Resex Cajari. Daí a importância de se focar essas comunidades tradicionais, que vivem nesses espaços, e, sobretudo, em se descrever com maior profundidade as atividades desenvolvidas, dentro dos castanhais, pois em tempos em que se busca preservar a floresta em pé e a biodiversidade dos ecossistemas é fundamental ter um olhar mais atento para as pessoas que ajudam a conservar esses espaços.

Em virtude do pouco volume de estudos etnográficos, voltados para a compreensão das relações e da dinâmica produtiva dos sujeitos da Resex Cajari, é que me propus a pesquisar este tema, a fim de valorizar não apenas a castanha-do-brasil em si, mas sim de voltar o olhar, de forma especial, para todos os sujeitos envolvidos nessa atividade extrativa, seus modos de vida,

conhecimentos, o trabalho, o seu passado e cultura, elementos estes que estão intrinsecamente ligados à essa espécie vegetal que é tão importante nessa região.

Objetivos geral e específicos da pesquisa

Esta dissertação tem como objetivo principal compreender e analisar por meio de uma descrição etnográfica, como se constitui e se efetiva o trabalho dos extrativistas nos castanhais da Reserva Extrativista do Rio Cajari. A construção etnográfica possibilitou adentrar o contexto sociocultural dos interlocutores e, desse modo, conhecer seus valores, comportamentos, crenças e visões de mundo (TRONCHIN; TSUNECHIRO, 2005).

Como objetivos específicos elencamos: documentar os aspectos de formação do território em questão; analisar o modo de vida da comunidade extrativista, descrever os saberes tradicionais, as práticas, a cultura material bem como os sujeitos envolvidos na coleta da castanha, suas relações, conexões e interações, estabelecidas nos espaços de trabalho e evidenciar o papel ocupado pelas mulheres da comunidade dentro da cadeia produtiva dos castanhais, assim como as tradições culturais envolvendo os diferentes usos das amêndoas pelos extrativistas da Resex Cajari.

Trajectoria pessoal e motivação para a pesquisa

Atualmente o extrativismo da *Bertholletia excelsa* continua desempenhando um papel importante na geração de renda para homens e mulheres da Resex Cajari. Entretanto, para além de seu aspecto econômico, a coleta da castanha-do-brasil se constitui como base identitária dos castanheiros do sul do Amapá. Afirmando isso enquanto pesquisadora, que se dedicou a fazer um recorte analítico sobre a riqueza e diversidade de saberes empregada nessa atividade econômica, mas também a partir de meu olhar de pertencimento sobre as comunidades estudadas, uma vez que o território da Resex Cajari é meu lugar de origem, e, por isso é minha cultura também e parte do meu passado e da minha história.

Filha de castanheiros e criada no território da Resex Cajari, observei de perto, desde criança, toda esta dinâmica do extrativismo de castanha, entretanto, muito dessa complexidade me passou despercebida, justamente por acompanhar esta realidade com tamanha proximidade. Meu olhar sobre o espaço onde cresci foi, por muito tempo, naturalizado e foi apenas quando precisei me afastar, e assim fazer a cisão da minha comunidade, me foi possível enxergar as pessoas, a cultura, o trabalho, e assim perceber a riqueza presente no território e entender o porquê de sermos um grupo diferenciado. Esse processo não foi um percurso fácil e se iniciou com minha entrada na vida acadêmica.

Em 2014 ingressei no ensino superior, em processo seletivo específico para os povos das águas e da floresta, no qual minha vivência diária com a diversidade sociocultural do campo amapaense me permitiu ser aprovada. O curso de *Licenciatura em Educação do Campo: Ciências agrárias e Biologia*, me possibilitou, por meio de intercâmbios entre as mais diversas comunidades do estado do Amapá (Laranjal do Jari, Oiapoque, Mazagão etc.), realizar práticas pedagógicas voltadas para o conhecimento e valorização de meu território, e, dessa forma, percorrer outros caminhos que me permitiram ter um pensamento mais crítico e um entendimento mais amplo sobre minha realidade.

No contexto da academia tive a chance de viver em quatro anos os pilares da Universidade, o ensino, a pesquisa e extensão. Fiz parte dos programas de iniciação científica, fui bolsista de extensão e colaboradora de um projeto de pesquisa sobre a castanha-do-brasil na Resex Cajari. Nessa inserção é que passei a ter interesse em estudar meu território, mas não sabia exatamente sobre o que pesquisar, uma vez que já havia muitos estudos realizados na comunidade.

A resposta aos meus anseios para pesquisar o trabalho extrativo na Resex Cajari veio somente no ano de 2017, quando fiz uma viagem para participar de um congresso em Fortaleza-CE. Nesta cidade, percebi que, em termos econômicos, a castanha-do-brasil era muito mais “valorizada” do que na região Norte, pois o preço agregado aos produtos industrializados denunciava que o consumo das amêndoas era praticamente um “artigo de luxo”. Para mim foi algo bastante inusitado saber, que pelo mesmo valor de R\$ 30,00 pagos em uma embalagem contendo poucas gramas de castanha, conseguia-se comprar até 20 litros³ desse produto, in natura, na minha comunidade.

Ver poucas unidades de castanha embaladas e comercializadas por preços tão exorbitantes me trouxe muitas reflexões, acerca da questão do trabalho de coleta da castanha em Água Branca do Cajari. Enquanto filha de extrativista, eu já sabia previamente que os castanheiros, que estão na base dessa cadeia produtiva e que trabalham tão duramente nessa atividade, são os que menos têm retorno financeiro sobre a castanha. Todavia, não tinha ainda a real dimensão do quanto o valor da castanha aumentava, quando o produto era escoado para fora da comunidade.

³ Na Resex Cajari é possível comprar castanha de forma fracionada, em litros e quilos (kg) quando a venda é feita em pequenas quantidades. Entretanto, em escala maior, a produção, vendida para os atravessadores é realizada pela unidade de medida local chamada de “barrica”, que equivale a seis latas/baldes de castanhas, e cada lata possui capacidade de 20 litros de castanha.

Diante da experiência acima mencionada, me vieram alguns questionamentos, entre eles: será que o consumidor final principalmente aquele que está fora da região amazônica, conhece a cadeia produtiva da castanha? Será que ele ao menos sabe como é um ouriço? Ou, será que ele se pergunta de onde vem esta iguaria? Ou, mesmo, como é a vida dos extrativistas que estão na base produtiva dessa atividade econômica?

Dessa forma, neste estudo, me proponho a trazer essas informações, a fim de valorizar e dar visibilidade à atividade extrativista realizada pelas comunidades da Resex Cajari e, principalmente, a todos os sujeitos envolvidos na extração da castanha. Busco evidenciar que por trás dessa atividade econômica existem famílias, saberes, práticas e conhecimentos tradicionais e culturais que necessitam de ser mais valorizados e reconhecidos.

Os caminhos desta pesquisa

A metodologia utilizada, se embasou na literatura antropológica e metodológica para orientar os passos que foram seguidos para a elaboração do presente estudo. Aqui, cada etapa é descrita de acordo com o que foi executado em campo, indicando-se os autores que fundamentaram o método antropológico utilizado: levantamento bibliográfico, observação participante, fotografia, cartografia social, entrevistas semiestruturadas e a roda de conversa, todos devidamente detalhados abaixo.

Investigação em campo

Considerando que a presente pesquisa tem como foco a “descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e definida pelos seus próprios atores (MINAYO, 2001), optou-se por utilizar como procedimento de investigação uma abordagem do tipo qualitativa. Essa metodologia se mostra uma ferramenta eficaz, uma vez que os procedimentos norteados por ela se desenvolvem dentro de um aspecto particular, ligado a “um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes e a um espaço mais profundo das relações dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001 p. 22), logo, não podem ser quantificáveis.

Nesse contexto, Chizzotti (2003) afirma que:

(...) O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este primeiro contato, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia, competência científica, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p.224).

É no contexto apresentado que, no campo das pesquisas qualitativas, a abordagem etnográfica traz importantes contribuições metodológicas, uma vez que ela “procura identificar o significado das relações sociais de classe, etnia, linguagem, gênero, e a cena imediata onde estas relações se manifestam”. Ao fazer uso desse método, o pesquisador se preocupa em descrever os significantes, bem como a forma que são produzidos, percebidos, interpretados e compreendidos, ou seja, ele se interessa pelas particularidades de um grupo estudado (MATTOS, 2001).

Na investigação científica etnográfica é preciso viver com o “outro”, pois, “não basta apenas observar, não basta somente entrevistar os interlocutores, não basta conhecer os documentos materiais ou ideológicos de uma cultura. É preciso vivenciá-la!” (GOMES, 2011, p. 56). De modo geral, etnografar se torna um exercício desafiador, uma vez que é preciso se desprender de si para incorporar o conjunto das expressões coletivas presente na estrutura social de uma outra sociedade (PELEGRINE; FUNARE, 2008; ORY, 2008).

Por meio da etnografia, os significados emergem da relação estabelecida em campo, tendo em vista que o pesquisador faz uma observação direta da realidade e daqueles que investiga, ou seja, ele se entrega à experimentação da rotina e à participação nas várias atividades de interesse. Isso permite que os “nós de incompreensão percebidos pelo pesquisador pouco a pouco se dissolvam por um complexo processo de aprender fazendo” (VIERTLER, 2002, p.16).

Clifford Geertz (1989) pondera que através dessa ferramenta investigativa é possível fazer uma “descrição densa” do fenômeno estudado, mas para isso é preciso:

Estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante, esse conjunto de técnicas e métodos apesar de fornecerem uma gama de informações eles não definem uma boa etnografia, pois isso depende do “esforço intelectual” empregado na interpretação dos dados coletados (GEERTZ, 1989, p.15).

A partir das observações tecidas sobre o emprego da etnografia na pesquisa qualitativa, adotou-se para essa dissertação a combinação de diferentes métodos e instrumentos para complementar a pesquisa, sendo eles: o levantamento bibliográfico, a observação participante, fotografia, cartografia social, entrevistas semiestruturadas e a roda de conversa e que serão detalhados abaixo. Visamos com eles interpretar o fenômeno investigado, assim como decodificar os sujeitos, suas práticas, saberes e testemunhos sobre a atividade extrativista da castanha na Resex Cajari.

Levantamento bibliográfico

A revisão bibliográfica é uma etapa importante para subsidiar a pesquisa etnográfica, uma vez que é necessário fazer um mapeamento da produção científica a respeito do tema e da região alvo da pesquisa, para posteriormente iniciar o trabalho de campo (MAINARDES, 2009). Nessa construção teórica-metodológica, sinalizo que o meu distanciamento das áreas de ciências humanas e da etnografia, interferiram na escrita da dissertação e, assim, há lacunas na discussão, principalmente relacionadas com diálogos com as grandes referências antropológicas.

Ao longo do curso de pós-graduação em Diversidade Sociocultural, cursei disciplinas que me forneceram leituras voltadas para uma apresentação geral da antropologia e que trouxeram importantes contribuições para meu entendimento dessa ciência, e sobre os principais autores e correntes teóricas que fundamentam os conceitos sobre o estudo das sociedades humanas e suas culturas.

A partir dessa introdução às ciências humanas, destaco dois livros: o “Guia prático da antropologia” (1971) e o “Manual de Etnografia (1992)” este do antropólogo Marcel Mauss, que foram extremamente relevantes para ampliar minha compreensão sobre como prosseguir na investigação etnográfica. Nesse sentido é conveniente falar que as escolhas das abordagens metodológicas aqui adotadas partiram dessas leituras, visto que elas apontaram os caminhos e forneceram um conjunto de informações de como devemos interpretar o universo pesquisado e nos comportar em campo, ou seja, a observar a totalidade do modo de vida em que se insere as pessoas.

Na condição de pesquisadora iniciante, Roberto Cardoso de Oliveira (1996) se tornou para mim uma referência primordial, principalmente no momento de fazer a observação participante, onde exerci na prática o que o autor discute sobre o trabalho do antropólogo de olhar, ouvir e escrever sua vivência em campo. Para compreender antropologia e “o homem na sua totalidade” François Laplantine (2003) forneceu subsídios que me ajudaram a perceber as múltiplas dimensões que os sujeitos estão inseridos espaço cultural. Para ter o entendimento da realidade e de todos os aspectos condicionados à estrutura da sociedade, Clifford Geertz (1989; 2008) foi o autor que influenciou diretamente a escolha do método etnográfico, para interpretar e descrever meu campo de estudo.

No que tange a construção teórico-metodológica desse estudo, além das referências de cunho antropológico, busquei na literatura trabalhos específicos a respeito da temática sobre a exploração de castanha-do-brasil na Amazônia. Esse levantamento contou com o mapeamento

das principais publicações sobre a gestão, manejo sustentável, organização política, social e biodiversidade da Resex Cajari. Nesse sentido, teses, dissertações e artigos de diferentes áreas de pesquisas como a das ciências naturais, geografia e história foram analisados para entender quais questionamentos haviam sido realizados sobre o tema.

Entre as obras que me auxiliaram no trajeto da pesquisa destaco aqui algumas que se aproximaram do enfoque de meu estudo e contribuíram para uma compreensão mais ampla da atividade extrativista, tanto no território amapaense como em outros estados da região Norte. Dentre elas o livro de Antônio Sergio Filocreão (2007) “História do agro extrativismo na Amazônia Amapaense”, uma grande referência no estudo da região sul do Amapá, que traz um panorama geral da construção social e política do sul do Amapá, e Katia Souza Rangel (2012) que apresenta em suas pesquisas o modo de vida das populações da Resex Cajari, enfatizando o papel de homens e mulheres em torno da atividade extrativista da castanha-do-brasil no Alto rio Cajari.

Etnograficamente os estudos desenvolvidos pelo antropólogo Igor Scaramuzzi, com a população quilombola do Alto trombetas, no norte do estado do Pará, foi a grande referência para a minha pesquisa, por se tratar de um trabalho que descreve em riqueza de detalhes o extrativismo comercial da castanha-do-brasil e as relações de “interdependência e cooperação” existente nos espaços do castanhal, entre os humanos e não humanos.

Coleta de dados na comunidade Água Branca do Cajari

O campo de estudo a comunidade Água Branca do Cajari se configurou como um grande desafio para mim, por estar no papel de moradora e pesquisadora da comunidade. Nesse exercício de etnografar o espaço onde nasci, assumi o compromisso e a responsabilidade de seguir a investigação do tema em questão dentro dos parâmetros éticos e morais, que o pesquisador, nativo ou não, deve conduzir um estudo científico.

Partindo dessa premissa, a primeira atividade efetuada antes de realizar a ida à campo, foi o contato via telefone com o presidente da Associação dos Trabalhadores do Alto Cajari (ASTEX-CA), informando-o sobre o mestrado e meu interesse em estudar o extrativismo da castanha na comunidade de Água Branca do Cajari. Também fui, pessoalmente, ao órgão gestor da reserva, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) receber autorização para realizar a pesquisa no território sul do Amapá.

O passo seguinte foi a reunião com os moradores da comunidade de Água Branca do Cajari para socialização do tema da pesquisa. O encontro aconteceu na sede da associação

ASTEX-CA e contou com um grupo representativo de homens e mulheres. A apresentação se deu de forma clara, e cada tópico do projeto foi devidamente esclarecido, dando ênfase, principalmente, aos objetivos da pesquisa.

Após encerrar minha fala, cedi espaço para ouvir os participantes da reunião e todas as manifestações em relação à pesquisa foram positivas. Segundo os comentários dos ouvintes comunitários, a ideia de ter um pesquisador nativo é um fator relevante para a região, pois na concepção deles é mais fácil cobrar os resultados da pesquisa. Com a finalização da exposição ficou acordado, entre os presentes, a aprovação da temática a ser desenvolvida na comunidade e o consentimento coletivo para proceder ao desenvolvimento da pesquisa.

A observação participante aconteceu somente no castanhal da minha família e meu pai, Francisco Antônio, que faz parte da pesquisa, foi meu principal interlocutor de campo. Nessa etapa foram realizadas duas viagens para o castanhal Barrinha Velha e em ambas eu permaneci fazendo a observação por três dias para registrar a vivência dentro dos castanhais e entender as relações e interações desse espaço.

Todas as minhas observações foram anotadas em caderno de campo, item que não pode faltar na pesquisa etnográfica, bem como foram feitos registros fotográficos que contabilizam um rico acervo de informações para esse trabalho.

A realização das entrevistas ocorreu somente depois da vivência experimentada, pois procurei compreender o objeto de estudo primeiramente pela observação ativa e contato direto com o castanhal, para posteriormente conhecer, através dos relatos, a percepção que os demais sujeitos tinham sobre os castanhais.

Cada entrevista se deu de acordo com a disponibilidade dos sujeitos da pesquisa e seguiu um roteiro previamente elaborado, que permitiu obter respostas sobre o extrativismo da castanha na Resex Cajari, o que incluiu: histórico do castanhal, gestão da área (localização e tamanho da área), organização e relação familiar na atividade extrativa, organização da coleta, saberes, práticas, as interrelações construídas com as árvores de castanheiras e a importância que a atividade extrativa tem para estes sujeitos. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos interlocutores e teve como instrumento de coleta de dados, o gravador de celular.

Depois do levantamento e das informações arroladas, ressalta-se que foi solicitado ao entrevistado que elaborasse um mapa de sua área extrativa, cujo objetivo era compreender as relações que esses sujeitos tinham com o espaço de trabalho, em seus próprios castanhais. Para essa etapa, utilizou-se cartolinas brancas e pincéis coloridos para a representação dos elementos

do castanhal no papel e todos os desenhos contaram com a colaboração dos filhos dos interlocutores, pois afirmavam não ter habilidade com o pincel.

Nesse sentido, os mapas foram construções conjuntas, porém isso não interferiu na percepção dos sujeitos da pesquisa, pois os filhos, por terem o conhecimento da área que trabalham, foram fontes de informações importantes nos momentos em que a memória dos pais falhava.

Na coleta de dados com o grupo feminino, foi realizado um encontro na sede da associação da comunidade. A princípio seriam feitas entrevistas individuais, mas a partir das conversas que realizei na comunidade, percebi que as informações eram compartilhadas com maior riqueza de detalhes quando elas se encontravam em grupos. Por essa razão, utilizei a roda de conversa para conhecer as mulheres castanheiras da Resex Cajari. Nesse encontro, marcado por uma especificidade, pois o grupo contava com três gerações de mulheres extrativistas - avó, filha e neta - que dialogaram sobre suas vivências em diferentes épocas, fez dessa pesquisa um momento de aprendizado para todas as pessoas presentes.

Para o início do diálogo nos sentamos em círculo, e antes de iniciar recebi autorização para gravar o momento de socialização. Os eixos temáticos que nortearam a conversa se deram a partir de perguntas, a saber: Como era e como está a relação das mulheres dentro da atividade da castanha? Em que atividades as mulheres trabalham no castanhal? Como ocorre a divisão de tarefas no trabalho com a castanha? O que se faz com a castanheira? Com a castanha? Como faz? A partir de qual momento as mulheres passaram a ter autonomia financeira na atividade da castanha? Como melhorou? Como foi essa organização e qual sua relação com a castanheira? O que essa árvore representa?

Aliado a essa metodologia, fui pessoalmente nas casas dessas mulheres conferir o cotidiano delas na comunidade castanheira para, assim, contextualizar o espaço de vivência e compreender as mudanças ocorridas ao longo dos anos na esfera do trabalho doméstico e produtivo dessas mulheres.

Interlocutores da pesquisa

Ressalto que nossa pesquisa de campo foi realizada na comunidade de Água Branca do Cajari, no período de 23 de janeiro a 27 de fevereiro de 2020 e nesse tempo de estadia, foi possível fazer os levantamentos dos dados necessários para a pesquisa. O planejamento inicial, entretanto, indicava que seriam realizadas mais horas de observação participante, porém,

devido ao contexto avassalador que a pandemia da Covid-19 causou no mundo, não foi possível realizar mais viagens.

Para conhecer os aspectos históricos da Resex Cajari, bem como as práticas e saberes ligados à organização dos castanhais da região, foram entrevistados oito castanheiros, dois jovens de 20 e 26 anos de idade e, os demais sujeitos, com faixa etária entre 50 e 68 anos, sendo que todos possuem área de coleta de castanha e são moradores da comunidade de Água Branca do Cajari. Para discutir a presença feminina na atividade da castanha, foram selecionadas 15 mulheres e, juntas, elas formaram um grupo bem dinâmico com faixa etária de 15 a 90 anos de idade, sendo elas filhas e esposas de castanheiros da comunidade.

A observação participante

A pesquisa etnográfica e o trabalho de campo são fundamentais em todas as suas dimensões (ANDRÉ, 1995). Nesse processo, além da inserção nos modos de vida do grupo alvo do estudo, o pesquisador deve desenvolver um certo estranhamento e a capacidade de não apenas “ver”, mas “olhar” e perceber a realidade dos sujeitos, descrever suas vivências cotidianas de maneira que cada detalhe não passe despercebido durante a pesquisa (LAPLANTINE, 2004). Para Geertz (2008), o pesquisador deve fazer um esforço intelectual, no sentido de representar, interpretar e reconstruir as cenas no campo, obtidas através de um diálogo com a teoria.

A etnografia nos permite retratar de forma mais realista o campo estudado e a observação participante tornam-se instrumento que permite “experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais” o processo da pesquisa (CLIFFORD, 2002). Entretanto, a “qualidade da observação, depende da sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” uma vez que etnografia é a escrita do visível (MATTOS, 2011, p. 54).

Entrevista semiestruturada

Considerando os objetivos propostos para essa dissertação, optamos por utilizar a técnica da entrevista semiestruturada, com questões abertas para complementar as informações que não foram possíveis de se obter pela observação participante. Dessa forma, realizei uma visita na casa de cada interlocutor e, mediante uma conversa, busquei investigar quais eram os procedimentos adotados por eles durante a realização da coleta da castanha-do-brasil em suas respectivas áreas.

A entrevista, nesse sentido, torna-se um encontro entre duas pessoas, para que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação. O uso dessa abordagem, por se tratar de um instrumento flexível para a coleta dos dados, propicia vantagens na investigação, pois os dados muitas vezes não se encontram em fontes documentais que sejam relevantes e significativas, além disso, a entrevista semiestruturada possibilita que se consiga informações mais precisas (MARCONI; LAKATOS, 1996).

Para Boni e Quaresma (2005) a principal vantagem da entrevista é combinar perguntas abertas e fechadas, a partir das quais, ao se perceber que algum assunto necessita de mais atenção ou uma explicação mais detalhada, o pesquisador poderá intervir e conseguir mais informações. Nesse contexto investigativo o pesquisador apenas reencaminha a entrevista para os objetivos, sempre que o entrevistado se afastar, para garantir autenticidade e profundidade dos dados recolhidos (QUIVY E CAMPENHOUDT, 2005).

A fotografia

Nas pesquisas antropológicas o uso da fotografia é apontado principalmente como técnica de pesquisa aplicada ao trabalho de campo, uma vez que o material visual é utilizado para dar autoridade e realismo ao relato etnográfico escrito (CALDAROLA, 1988). Assim, ao introduzir a fotografia no processo investigativo, o pesquisador, a partir da orientação antropológica, poderá completar as informações da pesquisa através do registro imagético.

Por meio do uso da fotografia os resultados da observação certamente terão maior rigor científico, e as informações serão mais precisas, pois através da objetividade da fotografia os dados nela contidos fornecem elementos que, muitas vezes, a objetividade da informação, deixa escapar à primeira vista (TIBALLE; JORGE, 2017).

Portanto, ao se fazer etnografia, os registros visuais figuram como uma excelente ferramenta para complementar as observações descritas no contexto que envolve o lugar da pesquisa, bem como enriquece em detalhes a cultura material e as práticas tecnológicas exercidas por uma determinada comunidade (ACHUTTI, 2004). Nesse contexto, os sujeitos sociais e seu modo de vida ganham expressão na paisagem fotografada, pois o uso da imagem constitui-se como um apoio de coleta de informação e reflexões para a construção da pesquisa, uma vez que o espaço está cheio de movimentos e de vida, que se encarrega de narrar a sua própria história (BURKE, 2004).

Nesse sentido, considerando que o material visual é utilizado para dar realismo ao relato etnográfico escrito (CALDAROLA, 1988), adotou-se a fotografia como instrumento para

apreender aspectos relevantes da organização espacial local e a dinâmica da vida das pessoas da comunidade, e humanisticamente comunicar melhor o que eu tenho a dizer para outros que querem “ver, ouvir e sentir” (ANDRADE, 2002, p.110-111).

Cartografia social

A Cartografia Social é uma proposta metodológica que busca valorizar o conhecimento tradicional, popular, simbólico e cultural mediante as ações de mapeamento de territórios tradicionais, étnicos e coletivos (GORAYEB; MEIRELES; SILVA, 2015). Através dessa metodologia, membros de um determinado grupo registram quem são, onde e como vivem, por meio do mapeamento (MARTINELLI (2003).

Dentre as práticas metodológicas que são utilizadas para construir os mapeamentos participativos, destaca-se as modalidades de cartografia efêmera, um método básico que envolve o traçado de mapas. A cartografia de escala envolve a produção de mapas mais sofisticados, que visam gerar dados de referências geográficas e, por último, se tem a modalidade de cartografia de esboço que é um método ligeiramente mais elaborado, onde se traça um mapa com base na observação ou memória. Esse método, que será utilizado na pesquisa não conta com medidas exatas, tais como escala consistente ou referências geográficas e se caracteriza por envolver o desenho de símbolos em folhas grandes de papel para representar as características da paisagem.

Diante disto, sabendo da importância da aplicação dessa ferramenta para obtenção de dados e da impossibilidade de realizar a observação participante nos castanhais dos interlocutores da pesquisa, optamos por utilizar a cartografia social juntamente com a entrevista para visualizarmos nos mapas a dinâmica de organização espacial dos castanhais da Resex Cajari

A roda de conversa

Partindo da premissa de que as interlocutoras da pesquisa eram mulheres com as quais cresci na comunidade de Água branca do Cajari, estabeleci para o momento de coleta de dados, a Roda de conversa, por se tratar de um grupo que já possuía relações sociais, a partir do lugar de vivência conjunta, e por compartilharem os mesmos desafios na atuação da cadeia produtiva da castanha-do-brasil. Nessas circunstâncias, a aplicação dessa metodologia me possibilitou conduzir as perguntas em um diálogo aberto, no qual houve espaço para cada mulher expor suas opiniões a respeito do seu papel dentro do extrativismo da castanha na região.

Segundo Coutinho (2011), quando se pretende conhecer a história pessoal dos participantes de uma pesquisa, a entrevista por meio da roda de conversa é uma excelente opção metodológica para que se consiga captar uma melhor compreensão do fenômeno, pois ao se fazer uso desse método qualitativo, não se busca somente os dados advindos da memória coletiva, mas também das memórias individuais, uma vez que o conhecimento é gerado das manifestações de cada diálogo e das experiências interpessoais socializadas no grupo.

A esse respeito, Gatti (2005) escreve que:

Com esses procedimentos é possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas (GATTI, 2005, p.13).

Estrutura da pesquisa

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: introdução, capítulos e considerações finais. A **introdução** apresenta o campo do estudo e respectivas motivações da realização da etnografia, bem como apresenta os caminhos da pesquisa, e os principais autores que deram embasamento teórico para que pudéssemos definir quais caminhos seguir, da forma mais coesa cientificamente. Seguidamente são apresentados os objetivos gerais e específicos deste estudo, que guiaram a pesquisa.

O **Capítulo I: Entre castanhais: processos de formação e criação da Resex Cajari** apresenta o contexto de ocupação do sul do Amapá. Nesse capítulo é desenvolvido um pouco da cronologia histórica da região que se sobrepõe à Resex Cajari, visto que ela fornece dados relevantes que nos ajudam a compreender as lutas, a organização social e política dos extrativistas, pela permanência no território e o direito produzir e reproduzir. A abordagem volta-se ainda, para a apresentação das principais características da *Bertholletia excelsa* e das hipóteses, levantadas na literatura, sobre a formação dos castanhais.

Na sequência, no **Capítulo II: O extrativismo e a relação entre o homem e o castanhal**. Este capítulo introduz ao modo de vida dos extrativistas do sul do Amapá, especificamente no cotidiano do castanhal. Os dados etnográficos apresentados dialogam sobre a funcionalidade desses espaços, o trabalho familiar e as interrelações construídas e reproduzidas pelos castanheiros no desenvolvimento da coleta da castanha, além dos conhecimentos e práticas que eles possuem para estarem na floresta e atuarem nessa atividade.

A partir dessas abordagens, o capítulo **III: Processos produtivos na comunidade e o protagonismo feminino**, evidencia a relação do extrativistas dentro da comunidade e fora dos castanhais, mostrando como a presença das castanheiras integra a dinâmica cultural dos moradores da região. Nessa perspectiva evidencia-se o papel das mulheres na cadeia produtiva da castanha, a diversidade da culinária elaborada com castanhas e as manifestações festivas desenvolvidas na Resex Cajari que envolve o extrativismo da *Bertholletia excelsa*.

Ao final da dissertação são apresentadas as **considerações finais**, nas quais são destacados os principais assuntos discutidos, fruto das pesquisas realizadas que enfatizaram e demonstraram que a reprodução do modo de vida da população da Resex Cajari está intrinsecamente ligada às castanheiras.

CAPÍTULO I

ENTRE CASTANHAIS: PROCESSOS DE FORMAÇÃO E CRIAÇÃO DA RESEX CAJARI

Neste tópico, busca-se fazer uma breve contextualização dos principais marcos que compõem os processos de formação da Resex Cajari, a partir da chegada de José Júlio de Andrade na região. Os enredos contidos na história do estado do Amapá, assim como as sucessivas ocupações do território sul, se desdobraram ao longo do tempo em diferentes trajetórias, ligadas aos aspectos de caráter político, ambiental e socioeconômico da região (MODESTO, 2013).

1 A ocupação do Sul do Amapá: uma resistência histórica em defesa do território

Em toda Amazônia ocorreram processos de ocupação de terras por meio de estruturas irregulares de grilagem, nas quais grandes empresas e latifundiários encontravam condições favoráveis para a concentração garantida da posse de terra. Esse processo de expropriação, realizada por comerciantes que posteriormente se tornavam seringalistas, tinha viés econômico, e se caracterizou por se utilizar da mão de obra da população local, em trabalhos compulsórios e com uso da violência (PINTO, 1986).

Em meio a esse cenário, José Júlio de Andrade, um cearense que em 1882 chegou à região Norte atraído pelo ciclo da borracha, foi um migrante que trabalhou primeiramente como “seringueiro e coletor de castanha” antes de se tornar um importante político e ficar conhecido como coronel José Júlio. Este ao exercer domínio no sul do Amapá, foi temido por impor o controle violento da terra e pela superexploração dos trabalhadores da região (LINS, 1991).

No período que compreende os anos de 1882 a 1948 muitas famílias do nordeste chegaram à região que se sobrepõe à Resex Cajari em busca de uma vida melhor. Acabavam sendo atraídos para trabalhar dentro das áreas de coleta de produtos vegetais, como seringa e castanha-do-brasil, com a falsa promessa de obtenção de renda ao final de cada safra.

No entanto, com esses sujeitos, aos quais era concedido o direito de uso de determinada área de extração, se estabelecia um compromisso para a entrega da produção, somente para quem lhes havia fornecido a terra. Ademais, todo e qualquer custo para a entrada, permanência e saída desses locais ficava a cargo dos próprios trabalhadores. Isso significa dizer que, na prática, o patrão fornecia antecipadamente os subsídios como alimentação, ferramentas de

trabalho, dentre outros bens, com preços exorbitantes, superior ao valor pago pela entrega da produção, no qual se gerava um saldo negativo que um vínculo, onde a dívida gerada era impossível de ser paga (MEIRA, 2017).

Nessa rede de comércio, chamada de aviamento, se criava condições de troca ou venda de mercadorias nas quais o lucro gerado se concentrava nas mãos de uma única pessoa, enquanto na base, os trabalhadores, ou como o termo adotado na época – “os aviados” – eram os que adentravam a floresta. Estes se tornavam eternos endividados e reféns de um tipo de comercialização onde o acesso ao financiamento de bens, serviços e produtos não alcançava o sistema financeiro (SAMPAIO, 2002).

A respeito deste modelo de comercialização, praticado largamente no século XIX é importante mencionar que, apesar de ter sido consolidado no ciclo da borracha, ele não se encerrou com o declínio dessa atividade, pois os modos operantes dos patrões e as influências desse sistema de aviamento persistem nas comunidades amazônicas. Contudo, as formas que os patrões usavam para dominar o sujeito aviado sofreu rupturas dentro dos territórios, principalmente porque os antigos trabalhadores passaram a ter a posse de terra das áreas extrativistas, não cabendo, portanto, essas formas de opressão desumanas, mencionadas acima.

De todo modo, mesmo na ausência de José Júlio de Andrade na região sul do Amapá, as práticas de aviamento mantiveram elos com os extrativistas. Em 1948, as terras que antes eram dominadas por ele, pela primeira vez passaram a ser geridas por um grupo de portugueses da empresa J. Fonseca, que dentro da região da Resex Cajari era representada por pessoas que gerenciavam as atividades extrativistas em diferentes comunidades, presentes neste território (RANGEL, 2017).

Nesse novo cenário se estabeleceram empresas de comércio e navegação que continuaram o extrativismo de produtos florestais pelo sistema de aviamento, porém, houve algumas melhoras em relação ao período anterior. Lins (1991) exemplifica que, sob a gestão de José Júlio de Andrade, as áreas eram privativas, sendo necessária autorização até mesmo para pescar, e quando isso acontecia o pescado destinava-se exclusivamente à alimentação local. Já com os portugueses houve maior flexibilização para os extrativistas usarem as áreas de florestas em todos os sentidos, tanto econômica como politicamente, ou seja, tinham maior liberdade para produzir e comercializar os produtos, além de se organizarem enquanto um grupo social.

A empresa J. Fonseca enquanto esteve atuando na região incorporou elementos menos desumanos de subjugo dos trabalhadores, como no oferecimento de uma maior quantidade e diversidade de mercadorias nas tabernas, além de promover a circulação de dinheiro a partir do

recebimento de saldo pago (RANGEL,2017), acrescido a tudo isso houve também fornecimento de produtos vindos da agricultura como feijão, milho e laranja (ALLEGRETTE, 1998).

Conforme posto por Filocreão (1992), essa fase do extrativismo vegetal durou até 1967, quando o controle das terras sul-amapaenses e seus recursos florestais é vendido ao empresário norte-americano Daniel Keith Ludwig. Nessa nova configuração de dominação do território sul do Amapá, a região passa por uma transformação radical, pois pela primeira vez o interesse na terra não era voltado para a exploração dos recursos florestais, assim como foi feito nas ocupações anteriores.

Com vista ao desenvolvimento econômico da região, Ludwig pretendia transformar o extremo sul do Amapá num polo econômico voltado para a produção de celulose em grande escala (GREISSING, 2010). A transformação da floresta nativa em monocultura impactou diretamente a comercialização dos produtos extrativistas, bem como desorganizou a atividade socioeconômica da região local, pois não havia no escopo desse projeto de exploração agroindustrial interesse em negociar produtos florestais não madeireiros.

De acordo com Greissing (2010):

O empreendimento de Ludwig, conhecido depois como “Projeto Jari”, é iniciado em 1967 com o desmatamento de grandes superfícies de floresta nativa em ambos os lados do rio Jari (140.000 hectares no total). Essas áreas já eram habitadas por pequenas comunidades locais disseminadas na floresta, cujo sustento encontrava-se seriamente ameaçado pelas atividades planejadas por Ludwig. O projeto Jari causou um impacto forte na região, tanto na utilização do território (na substituição da floresta por uma monocultura) como no sistema socioeconômico (na desorganização das redes comerciais do extrativismo (GREISSING, 2010, p.45).

Ressalta-se ainda que, em decorrência desse ambicioso projeto, foram desmatadas áreas de castanhais e seringais, o que resultou no enfraquecimento do comércio dos produtos florestais na região da Resex Cajari. Nesse contexto, enquanto muitos extrativistas tiveram que deixar as comunidades tradicionais para trabalhar na empresa ali instalada, os que permaneceram passaram a estreitar relações de comércio com regatões, vendendo castanhas, cultivando roças e vivendo do extrativismo da amêndoa.

No entanto, apesar do investimento de mais de 1 bilhão de dólares (PINTO, 2002), Ludwig interrompeu o avanço do seu projeto agroindustrial por não atingir os resultados esperados e devido à forte crise financeira que a empresa enfrentava na época. Nesse contexto de insatisfação, o norte americano se viu obrigado a renunciar ao empreendimento, e em 1981 o grupo *Jari Celulose* passa a fazer a gestão das áreas que se sobrepõe a Resex Cajari e implementar o projeto de monocultura com o plantio de eucalipto na região.

Enquanto isso, as populações extrativistas que resistiram aos avanços da Jari Celulose permaneceram no interior da floresta cultivando suas roças, construindo casas e explorando os recursos naturais, mesmo sabendo que a área havia sido comprada. No entanto, no início dos anos 80, a empresa Jari Celulose quis reaver as terras compradas, e implementou um forte esquema de segurança que inibia o avanço das populações tradicionais dentro das terras da empresa e restringindo o uso dos castanhais, mediante a emissão de autorizações e proibindo o cultivo de roçados (FILOCREÃO, 2007).

Segundo Ribeiro:

Na região onde fica hoje parte da Resex Cajari a empresa mantinha o controle de forma violenta contra os moradores posseiros por meio de sua segurança armada particular. Impediam essas pessoas de melhorar suas habitações ou de construir novas casas, de executarem atividades agrícolas e de praticarem o agro extrativismo de maneira livre. Além disso, praticava preços majorados das mercadorias oferecidas nos barracões e subfaturamento da produção comprada aos castanheiros. (RIBEIRO, 2011, P.43).

As restrições ao uso tradicional do território, conforme Rangel (2017), tinha como objetivo a derrubada dos castanhais e supressão da floresta nativa para implantação de territórios agropastoris. Diante do avanço do desmatamento e das ameaças de perderem o direito de permanecerem na terra, a população local começou a se organizar politicamente, fazendo intervenções coletivas para frear a expansão da empresa Jari nas áreas dos castanhais. A adoção dessas estratégias culminou na organização política dos trabalhadores e desencadeou na região sul do Amapá os primeiros conflitos entre os extrativistas e a Jari Celulose pelo direito de permanecer e explorar o território (RANGEL, 2017).

Como decorrência desses conflitos, em 1984, foi criada a Associação Agrícola e Extrativista dos Trabalhadores Rurais do Cajari. Essa organização mesmo em seu momento inicial, se fortaleceu a partir de movimentos maiores, de mobilizações em favor das populações tradicionais presentes na Amazônia, que atuavam resistindo ao modelo de desenvolvimento dos grandes projetos agroindustriais e minerais (CAMPOS, 2019; FILOCREÃO, 2007; FILOCREÃO 2009).

Em relação ao sul do Amapá, o processo de ocupação da região a partir das relações de aviamento, a estruturação do modo de vida e a ameaça de expropriação do território ocupado pela empresa Jari Celulose, resultaram na organização política da população local junto ao movimento seringueiro nacional a fim de garantir a manutenção desse território (RANGEL, 2017). Os conflitos envolvendo os extrativistas do sul do Amapá não eram fatos isolados, pois muitas comunidades amazônicas enfrentaram situações similares.

No estado do Acre as mobilizações dos trabalhadores e intelectuais locais puseram força e resistência ao modelo pecuário instalado na região (ALLEGRETTI, 2002) e somente na década de 1980, através dos movimentos sociais, advindos das mobilizações seringalistas que foi possível ver mudanças significativas (FILOCREÃO, 2002). O movimento dos seringueiros estava se fortalecendo cada vez mais e contava com o apoio de entidades tanto nacionais como internacionais para discutir soluções como a criação de Reservas Extrativistas, visando assegurar os direitos territoriais dessas populações ameaçadas pelos projetos agroindustriais.

Nesse contexto, a década de 80 foi marcada por eventos que tinham como foco fortalecer as iniciativas em prol dos movimentos da floresta, como o Encontro Nacional dos Seringueiros realizado em outubro de 1985. Em 1987, aconteceu o Primeiro Congresso de Trabalhadores Rurais do Amapá, e no mesmo ano foi enviada uma delegação de trabalhadores do Amapá até Brasília, com a finalidade de reivindicar direitos para a região do sul do estado (ALLEGRETTE, 1998).

Medeiros (2002) afirma que estes processos de organização dos trabalhadores do campo trouxeram para o espaço público novas demandas, novos interlocutores, atualizou velhas bandeiras, mas principalmente desnudou e questionou diferentes formas de exercício de dominação. O protagonismo dos povos da floresta, resultou na criação de várias unidades de conservação, incluindo a Reserva Extrativista do Rio Cajari, criada em 12 de março de 1990, bem como assegurou a permanência dessas populações no território sul do Amapá e rompeu com todos os antigos regimes de poderes estabelecidos anteriormente na região (FILOCREÃO; CAMPOS, 2009).

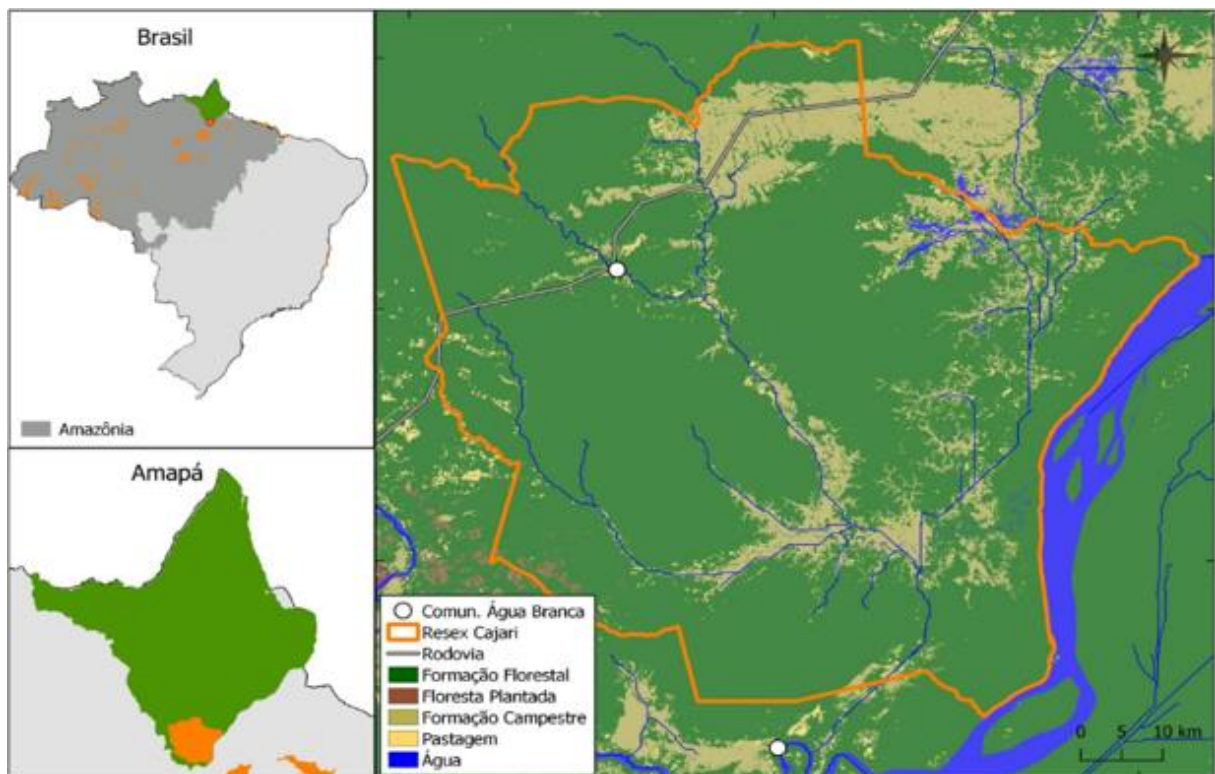
Considerando esses processos aqui mencionados, percebemos que mesmo na complexidade das ocupações feitas por seringalistas e empresas no território amazônico, houve em contraposição um movimento de afirmação dos sujeitos trabalhadores que ocupavam a região. Estes, enquanto classe de oprimidos, passaram a se organizar e conquistaram através de lutas não somente o direito de explorar os castanhais e manter a floresta em pé, mas também o direito de permanência na região.

Com a criação da Reserva Extrativista do Rio Cajari, houve a organização da população local em sindicatos, associações, cooperativas de produtores e, a partir dessa mobilização de homens e mulheres, os direitos outrora negados – como educação, saúde, crédito rural e outros tipos de fomentos à produção – foram sendo conquistados, permitindo assim às famílias o acesso a outros tipos de renda e benefícios, como as políticas de inclusão social como bolsa escola, bolsa família e aposentadoria rural (FERNANDES et al., 2016).

1.2 O atual território da Resex Cajari: três décadas de consolidação

A Reserva Extrativista do Rio Cajari (Figura 1) está localizada no extremo sul do estado do Amapá, cerca de 163,7 km de distância da capital, Macapá. Possuindo dimensão de 501.771 ha, a Resex Cajari abrange três municípios: Laranjal do Jari, Mazagão e Vitória do Jari e ocupa a terceira posição no ranking de maior unidade de conservação do Brasil (BRASIL, 1990).

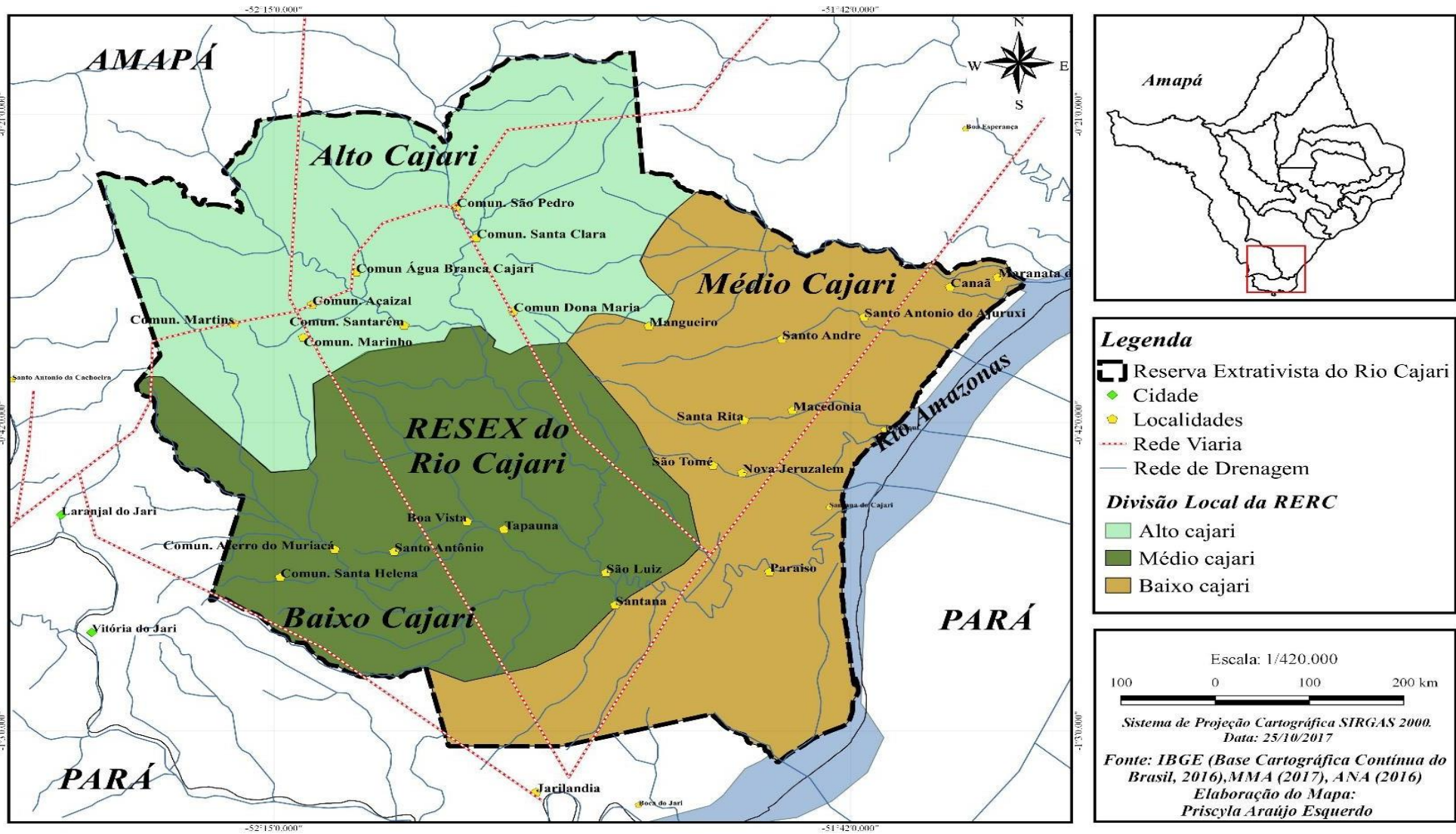
Figura 1 – Reserva Extrativista do Rio Cajari.



Fonte: IBGE, 2016. Elaboração: Zenaide Teles (2021).

A reserva tem em seu território uma heterogeneidade ambiental que resulta em diferentes formas de reprodução social, cultural e política, que somadas formam uma rica diversidade sociocultural, com modos de vida que se estabelecem de acordo com as atividades extrativistas realizadas nas três regiões que popularmente são classificadas como Baixo, Médio e Alto Cajari, como observado no mapa a seguir (Figura 2).

Figura 2 – Mapa representativo das comunidades tradicionais presentes na Resex Cajari.



Fonte: Rangel (2017, p. 22).

No Baixo Cajari as comunidades têm como atividade principal o extrativismo do açaí (*Euterpe oleracea*) e a pesca. No Médio Cajari predomina, além do açaí, a agricultura familiar e no Alto Cajari se destacam a agricultura e, principalmente, o extrativismo da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*). A população da unidade de conservação está dividida em floresta densa, campos de cerrados e em áreas ribeirinhas (RIBEIRO, 2011).

No ecossistema de floresta densa são encontradas espécies de árvores de grande porte, como castanheira, copaíba, angelim e a fauna é marcada por uma rica diversidade de animais como cutia, paca, veado, anta, preguiça dentre outros (RANGEL, 2012). A área de campo cerrado é composta por uma paisagem em que predominam árvores arbustivas menos adensadas que propiciam um habitat perfeito para roedores e répteis. E nas áreas ribeirinhas há abundância da fauna, tanto terrestre, quanto aquática. Animais como jacaré, tartaruga, paca, pássaros estão presentes nas áreas de várzeas, nos lagos, igarapés e campo da região (RIBEIRO, 2011).

De modo geral, a população da Resex Cajari, independente do espaço geográfico em que as famílias se encontram, tem em comum o modo de vida voltado para a floresta, onde a produção e reprodução de conhecimentos (que integram o tripé do extrativismo animal, vegetal e a agricultura familiar) envolvem práticas e saberes que são importantes instrumentos para a conservação desses recursos.

Segundo Sawyer (2011):

As práticas de uso sustentável têm fortes raízes culturais, baseadas em conhecimentos tradicionais sobre a flora e a fauna. Os saberes tradicionais são produzidos de forma coletiva, com base em ampla troca de informações, sendo transmitidos oralmente de uma geração para outra, ao menos localmente. Esse acervo constitui um patrimônio cultural e científico de grande relevância, que deve ser igualmente conservado (SAWYER, 2011, p. 372).

A conservação dos recursos presentes nos ecossistemas do Baixo, Médio e Alto Cajari permitem que os 4.164 moradores que residem no interior da Resex Cajari extraiam grande variedades de produtos da floresta, de acordo com as especificidades do território (FILOCREÃO, 2007). No entanto, apesar da diversidade existente dentro da unidade de conservação apresentada, o foco da presente dissertação enfatizará somente a região do Alto Cajari, onde se concentram maciços castanhais nativos e onde o extrativismo da castanha vem se mantendo dentro do território da Resex Cajari, como um “sistema produtivo histórico, cultural e social” que simboliza a luta, a resistência e existência das comunidades do sul do Amapá (SILVA, 2015).

1.3 A castanheira (*Bertholletia excelsa*): características gerais

A castanheira (*Bertholletia excelsa*) é uma das maiores e mais longevas árvores da Amazônia. Trata-se de uma espécie multissecular, que atrai atenção por se destacar no ambiente ser amante de luz, pode atingir altura superior a 50 metros (MORI, 1990; PRANCE, 1990). Trata-se de uma espécie arbórea, que mesmo sendo nativa da região amazônica (presente principalmente nos estados do Pará, Acre, Amazonas, Amapá, Rondônia e Roraima), também é encontrada em outras florestas da América Latina (Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Guianas) (MÜLLER et al., 1995).

As castanheiras são encontradas frequentemente em terra firme devido às suas características morfológicas. São árvores de grande porte, possuem troncos de cor acinzentada com circunferências que podem atingir diâmetros acima de quatro metros e suas copas, com folhas simples, alcançam aproximadamente 35 cm de comprimento e até 12 cm de largura, e se sobrepõem às demais espécies de árvores da floresta (CAVALCANTE, 1976; MORI, 1990; PRANCE, 1990).

As inflorescências da castanheira são hermafroditas, grandes, de coloração branco amarelada, aromatzadas e possuem seis pétalas com peças florais, nas quais somente algumas espécies de polinizadores são capazes de retirar o pólen (CAVALCANTE, 2008). A castanheira é uma espécie altamente dependente da ação dos polinizadores para o processo de frutificação. As abelhas dos gêneros *Bombus* (*Bombini*), *Centris* e *Epicharis* (*Centridini*), *Eulaema* (*Euglossini*) e *Xylocopa* (*Xylocopini*) são as mais encontradas durante a fase de floração da castanheira (MAUÉS, 2002; MORI et al., 1978; MULLER, 1980; NELSON et al., 1985).

O início da floração dessa espécie está intimamente ligado às condições climáticas de cada região, podendo assim ocorrer variações quanto à época e período (PARDO, 2001). Em Rondônia as árvores da castanheira florescem de setembro a janeiro (VIEIRA et al. 2009), no Pará a floração ocorre de setembro a dezembro (MAUÉS, 2002) e no estado de Roraima, assim como no estado do Amapá, a floração ocorre nos meses de fevereiro a abril (TONINI, 2011; CAMPOS et al., 2013). De maneira geral, a castanheira floresce entre os meses de outubro a dezembro e frutifica de janeiro a março (PRANCE, 1990).

A árvore da castanheira produz frutos lenhosos, conhecidos como ouriços, que possuem formato redondo e são caracterizados por proteger as sementes em uma cápsula extremamente dura, que não se abre espontaneamente. Os frutos têm variedades de peso, de tamanho e se

desprendem do pedúnculo, durante o período chuvoso, após 14 ou 15 meses da fase de maturação (CYMERYYS et al., 2005).

Um ouriço possui em média de 15 a 25 sementes de castanhas, das quais somente são retiradas se ocorrer uma ação externa do homem ou de animais como cutia e cutiara. As sementes de castanhas são bastante apreciadas pelo sabor, no entanto, para retirá-las é preciso vencer as camadas, descascar com auxílio de algum objeto cortante, pois assim como o ouriço, ela é protegida por um tegumento lenhoso.

1.4 Os castanhais e seus agentes: algumas hipóteses de formação dessas áreas

A ocorrência dos castanhais na Amazônia vem sendo alvo de debate de muitos pesquisadores. Os questionamentos acerca do surgimento dessas manchas em meio a floresta se conectam a duas hipóteses que trazem importantes argumentos sobre esse processo de formação. Em ambas as discussões a dispersão do fruto é o cerne das questões pontuadas, pois a forma como se regenera sua semente está associada a fatores externos como as ações provocadas pelo ser humano ou por animais, especialmente algumas espécies de roedores como a cutia.

Diante deste debate é importante destacar que recentemente alguns autores se debruçaram para a configuração da paisagem, considerando que estas sofreram alterações e intervenções das antigas populações (CUNHA, 1999; BALÉÉ, 1994, 2010; CLEMENT, 2003; DESCOLA, 2012; NEVES, 1995).

Para Neves (1995), o conceito de paisagem está atrelado a natureza humanizada e temporalizada, a qual pode ser um registro das vidas e trabalho de gerações passadas que viveram em determinado espaço, e que deixaram neste local algo de si mesmas. E o estudo dessas paisagens, por mais que estas estejam transformadas em relação ao que já foram um dia, ainda pode contribuir com a arqueologia para o entendimento do passado.

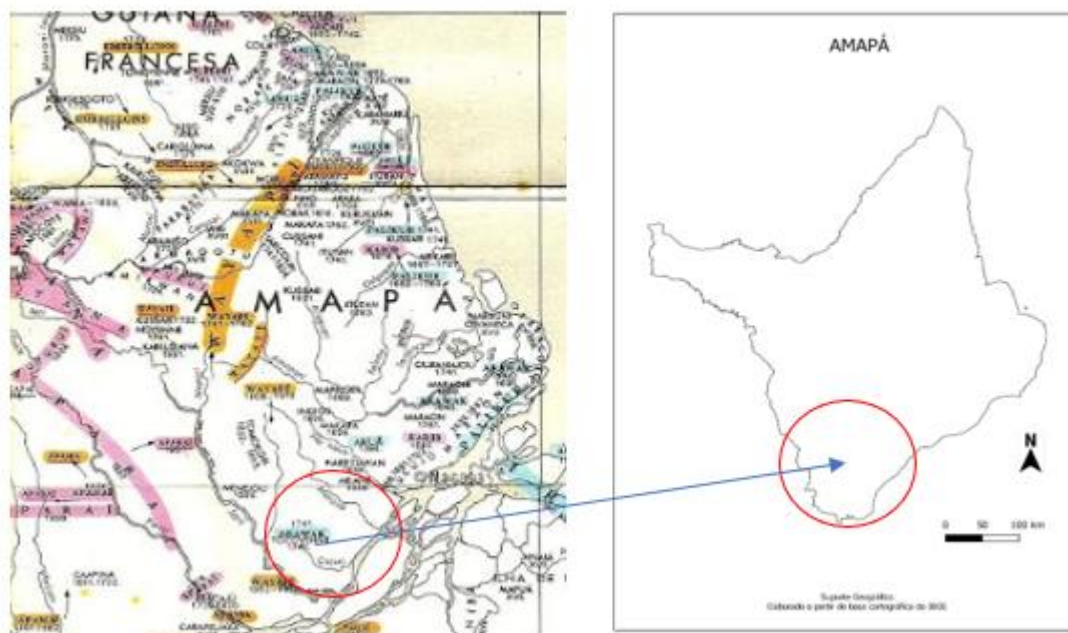
Nessa conjuntura sobre a “paisagem antrópica”, Magalhães (2010) chama atenção para o fato de que se deve ver a paisagem não apenas como uma natureza selvagem, mas como uma natureza domesticada, pois houve um processo de longa duração, resultante da agência das antigas populações que desenvolveram e conquistaram técnicas de manejo, assim como cultivaram plantas que podem ser vistas do ponto de vista arqueológico. A exemplo disso Balée (2008) cita os vestígios arqueológicos, considerados uma assinatura que revelam o processo de socialidade e atividades humanas na formação da paisagem.

Além disso, a paisagem por si só conta uma história inacabada de movimentos que são construídos de experiências da “vida dos antepassados que, através de gerações, moveram-se nela e desempenharam um importante papel em sua formação” (INGOLD, 2000, p.189).

Contribuindo com o debate sobre a formação da paisagem, Silva (2018) afirma que, para entender de que forma se deu à dinâmica populacional das castanheiras, é fundamental compreender os diferentes tipos de cultura, assim como a produção dos diferentes grupos sociais que possivelmente contribuíram para a construção da paisagem. Nesse contexto, é importante mencionar que na região do presente estudo (sul do Amapá), no século XIX, pesquisadores como Curt Nimuendaju, Betty Meggers e Clifford Evans, por meio de incursões realizadas neste território, trouxeram as primeiras evidências de que ele se sobrepõe a Resex Cajari, e já foi ocupado por diferentes grupos indígenas.

A identificação dos grupos que habitavam a região sul do Amapá foi descrita no mapa etno-histórico elaborado por Curt Nimuendaju (2017), ilustrado na o mapa a seguir (Figura 3).

Figura 3 – Representação geográfica do território sul do estado do Amapá, anteriormente ocupado por diversos grupos indígenas (Menejou, Tomokom, Wayampi, Apariri e Tocoyenne).



Fonte: Adaptado de Nimuendajú (1982).

Segundo Filocreão (2014) as informações contidas no mapa acima revelam que de 1698 a 1937, o sul do Amapá, especificamente no Baixo, Médio e Alto Jari havia os povos indígenas das etnias Menejou (Wayampi e Tomokom), Wayampi e Apariri. O autor ainda enfatiza que

em meados de 1741, no território da atual Resex Cajari, onde se encontram os maciços castanhais era ocupado pelos Tocoyenne, da família linguística Arawak.

Nesse contexto cabe questionar: serão as castanheiras em pé as testemunhas desse passado? Será esse o legado deixado pelas ocupações anteriores na Resex Cajari? São mais de 71.389 castanheiras, distribuídas em 321 castanhais mapeados na região (EULER, 2017), são milhares de árvores que permitem olhar para além da perspectiva geográfica e refletir sobre como ou quem registrou essa assinatura na floresta.

A esse respeito existe a teoria que defende que o surgimento dos castanhais está ligado a atividade humana no manejo da floresta e ao trabalho agrícola desde o período pré-Colombiano, logo o homem seria um importante agente dispersor dessa espécie (SHEPARD; RAMIREZ, 2011; SCOLES; GRIBEL, 2011).

Para Clement (1990) a castanheira é uma espécie manejada, uma vez que essas árvores estão presentes nas proximidades de terras pretas antropogênicas e de sítios arqueológicos. Shepard e Ramirez (2011), no estudo com bases em análises genéticas e interpretações linguísticas de povos indígenas que viveram na Amazônia, enfatizam que a castanha fez parte da cultura alimentar desses povos. Corroborando essas hipóteses antropogênicas, Scoles e Gribel, (2011), trazem indicativos que a dispersão geográfica da castanheira aconteceu num tempo recente, de forma rápida e pela ação de agentes humanos, pois foram encontrados indivíduos jovens dessa espécie que possuíam pouca diferença genética, mesmo estando em localidades distintas.

Em contrapartida, a segunda hipótese sobre a formação dos castanhais volta-se para o debate em que a ocorrência dessa espécie não acontece pela intervenção humana, mas pela ação de pequenos mamíferos como a cutia (*Dasyprocta spp.*). Na ecologia, a cutia é descrita como o dispersor mais importante da castanheira, uma vez que o fruto dessa espécie precisa de agentes externos para a retirada das sementes (SILVA, 2009; HAUGAASEN et al., 2010).

Diante dessa circunstância, no processo de formação dos castanhais, a cutia, chama atenção de pesquisadores por ser um roedor que tem a capacidade de abrir o ouriço e estocar as castanhas, enterrando-as no chão como reserva alimentar. Por meio desse comportamento, se presume que muitas destas sementes dispersadas na floresta germinam quando encontram condições ambientais favoráveis, originando assim, novas árvores de castanheiras (BAIDER, 2000; FERNANDES, 2018).

Entretanto, na hipótese antropogênica, esse fator não é suficiente para explicar a ampla distribuição desta espécie na Amazônia, uma vez que a dispersão realizada indiretamente pela

cutia, raramente ultrapassa distância maior que 50 metros, a partir da castanheira matriz (HOMMA, 2008; MAUÉS, et al., 2015).

Contudo, independentemente dos fatos que a literatura nos apresenta para a hipótese antropogênica, os extrativistas do sul do Amapá entendem que dentro da floresta, são as cutias as principais responsáveis por originar novos indivíduos da *B. excelsa*. Conforme os interlocutores, essa resposta se fundamenta sob o argumento da constante presença desse roedor nas áreas de coleta, uma vez que a castanha faz parte do hábito alimentar desses animais; e segundo porque as cutias costumam armazenar as sementes para consumir posteriormente. Além disso, eles mencionaram que outros animais como macaco, arara, caititu e anta também consomem castanha, porém somente a cutia e a cutiaia (localmente chamada de cutiara) possuem a capacidade para abrir os ouriços.

Outro fator importante a ser mencionado é que os castanhais da Resex Cajari são considerados nativos por se tratar de áreas que já estavam no território antes mesmos dos primeiros moradores chegarem à região. Talvez por isso, não exista a cultura de plantar árvores dessa espécie, mesmo sendo ela tão importante para economia local. Hoje os moradores da região sabem que, ao contrário do que se falava, quem planta uma castanheira pode, sim, vê-la produzir, e ainda que não usufrua dos seus frutos, a geração de seus filhos e netos colherão os frutos dessas árvores.

Com base na minha observação de campo e nas entrevistas, posso dizer que o papel do homem nos castanhais está diretamente ligado a manutenção das antigas e das novas árvores que estão crescendo, sejam elas resultado da dispersão natural da própria castanheira ou pela ação involuntária das cutias e à ação dos próprios extrativistas que perdem sementes durante o trabalho e até mesmo esquecem de coletar ouriços.

De todo modo, o nascer de uma castanheira é vista com bons olhos, ela recebe cuidado, recebe nome, compõe um grupo, bem como recebe manejo e é acompanhada de perto até se tornar madura e dar frutos. Toda essa atenção faz parte do tratamento rotineiro que é dado à castanheira de um modo geral. Contudo, aquelas árvores que estão em fase de crescimento recebem um olhar mais atento, pois se tem a consciência compartilhada de que, mesmo essa espécie sendo tão longeva, ela não é infinita, muitas delas já estão encerrando seus ciclos de vida e morrendo em pé, deixando de ser produtivas, e mesmo caindo.

Independentemente das teorias sobre os castanhais da Amazônia, no tempo presente tanto o homem quanto a cutia carregam a função de continuar semeando novos indivíduos dessa espécie, uma vez que essas árvores, mesmo estando em unidades de conservação, como é o

caso dos castanhais da Resex Cajari, ainda precisam de nossa atenção para não serem dizimadas. Ou seja, é necessário mudar certas concepções vigentes na sociedade, sendo fundamental enxergar a cutia não apenas como um predador das castanhas ou como fonte de alimento dos extrativistas, mas também como um importante agente dispersor das castanheiras.

Outro fator que precisa ser destacado ao se pensar na conservação dos castanhais é acerca da necessidade de romper com a cultura de não cultivar essa espécie, sendo primordial conscientizar as novas gerações da região da Resex Cajari sobre a necessidade de plantar novas árvores, de repor aquelas que caem e as que estão improdutivas e, não menos importante, de fazer a seleção das sementes das castanheiras que se destacam pelas qualidades produtivas.

Finalizo este capítulo acrescentando que, em minha concepção enquanto pesquisadora e, sobretudo, enquanto pertencente deste rico território, o caminho é este: nos unirmos às cutias e fazermos também nossa parte, para continuar mantendo a floresta de pé, afinal, é preciso pensar no futuro para não se extinguir a atividade extrativista, haja vista que, se não houver castanheira, logo não existirá coleta da castanha-do-brasil, o que acarretaria em perdas irreparáveis para a biodiversidade como um todo.

1.5 Um Ensaio Visual da Castanheira

Apresento a seguir alguns registros fotográficos que evidenciam com maior riqueza de detalhes as características gerais que identificam a *Bertholletia excelsa*. As imagens foram realizadas em fevereiro de 2020, na comunidade de Água Branca do Cajari, durante pesquisa de campo e estão organizadas em três sessões, descritas a seguir.

A sessão 1 “A espécie adulta”, enfatiza o porte da castanheira como um todo, ou seja, sua altura em relação às outras árvores, a disposição de sua copa e espessura do tronco. A sessão 2, “Inflorescências”, mostra os detalhes dessa espécie em estágio de floração e frutificação e a sessão 3, “Ouriços e frutos” retrata a fase de dispersão dos frutos maduros da castanheira, evidenciando as características externas e internas do ouriço.

Na primeira imagem do ensaio, nota-se inicialmente que na entrada da comunidade pesquisada, Água Branca do Cajari (Figura A), as árvores de castanheiras chamam imediatamente a atenção de quem faz o percurso pela estrada, justamente porque a constituição de suas partes como a copa e o tronco, possuem superioridades em comprimento e largura, se comparado às demais espécies vegetais que crescem ao redor (Figura D).

Na sequência das imagens, as figuras (E, F, G e H), apresentam os detalhes da castanheira em período de floração. Essa fase é pouco observada no dia a dia, haja visto que as

inflorescências são dispostas na parte mais alta dos galhos dessa espécie. Além da composição florística, nota-se na copa, há presença de ouriços ligados ao pedúnculo na fase final do ciclo de maturação.

Nessa conjuntura de apresentação da castanheira, concluo a exposição dessa espécie trazendo na sessão 03 as imagens do ouriço, ou seja, o fruto propriamente dito, e seus diferentes tamanhos que são encontrados na natureza (Figura I). Posteriormente chamo atenção para as demais características, evidenciando a parte interna do fruto, com ênfase na quantidade e disposição em que as castanhas são encontradas dentro do ouriço (Figura J).

Por fim, apresento nas duas últimas imagens os detalhes da semente da castanheira de forma in natura, sendo a (figura K) a castanha ainda envolta de um tecido lenhoso e a figura L, temos a parte comestível da semente descascada.

1.5.1 SESSÃO FOTOGRÁFICA 1: A ESPÉCIE ADULTA

Figura A – Detalhe do porte das castanheiras na entrada da comunidade de Água Branca.



Figura B – Copa de uma castanheira.



Figura C – Comprimento do tronco de uma castanheira.



Figura D – Tronco de uma castanheira, dimensão da circunferência.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros realizados em pesquisa de campo (2020).

1.5.2 SESSÃO FOTOGRÁFICA 2: INFLORESCÊNCIAS

Figura E – Copa da castanheira com flores e frutos.



Figura F – Copa da castanheira com inflorescência.



Figura G – Detalhes dos ramos com inflorescência.



Figura H – Copa da castanheira com frutos, ramos e inflorescência.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros realizados em pesquisa de campo (2020).

1.5.3 SESSÃO FOTOGRÁFICA 3: OURIÇOS E SEMENTES

Figura I – Ouriços fechados em tamanhos diversos.



Figura J – Visão interna do ouriço após ser aberto.



Figura K – Ouriços abertos com detalhes da castanha com casca.



Figura L – Detalhes da castanha sem a casca.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros realizados em pesquisa de campo (2020).

CAPÍTULO II

O EXTRATIVISMO E A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O CASTANHAL

O segundo capítulo desta dissertação tem como eixo central uma abordagem descritiva sobre o extrativismo de castanha-do-brasil na Resex Cajari. Enquanto, que no capítulo anterior busquei enfatizar os processos que antecederam a história dos castanhais na região, neste almejo descrever a rotina, o modo de vida e as relações que são construídas e estabelecidas entre o homem e as castanheiras no sul do Amapá.

2.1 O castanhal e sua dinâmica de organização

Inicialmente é preciso esclarecer que, para os extrativistas da Resex Cajari, uma castanheira que se encontra isolada em volta da comunidade é somente mais uma árvore, dentre tantas outras espécies que compõem a diversidade do bioma amazônico. Porém, quando esta árvore se encontra no interior da floresta, agrupada e em número populacional expressivo, ela ganha sentido, valor, bem como passa a fazer parte de uma família e a compor um espaço em meio a mata que é denominado pelos extrativistas dessa região como *castanhal* ou *centro de castanha*.

Em tese, os castanhais, são áreas que concentram um aglomerado de castanheiras em meio a floresta de “terra-firme”. Contudo, o que realmente torna esse território diferenciado das demais espécies nativas é que entre essas árvores existe um complexo de elementos humanos e não-humanos que geram um espaço socializado, de movimentos e de identidade particular (FERNANDES, 2018).

De modo geral, os castanhais da Resex Cajari são nativos e estão situados em locais de difícil acesso. São áreas antigas, que na sua grande maioria compartilham a mesma história de ocupação, ou seja, os trabalhadores que coletavam castanha há vários anos em uma única área, vieram a se tornar os responsáveis/donos definitivos desses locais.

A respeito desse processo de mudança de dono dos castanhais, não há informações exatas sobre o momento da inversão dos papéis, em que os extrativistas deixam o status de empregados para assumir a figura de “chefe” do castanhal. Entretanto, conforme citado nas entrevistas, essa transição foi gradual e decorreu da saída dos patrões que controlavam a região e se intensificou com a proposta de criação da unidade de conservação da Resex Cajari.

Nesse âmbito, é importante mencionar que a partir dessa mudança, emergiram também novas formas de gestão do castanhal, sendo a agora, a família, principalmente o pai, chefe e

responsável da coleta a figura que passou a ser o centro de tomada de decisão sobre a área que corresponde o castanhal. Nessa nova conjuntura, os sujeitos deixam de ser atrelados a figura do patrão e as famílias, ao assumirem essas áreas, conquistam autonomia sobre a propriedade, sobre a venda da produção e organização dos castanhais e dessa forma também passam a se autodenominar “donos” dessas áreas, mesmo não havendo documentos que legitimam a posse dessas terras.

Em linhas gerais, se observa que nessa reconfiguração do território dos castanhais da Resex Cajari, algo que permaneceu até os dias atuais é o tamanho da colocação que cada família possui e a pessoa era enviada para realizar a coleta da castanha nesses locais anualmente. Ou seja, as gerações de extrativistas que herdaram essas áreas, trabalham no mesmo espaço em que o pai/avó era explorado pelos antigos patrões.

É nesse sentido de manutenção da propriedade, que ocorrem mudanças significativas, relacionadas à gestão dessas áreas. Dessa forma, estrategicamente, os castanhais se tornaram privados e de uso hereditário, onde somente quem pode realizar a coleta dos ouriços são os filhos e netos de ambos os sexos, pertencente ao grupo familiar do castanheiro.

Em vista disso, o comportamento geracional adotado pelos extrativistas dessa região, garante que o castanhal seja transmitido enquanto uma herança da família, contudo, para que isso ocorra é preciso seguir regras específicas, relativamente fixas, com muitas exceções e adaptações definidas pelos próprios castanheiros caso a caso (RIBEIRO, 2016).

Dessa forma, há o entendimento que o castanhal é um negócio da família do extrativista, todos tem direito iguais e normalmente cada filho, filha tem uma parte específica dentro da área para que estes venham a ter alguma fonte de renda quando se casam ou deixam de morar com os pais. Contudo, na região em estudo, notamos que os filhos homens são os sujeitos que comumente atuam na extração da castanha, mas isso não impede o acesso das mulheres as áreas de coleta e tampouco interfere no direito delas sob o castanhal.

A partir dessa lógica, um ponto a ser destacado é que quando a mulher se casa e o companheiro não possui castanhal, ele tem autonomia para explorar a área herdada pela esposa, assim como os demais membros do grupo, agregando mais força de trabalho para a família.

Um segundo exemplo, invertendo a lógica anterior, ou seja, se o marido já possui uma “ponta” de castanha e a esposa também, ela automaticamente perde o direito de exploração/manejo no castanhal de sua família, ou seja, normalmente não se acumula áreas de castanhais. De todo modo, nos dois exemplos mencionados, em uma eventual separação, se houver filhos, são eles que ganham o direito de explorar a área do pai ou da mãe, pois só não é

permitido que alguém que não possua vínculo familiar, permaneça trabalhando no castanhal da família.

Nessa conjuntura, o castanhal é descrito pelos extrativistas como uma herança familiar, mas ele também pode ser caracterizado como um patrimônio cultural de natureza material e imaterial, pois além de haver uma transferência da posse das castanheiras para os filhos se transmite às gerações futuras os saberes e práticas relacionadas a essa atividade, cuja forma de se perpetuar, assegura a esses sujeitos o direito à reprodução e a permanência no território.

Outro aspecto relevante dos castanhais da Resex Cajari é que estes territórios, em sua grande maioria, estão nas divisas com diferentes áreas de distintos donos. Isso significa dizer que em meio a floresta não se tem delimitações, formadas por muros, cercas ou portões que identifiquem a entrada, saída, início e fim de cada propriedade. Contudo, apesar da ausência de barreiras físicas, os trabalhadores desenvolveram modos particulares de localização dessas áreas por meio de elementos geográficos presentes no ambiente. Assim, na tradição local, um tronco caído no chão, grotas, ladeiras, ou até mesmo uma espécie de planta que se destaca entre as castanheiras, se transforma em um ponto de referência natural que separa cada castanhal.

Além desse reconhecimento espacial, adotado por esses sujeitos, existe ainda um limite de respeito mantido dentro dessa estrutura de trabalho, que se sustenta por meio da confiança. Nessas condições, destaco que faz parte da cultura da população dos extrativistas transitar entre os castanhais vizinhos para se chegar à própria propriedade e até acessar com maior facilidade suas castanheiras.

Todavia, não há episódios de conflitos referentes a essas práticas, primeiro porque não existem pessoas consideradas estranhas trabalhando no processo da coleta da castanha, e segundo porque são pessoas que têm vínculos históricos enraizados dentro da comunidade, bem como mantém relações rotineiras de compadrio, que são estendidas para os espaços dos castanhais. Portanto, se desenvolve nesta região relações sociais amigáveis entre os castanheiros, o que permite que a coleta da castanha aconteça em um ambiente sem hostilidade, de cuidado entre os grupos, sem ocorrência de competição pela produção e de invasão das áreas produtivas.

Nesses termos verificou-se, por meio dos mapas construídos pelos extrativistas durante as entrevistas, que a dinâmica que envolve a sociabilidade entre eles no território dos castanhais está diretamente associada ao conhecimento que cada um possui sobre o lugar onde trabalha, logo é de suma importância que estes entendam a estrutura de que é formado o castanhal, pois são os *ramais, caminhos, piques, extremas e as pontas de castanha*, que regulam o caminhar

desses sujeitos nos limites permissíveis de cada área de exploração e a falta desse entendimento pode desdobrar-se em conflitos.

Nas imagens abaixo, pode-se observar dois exemplos de castanhais (Figuras 3 e 4), onde são apresentadas essa organização territorial através da perspectiva e percepção que o extrativista tem sobre o seu território. Essa representação além de conter a descrição do lugar das castanheiras, destaca ainda o padrão encontrado quanto aos elementos mencionados (ramais, caminhos, piques, extremas e pontas de castanha).

Figura 4 – Desenho de mapa do Castanhal Barrinha Velha.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Figura 5 – Desenho do mapa do castanhal do Japim.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

A partir das imagens destacadas acima, enfatizamos que nos estudos das populações amazônicas, a produção de mapas como estes é considerada uma ferramenta fundamental quando se busca interpretar o sentimento de pertencimento que as comunidades tradicionais têm em relação “à terra, à história, às lutas, à identidade, às práticas, às vivências, aos rituais, entre outros”, elementos que legitimam os territórios vividos dessas populações (GORAYEB, 2014).

Vásquez (2012) acrescenta que:

Os mapas sociais apresentam informações espaciais em diferentes escalas. Eles podem representar informações detalhadas da rota e infraestrutura de uma localidade (rotas, estradas, meios de transporte, localização de casas); e também pode ser usado para representar uma área ampla (usos diferentes do solo em uma área, distribuição de recursos naturais). Estes não se limitam a expor informações sobre as características geográficas distintivas; eles também podem ilustrar importantes aspectos sociais, culturais e dados históricos, incluindo, por exemplo, informações sobre o uso e ocupação de terra, demografia, grupos etnolinguísticos, saúde, distribuição de riqueza (VÁSQUEZ, 2012, p. 162).

Dessa forma, convém destacar resumidamente o significado do conjunto dos elementos mencionados anteriormente para se compreender o papel preponderante que eles representam dentro da engrenagem que estabelece o desenvolvimento das atividades no castanhal e para que fique claro como os extrativistas organizam suas áreas nessa região.

Começamos a descrição pela ordem que me foi mencionada nos mapas. Desse modo, antes de adentrar as áreas de castanheiras, os extrativistas primeiramente transitam por *ramais* que são aberturas normalmente feitas na beira das estradas principais que dão acesso a áreas isoladas na floresta. Esses locais são ausentes de pavimentação e possuem muitos obstáculos em seu trajeto, como poças de lama formadas pelas chuvas, troncos de árvores, galhos de plantas e até ouriços caídos no chão. Contudo, mesmo com pouca condição de tráfego são essas vias estreitas que viabilizam a entrada para os castanhais e possibilitam que veículos deixem os extrativistas o mais próximo possível de suas áreas, assim como permitem o escoamento da produção, desses locais para as comunidades.

A partir disso, a locomoção no interior dos castanhais passa a ser feita somente a pé, por meio de *caminhos* na mata que interligam as *pontas de castanha*, bem como interconectam as entradas e saídas do castanhal. Além disso, esses caminhos, formados por trilhas principais e secundárias, exercem papel de fundamental importância dentro da área produtiva, uma vez que eles, encurtam distâncias e promovem o deslocamento dos extrativistas com maior facilidade entre as castanheiras.

Nesse contexto, outro elemento importante que colabora para o movimento de ir e vir nos castanhais, são os chamados *piques*. Essas aberturas têm a mesma finalidade que os caminhos, no entanto, a diferença é que normalmente, ele circunda uma determinada área que concentra várias castanheiras. Desse modo, a coleta dos ouriços que são encontrados no perímetro do pique é realizada de forma mais organizada e controlada, pois permite ao extrativista visitar todas as castanheiras ali presentes. No geral, o formato do pique varia, podendo circular determinada área ou seguir em linha reta. Saliento ainda que essas estruturas são fixas, mas podem sofrer aberturas ao longo de sua extensão, conforme surgem novas castanheiras envolto do pique existente.

Outro aspecto interessante dos castanhais da Resex Cajari é que essas áreas são relativamente próximas. Nesses casos, para não ocorrer conflitos e confrontos relacionados à invasão de áreas, os extrativistas estabeleceram divisões que facilitam o convívio na vizinhança e permitem uma melhor organização de trabalho.

Essas divisões são denominadas localmente de *extrema*, e nelas se constrói linhas imaginárias que delimitam o início e fim de cada castanhal através de caminhos, piques, igarapés, grotas, baixadas, castanheiras, dentre outros elementos geográficos que distinguem o limite onde pode ser realizada a coleta dos ouriços em cada propriedade.

Na imagem abaixo apresento um exemplo dessa organização. Do lado esquerdo e direito existem castanhais de donos diferentes, mas isso não fica evidente como podemos observar. Contudo, os donos de ambas as áreas sabem que não podem ultrapassar seus limites de exploração, pois a extrema, ou seja o ramal que atravessa a área é o fator que regula o fim e o início de cada castanhal

Figura 6 – Ramal que representa uma área de extrema.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Esses arranjos e divisões que caracterizam os locais das *extremas* são diversos e variam em cada castanhal, porém, independente do elemento utilizado pelos extrativistas para indicar essas fronteiras, todos que trabalham nos locais de áreas próximas, devem, obrigatoriamente, saber quais são e onde estão estabelecidos esses pontos de referência no ambiente, assim como, deve-se ensinar e instruir aqueles que trabalham na coleta da castanha, a reconhecer os elementos geográficos do castanhal.

Outro importante conceito que fornece entendimento da organização dos castanhais, está diretamente ligado ao número de indivíduos dessa espécie, presente em um mesmo local. Nesses casos, quando há uma aglomeração acentuada dessas árvores, elas passam a ser classificadas pelos extrativistas como uma *ponta de castanha*. Essas pontas permitem que a dinâmica do trabalho seja organizada, haja visto que elas também são referências de lugar no momento de coleta, e por essa razão recebem nomeações as quais são atribuídas de acordo as experiências vivenciadas pelos extrativistas ou conforme as características geográficas do local em que elas situam-se. Essa relação de identificação fica mais evidente quando analisamos os

mapas das áreas dos interlocutores. Neles, notamos que as nomeações das *pontas* dos castanhais dessa região, além de trazer referências das características geográficas do local explorado, como Ponta do Pedral, Ponta da Beira do lago, Ponta do Cerrado, etc.; elas também recebem nomes de animais e plantas que habitam as matas da região, como por exemplo: Ponta da Preguiça, Ponta da Anta, Ponta da Jararaca, P. do Jacaré etc; Ponta do Açaizal, Ponta da Seringueira, P.do Cutite, P. do Areuareu e P. da Itaúba.

Nota-se ainda que essas pontas de castanhas podem receber o nome dos filhos dos responsáveis por explorar o castanhal, como é o caso de um dos interlocutores que citou as nomeações de sua área de acordo com a divisão feita para cada membro da família: Ponta do Amarildo, P. do Toninho, P. do Amarias, P. do Zizinho e ponta do Dego).

Santos (2011) em sua pesquisa sobre o extrativismo da castanha-do-brasil obteve essa mesma classificação de nomeação das *pontas* no rio Madeira-Rondônia. Da mesma forma, Scaramuzzi (2016) encontrou nos castanhais das comunidades quilombolas do rio Trombetas/Oriximiná/Pará nomes de pontas com referências às características ambientais, as espécies de animais e vegetais, bem como nomeações relacionadas às experiências pessoais dos castanheiros.

No entanto, para dimensionar essa organização, Scaramuzzi utilizou em sua pesquisa o conceito da onomástica, que é uma parte da linguística dedicada aos estudos dos nomes próprios de todos os gêneros para “revelar a íntima relação desses sujeitos com tais lugares”. Nesses termos ele enfatiza que:

A onomástica das pontas de castanha revela parte da história de ocupação e uso territorial dos quilombolas do Alto Trombetas, no espaço que concebem como território tradicional, pois os atos de nomear e transmitir nomes de lugares habitados pelas castanheiras demonstram experiências históricas advindas dos mais de 200 anos de moradia e coleta de castanha nesses lugares (SCARAMUZZI, 2016, p. 265).

Assim como o autor, observei nos respectivos relatos dos meus interlocutores uma relação similar quanto a forma de nomear as pontas de castanhas. Ao analisarmos a associação do nome ao espaço em que habitam as castanheiras, notamos que os extrativistas da Resex Cajari, assim como os quilombolas do Alto Trombetas acessam memórias, histórias e por meio das experiências pessoais que ali foram experimentadas geram pertencimento ao território, dando nome e sentido ao local de trabalho.

Em face dessa singularidade tanto a organização do espaço de trabalho do castanhal, assim como as outras formas de conhecimento que contribuem para o desenvolvimento dessa atividade, são entendidas pelos extrativistas da Resex Cajari como a ciência do castanheiro.

Contudo, no Alto Trombetas, Scaramuzzi (2016), ao analisar a Ciência do castanheiro encontrou duas categorias que conceitua o espaço do castanhal de forma diferente. Dessa maneira, a ciência está diretamente relacionada com as práticas diárias referentes a orientação na floresta; proteção contra acidentes, quebra dos ouriços e aos saberes sobre a caça e à pesca. A segunda categoria é o *entender*, que abrange os conhecimentos sobre a localização, comportamento, características morfológicas e produtivas das castanheiras, bem como as configurações paisagísticas do relevo, hidrografia, vegetação, da história do lugar; dos melhores caminhos e atalhos para caçar, pescar, coletar os frutos e construir o acampamento.

Trata-se, portanto, de territórios distintos, mas que possuem modos operantes semelhantes quanto aos aspectos da organização e trabalho nos castanhais. Nessa condição, tanto a ciência quanto o entender, fornecem bases sólidas para a compreensão desses espaços, e nos mostram que o conhecimento produzido sobre ele é fruto da observação e de uma relação íntima com o lugar. Logo, é fundamental se familiarizar com o ambiente e com tudo que faz parte dele, para ocorrer o entendimento do território e seus elementos, ou seja, os caminhos, piques, extremas, ramais e pontas de castanhas.

Esse olhar diferenciado sobre o território é uma forma de adaptação criada pelos extrativistas para se integrarem ao meio e assim darem sentido e movimento ao lugar das castanheiras. Nesses termos, Fernandes (2018) afirma que:

Um castanhal, só faz sentido em conjunto com as linhas ou trilhas e com as pessoas que abriram essas trilhas e criaram essas linhas, formando assim um tipo de rede ou uma malha de linhas e relações floresta adentro(...) um castanhal é um espaço na floresta que se constitui enquanto um “lugar” - um espaço socializado, humanizado, com uma característica e uma identidade particular relacionadas à biografia e à memória daqueles que o abriram, um local de trabalho, de relações de parentesco e de poder político(...) um castanhal pode ser considerado como um organismo vivo, constituído num movimento orgânico, dinâmico, que vai crescendo ou diminuindo, conforme vai sendo utilizado (FERNANDES, 2018, p. 163).

2.2 Da casa para o barraco: entre avanços e desafios

A coleta da castanha, é uma atividade substancial no desenvolvimento socioeconômico das comunidades do Alto Cajari, contudo essa é uma cultura que sofre influência sazonal, logo, há ocorrência de produção somente em um período do ano, ou seja, no primeiro semestre. No intervalo de entressafra, que acontece de junho a dezembro, os extrativistas do sul do Amapá têm como alternativa de geração de renda, os trabalhos ligados à agricultura e produção familiar de subsistência.

Basicamente, o tempo de trabalho dedicados à roça e à coleta de castanha se desdobram em uma multiplicidade de tarefas, as quais requerem planejamento e organização de toda família. As chuvas ocorridas de dezembro a meados de junho permitem a fertilidade do solo e anunciam que a terra está pronta para o plantio de diversas culturas agrícolas, como milho, feijão, mandioca, macaxeira, banana dentre outras espécies cultivadas na região que são importantes para alimentação e renda da população local.

No entanto, o inverno, além de anunciar fartura, indica que começarão a cair os primeiros ouriços e, assim, é a hora de substituir o cabo da enxada pelo cabo do cambito e de trocar o paneiro de mandioca pelo paneiro de castanha.

De modo geral, a estação chuvosa (inverno) modifica a vida na comunidade em função da extração de castanha. Isso significa dizer que além da migração de trabalho e de mão de obra, existe ainda o movimento de saída dos sujeitos pelos rios e por terra em direção aos castanhais. Deixam-se esposas, filhos, a roça e o conforto do lar para permanecer em meio a mata, isolados numa exaustiva rotina de trabalho diário.

O evento para retirar as castanhas da floresta é tradicionalmente iniciado em dezembro, no entanto, o acompanhamento do castanhal é feito o ano todo, com visitas esporádicas para observar as castanheiras e monitorar a produção da nova safra. Há também visitas mais assíduas antes de se iniciar a queda dos ouriços, cujo objetivo é tornar o trabalho menos hostil, ou seja, são realizados manejo, voltados para a manutenção dos caminhos, grotas, ramais, limpam-se o entorno das castanheiras, se realiza a retirada de obstáculos como troncos e árvores caídas que possam inviabilizar o trabalho da coleta. Entra ainda nessa lista os reparos e reformas dos barracos, os quais são usados como moradia no período da safra.

Em todo caso, em dezembro é possível observar dentro da comunidade o fluxo de pessoas comercializando as primeiras castanhas, isso significa dizer que não se espera concluir a fase de queda dos frutos para se coletar os ouriços e ambos os processos ocorrem concomitantemente. Com isto, fica claro, que não existe uma data ou um mês específico para se iniciar o ciclo de coleta, porém os extrativistas informaram, que a ida para os castanhais se intensifica no primeiro trimestre do ano, ou seja, de janeiro a março e existe alternância entre o tempo na comunidade e o tempo no castanhal.

É preciso esclarecer que essas idas e vindas possuem propósitos diferenciados. Os sujeitos utilizam o termo *entrada* para a ida aos castanhais, o que é diferenciado através de duas modalidades. A primeira se refere a um tipo de incursão cuja finalidade é *pegar um dinheiro*

rápido, ou seja, ela é motivada por necessidades financeiras pontuais e imediatas, como pagamentos de dívidas urgentes, compra de mantimentos etc.

Essa entrada se caracteriza principalmente por ser uma viagem rápida, onde o extrativista, acompanhado de um filho, vai e volta no mesmo dia e a produção retirada é pouco expressiva, normalmente não excede mais de dezoito latas de castanha.

Na segunda modalidade, o extrativista planeja a entrada para o castanhal por um tempo mais prolongado, visando minimizar os custos que envolvem o deslocamento e a permanência dentro da unidade de produção.

Nesse caso, a família normalmente está presente, e o regime de trabalho é intensificado com o intuito de permanecer o menor tempo possível no castanhal. Todavia, o que determina o tempo de estadia de cada extrativista em suas respectivas áreas, depende dos seguintes fatores: tamanho do castanhal e a distância da comunidade; da quantidade de castanha produzida a cada safra; da disponibilidade de transporte e principalmente da mão de obra empregada, ou seja, do número de pessoas trabalhando no processo da coleta.

De todo modo, nesses dois tipos de entrada para os castanhais não existe competição pela produção, mas sim uma corrida pelo lucro, pois há oscilação de preços durante toda a safra. Nessas circunstâncias, se o valor ofertado na barrica de castanha estiver alto, os extrativistas permanecem mais tempo no castanhal se dedicando a coleta.

Em todo caso, o que se observa na comunidade da pesquisa é que os extrativistas que possuem o castanhal relativamente próximo e, dependendo da condição financeira que permita custear idas e vindas diárias, podem ir pela manhã e retornar ao fim do dia para casa. Já aqueles que tem suas áreas mais distantes, se alternam durante toda safra em um período dentro da comunidade e outro no castanhal. Assim, podem trabalhar de segunda a sexta e passarem os finais de semana com família ou ficarem por no máximo quinze dias ininterruptos extraindo castanha.

Contudo, esse movimento, seja de subidas e descidas pelos rios ou trafegando pela estrada de chão (BR 156) exige dos extrativistas um planejamento que envolve custos que são indispensáveis para os deslocamentos e que incluem mantimentos para a permanência no castanhal. Dentre estes custos, os principais itens mencionados consistem na compra de materiais para caça (chumbo, pólvora, espoleta, cartuchos, espingardas); alimentação (café, sal, açúcar, feijão, arroz, óleo de cozinha, bolacha salgada, mortadela, ovos, conservas e especialmente a farinha de mandioca); utensílios de trabalho (terçados, machadinha, botas, paneiros, sacas de fibra etc.) e, não menos importante, combustível (gasolina) para abastecer os

veículos (carros, motos e embarcações de motor rabeta) que transportam esses sujeitos até os castanhais.

Nessa conjuntura, é interessante pontuar que no engajamento em torno da organização da safra, são enfrentados desafios antigos e recorrentes que limitam o deslocamento até os castanhais. Por terra, as dificuldades se encontram principalmente no trajeto da estrada que tem manutenção precária e nos ramais que são inexistentes qualquer tipo de ação que não seja manejos básicos, feitos pelos extrativistas. Com isto, durante as chuvas de inverno formam-se inúmeros buracos, poças de lama e atoleiros, que geram transtornos anuais de acesso e escoamento da produção.

Para aqueles que acessam os castanhais por via fluvial o desafio é percorrer lugares com *lajeiros* que são partes do rio que possuem alta concentração de pedras, e navegar entre troncos e galhos de árvores que ficam imersos dificultando a passagem do transporte (Figura 6). Em todo caso, a atenção é redobrada, pois qualquer erro durante o percurso pode gerar o alagamento da embarcação, ocasionando danos físicos, materiais e eventualmente provocar perda da produção.

Figura 7 – Acesso aos castanhais por rio (A) e por terra (B).



Fonte: Acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

2.3 As fases do “tempo bom” e do “tempo ruim”

Dentre os desafios que envolvem as dificuldades para sair da comunidade e entrar no castanhal, destaco aqui dois conceitos que os extrativistas utilizam para se referir às mudanças e, sobretudo, aos avanços quanto ao deslocamento e permanência deles nas áreas de extração, estes termos/conceitos são: *tempo bom* e *tempo ruim*.

O *tempo ruim* é caracterizado por um momento da história, a saber, quando os castanhais da região sul eram dominados por pessoas que se intitulavam donos do território, os famosos

patrões que detinham o poder de decisão e controle sobre os castanhais e sobre as pessoas. A hegemonia exercida na região por esses antigos patrões afetava diretamente quem necessitava trabalhar e obter renda, pois havia um sistema que oprimia, causava dependência, gerava endividamento e, principalmente, não distribuía a riqueza extraída da floresta de forma justa e igualitária.

Nessas condições, a chegada da safra, ao contrário do que se observa atualmente, suscitava preocupações e inseguranças, haja vista que o castanheiro atuava como figurante dentro da cadeia produtiva da castanha e assumia papéis que o colocava em posição subjugada. Em virtude disto, como foi mencionado, aqueles que eram postos para trabalhar na coleta já entravam no castanhal endividados com o patrão, pois não eram disponibilizados a eles recursos para se manterem na floresta. Isso conduzia à antecipação de valores em dinheiro ou em mercadorias que acarretavam dívidas altas, as quais desfavorecia os sujeitos na obtenção de lucro pelo trabalho gerado, bem como culminava com a exploração da mão de obra.

Sob a mesma ótica do *tempo ruim*, os interlocutores da pesquisa destacaram as dificuldades de permanência nos castanhais como um fator negativo durante a safra, pois passavam longos períodos isolados na mata, em jornadas de trabalho que se prolongavam por semanas e até meses, no castanhal. Havia dependência dos meios de transportes que se restringiam somente àqueles oferecidos pelos patrões para o deslocamento às respectivas áreas. Em virtude disto, esses trabalhadores tinham data de entrada e de saída do castanhal, que não era, necessariamente, obrigatório de ser cumprida. Contudo, quem necessitasse retornar para a comunidade antes do prazo estipulado era obrigado a se deslocar por conta própria, à pé, por longas distâncias.

O *tempo bom*, conforme citado nas entrevistas, teve início a partir da criação da Resex Cajari, quando foram implementadas novas formas de gerenciamento dos castanhais, da produção e, principalmente, quando passou a existir autonomia dos castanheiros no processo de comercialização. Especialmente nos últimos 20 anos, esse comércio teve um saldo positivo e, assim, proporcionou melhorias nas condições de vida desses trabalhadores.

2.4 Mobilidade

Em face desses avanços, como mencionado, a mobilidade se destaca como uma conquista promissora da atividade extrativa. Hoje, o castanheiro determina o dia em que ele quer iniciar a coleta, bem como o tempo que ficará dentro das áreas dos castanhais, por dispor de transporte particular, como motos, carros e canoas com motor rabeta, os quais viabilizam o

deslocamento de pessoas e o escoamento da produção. Com esta introdução de meios de transporte dentro dos castanhais e da mata, o comportamento de muitos extrativistas se modificou, em decorrência da autonomia e praticidade que esses recursos locomotivos permitiram, como mostra o castanheiro senhor Amarildo:

Quando eu comecei a gente passava semana no castanhal, o meio de transporte, a BR, os ramais, tudo isso melhorou, hoje eu vou e volto de moto. Eu entro até lá dentro, se eu preciso de um dinheiro na época de inverno eu vou cedinho, volto no fim da tarde e já vendo. É tudo mais rápido, nós que somos castanheiros antigos vemos isso como coisas que veio facilitar pra gente (AMARILDO, 2020).

2.5 Relações comerciais

No que se refere ao campo das relações comerciais existente para a compra e venda da castanha na região, os interlocutores informaram que, após a descentralização do poder que os antigos patrões tinham sobre no território sul, houve uma ruptura em relação às práticas abusivas, referentes à exploração da mão de obra da população local. Os extrativistas tiveram, então, liberdade para negociar a produção com qualquer comerciante, passando, assim, a desenvolverem relações mais justas e dialógicas.

Contudo, na contramão dessa mudança qualitativa nas transações da castanha produzida nessa região, a prática do aviamento não foi extinta completamente e persiste em sua forma moderna, nas relações comerciais. O que se observa é que além das antigas práticas, como adiantamento de produtos e valores em dinheiro, foi incorporado a esse sistema diversos tipos de assistência ao extrativista e principalmente foram estreitados vínculos de amizade, de respeito que resulta na fidelidade da venda da produção para uma única pessoa.

Exemplificando, destaca-se que atualmente, o maior comprador de castanha da região, reside na comunidade de Água Branca do Cajari. Ele conhece os extrativistas, suas famílias, os castanhais e está presente diariamente na vida desses sujeitos, dando apoio financeiro em qualquer época do ano, cedendo máquinas para abrir roças, dentre outros serviços prestados que são vantajosos na estratégia de fidelizar e ter exclusividade na produção. Nesse caso, as relações produtivas não acontecem verticalmente como era antigamente, pois as decisões sobre o que fazer a cada safra parte diretamente do extrativista, bem como cabe ao castanheiro buscar as melhores ofertas dos compradores que aparecem na região.

Na tentativa de facilitar o acesso e fidelidade na venda da produção, compradores como o “Seu Pedro”, que foi o principal nome mencionado nas entrevistas, passou a integrar a comunidade a fim de obter uma relação mais próxima com os castanheiros. Em suas estratégias de negociação, a conexão entre ele e os extrativistas vai além das transações que envolve a

castanha, uma vez que ele se tornou uma figura central, que atende as necessidades imediatas dos sujeitos que integram o grupo de extrativistas/vendedores de castanha que ele conquistou na região.

Por essa razão, os interlocutores mencionaram que vendem há vários anos a produção da castanha somente para o senhor Pedro, por ele ser acessível dentro da comunidade, por haver flexibilidade nas negociações e ofertas de preços considerados mais justos, mas principalmente negociam com ele porque confiam e tem a segurança que, independentemente do período de safra, ele dará suporte em eventuais demandas surgidas durante o ano.

Com isto, na percepção dos extrativistas, as facilidades da comercialização com o senhor Pedro, tornou-o um parceiro comercial diferenciado dos demais compradores, e fez dele um “bom patrão”, como afirmam os interlocutores. Vejamos alguns relatos de castanheiros acerca desta relação com seu principal comprador e as estratégias traçadas para negociar a castanha na região:

— Se eu pego dinheiro com ele (Seu Pedro), 5.000,00 mil, por exemplo eu não pago juros, pode passar o tempo que for, se não dá pra pagar no mesmo ano ele deixa eu pagar na próxima safra.

— Ele é um bom patrão porque se eu tô aperreado, precisando de dinheiro ele faz o adiantamento e ele tá sempre aqui na comunidade.

— Ele não fecha a castanha, se tu pegares qualquer valor de dinheiro e a barrica tiver por 110 reais e quando tu for pagar no final da safra da castanha e o preço tiver 500 reais ele vai pagar esse valor do preço atual. E se tu pega adiantamento e o valor é 110 e quando tu for acertar com ele o preço tiver baixado ele vai pagar os 110, isso é bom.

— Tem situação que aparece comprador de fora com uma proposta boa, mas acontece que ele não mora aqui e o momento que a gente mais precisa ele não tá presente. E na época que precisar ele pode não te ajudar. Tudo isso a gente encontra dificuldade pra negociar com outras pessoas que não moram na região, que só compra castanha na época do inverno. Passa o verão ele vai embora e não tá nem aí com aqueles que ficam, então essa situação influencia a gente ficar trabalhando só com uma pessoa direto. Trabalho uns sete anos com ele, não é que ele é bom, mas ele tá aqui. Ele sempre fala que a hora que eu não quiser trabalhar mais com ele é só falar, mas a gente não negocia com outros, porque a gente não quer contrariar a pessoa que tanto ajuda a gente.

- Ele sabe quando é um tempo de safra boa e ruim, ele entende quando a gente não consegue pagar.

- Ele favorece muito os castanheiros, manda abrir ramal, ajuda a fazer ponte, ele ajuda seus fregueses, ele manda buscar a castanha lá no meio do castanhal, antes o preço mudava pro castanhal de perto e de longe, mas ele não, ele paga o mesmo preço em qualquer lugar.

(Recortes dos depoimentos dos entrevistados, 2020).

Com base nos depoimentos, fica evidente que as estratégias promovidas dentro da comunidade atendem aos interesses de ambas as partes e traz benefícios diretos para o extrativista. No entanto, ela não deixa de ser pautada numa relação de poder, onde quem tem capital se utiliza das necessidades desses sujeitos, visando garantir o lucro e comprometendo a produção por meio do endividamento.

É um tempo bom, de relações mais equilibradas, de protagonismo dos castanheiros, mas que ainda exige reflexão e um olhar mais atento aos reais interesses imbricados no processo de comercialização. É inegável que aconteceram grandes transformações, no entanto, em torno do sistema de adiantamento e do crédito aberto, se observa a mesma lógica que os antigos patrões exerciam no passado, ou seja, em troca da segurança financeira e de serviços proporcionados aos extrativistas, se garante a fidelidade da produção, bem como firma-se um compromisso, onde quem se beneficia prefere não arriscar negociar com outros compradores para “não contrariar quem tanto ajuda” e sobretudo, para que não se perca a confiança do patrão.

Entretanto, é importante mencionar que embora exista fidelidade de venda para uma única pessoa, a dependência pelos benefícios provenientes dessa relação é mútua. Contudo, no arranjo atual de comércio da castanha, os compradores, são os que mais necessitam se esforçar para não perder seus fregueses, pois sabem que o extrativista de hoje não fica à sua mercê, pois tem alternativas para negociar a produção, dentro e fora da comunidade.

2.6 Preços

Na dualidade em que se apresenta o *tempo bom* e o *tempo ruim*, o último aspecto mencionado sobre as melhorias ocorridas na cadeia produtiva da castanha foi em relação ao preço pago pela produção. Seu Raimundo Batista, hoje com 92 anos de idade, é o extrativista mais antigo da comunidade e presenciou o avanço gradual dentro dessa atividade, em seu relato eles nos contou que fez parte da geração de castanheiros que trocava seis latas de castanha por um fardo de cinco quilos de charque e que trabalhava para comer, pois não se obtinha saldo aos finais de safra em decorrência do preço irrisório em que eram obrigados a negociar.

De acordo com ele:

O trabalho da castanha do tempo passado até quando eu parei continua idêntico, conforme na vontade do castanheiro ele inicia o trabalho, o preparo é o mesmo de hoje. A gente tem que fazer o paneiro, o cambito, o machado de cabo curto para quebrar o ouriço. Comecei acompanhando meu pai que era castanheiro, eu olhava ele e com 12 anos eu já comecei a trabalhar. A gente trabalha pro mato longe e tirava por dia 10, 15, 50 paneiros de castanha, nesse tempo era o Crispim de Almeida, só era ele que comprava, ele mandava os burros ir buscar, chegavam lá ensacavam, era uma distância longa e o castanheiro acompanhava. Nessa época a gente lavava, tirava as

chocas, aquelas que boiam sabe! tirava todas as impurezas pra poder vender. A gente ia lá acertava, o dinheiro era 5000 réis, o cara comprava no comércio e ia descontando, ele não atendia com dinheiro era só mercadoria, isso rolou até eu ficar homem, e assim a gente ia até chegar o momento que ele foi embora. Desse tempo começou a melhorar o preço, andou favorecendo pra nós que a gente era muito escravizado, um dia chegou até 30 cruzeiros. A gente foi trabalhando até que chegou o hoje, em termos de trabalho não mudou, conclusão é que a castanha tá num preço valorizado. Hoje já chegou até 600 reais, pra quem hoje é castanheiro, tá uma coisa muito boa, pra quem quer trabalhar tá muito bom, o comprador paga na sua frente, você assumiu seu compromisso de pagar e já é livre pra vender pra outro, quem dera eu ter essa sorte, posso dizer que tá muito bom (RAIMUNDO BATISTA, 2020).

Em consonância com esse testemunho, os demais interlocutores da pesquisa foram categóricos ao afirmar que, em termos econômicos, houve uma mudança significativa na agregação de valor da castanha e isso refletiu, sobretudo, na melhoria de qualidade de vida dos extrativistas, como mostra o relato do senhor Josué, de 50 anos:

O Cajari teve um avanço muito grande em termos de condição financeira, antigamente a gente trabalhava e não saldava nada e sempre continuava devendo pro patrão. Quando a gente passou a se libertar, as coisas começaram a mudar, hoje quando a gente termina de tirar a castanha a gente acerta tudo, sempre sobra um dinheiro e a gente já tem crédito para pedir ajuda, se precisar, o ano todo. Uma coisa eu te digo, eu nunca vi castanheiro rico, dinheiro da castanha você pode observar, ninguém guarda, a gente compra as coisas que tá faltando, eu, assim como todo esse pessoal que tem castanhal criou sua família assim, hoje eu tenho uma casa, tenho as coisas dentro e todo mundo que foi conquistando as coisas foi com ajuda do dinheiro da castanha (JOSUÉ, 2020).

Em face disto, é oportuno mencionar que os motivos que levam esses extrativistas a abandonar o conforto de sua casa, suas famílias para permanecer dias se aventurando em um trabalho que é tão arriscado, não está somente atrelado ao fator econômico, até porque, independente do preço, eles adentram os castanhais e executam as atividades frequentemente, como de costume.

Como afirma, o Sr. Amarildo:

Hoje eu te digo que no meu caso já nem é nem questão da renda, já é costume, tradição, porque tu vê que castanha varia muito, ano a ano o preço é bom, é ruim. Eu sou funcionário público, mas todo ano eu tô lá, seu não for trabalhar com a castanha, mas, eu vou pro castanhal, eu nunca abandonei, nesses anos todinhos eu nunca passei uma safra de castanha que eu não vá (AMARILDO, 2020).

Já o senhor Josué, falou sobre a ansiedade gerada em torno da temporada da castanha, bem como afirmou que em meio a tantas adversidades, existe momentos de descontração entre o grupo de trabalho:

O saudoso Primor dizia que castanha é um vício! A gente passa o verão todinho sem tirar castanha, passa tudo bem, e quando chega à safra todo mundo fica louco pra tirar castanha, aí vai enfrentando, ouriço caindo e cabra juntando, é uma tradição que não

se acaba, é uma coisa animada, mesmo que não dê dinheiro o povo tem aquilo como tradição, tem que tirar castanha! Ai a castanha tá caindo, tá dando vento, e a pessoa tá colhendo, não sabe se junta ou se corre, é divertido, é animado, às vezes eu digo, para o ano eu não vou mais tirar castanha e quando chega a época tô doido pra tirar de novo (JOSUÉ, 2020).

Os senhores Ademir Braga e Francisco Rodrigues, apesar de não atuarem diretamente no castanhal, mencionaram a saudade de estar trabalhando em suas áreas e da relação familiar construída com os filhos durante o desenvolvimento da atividade:

Eu comecei a trabalhar com meu pai, depois eu comecei a trabalhar com meus filhos, nós somos um grupo que trabalha junto, a necessidade faz a gente ir sim, mas eu gosto, hoje os moleques não querem que eu vá mais, mas eu gosto de tá no meio deles, eu dou conta de trabalhar, esse é um serviço animado, a gente conversa, brinca, para pra merendar e conversa, é uma relação de união, o ouriço une, é uma relação de família (ADMIR BRAGA, 2020).

Francisco, que hoje tem 69 anos de idade, não trabalha mais dentro do castanhal por problemas de saúde e por cuidar do filho que possui deficiência, lamentou não poder tirar mais castanha. Quando ele narrou o trabalho com a família se emocionou dizendo *“Ah eu sinto muito por não tá no meio deles, não posso fazer mais, se eu pudesse eu tava lá”*. Esse comportamento de ambos os interlocutores é o sentimento observado nas demais narrativas, o que nos mostra que, embora a atividade extrativa possa ser difícil e até exaustiva, ela possui um profundo valor emocional para os sujeitos que a executam.

Permeado de significados emocionais e culturais atribuídos a esse movimento de entrada na floresta para coletar a amêndoa, o extrativismo da castanha-do-brasil representa para os castanheiros muito mais que sua principal fonte de renda, pois é dentro do espaço dos castanhais que ocorre a formação de quem são, a criação e estreitamento de laços afetivos entre os seus companheiros de trabalho, com quem dividem o dia a dia difícil de labuta dentro da mata. Logo, o extrativismo da castanha, longe de ser apenas uma atividade econômica, está intimamente ligado à cultura do castanheiro, a seu modo de vida, e principalmente às histórias que são geradas no dia a dia nesses espaços.

Em face ao exposto, por fim pontuamos que ainda que tenha ocorrido mudanças e melhorias em diferentes aspectos da cadeia produtiva da castanha, o modo como se realiza a extração dessa amêndoa é o único processo que não sofreu nenhuma alteração desde quando se iniciou o extrativismo na região. Nos dias atuais, a fase de coleta e abertura dos ouriços se mantém de forma rudimentar, sendo realizada segundo o modo tradicional, de forma manual e sem o incremento de maquinário ou qualquer outro tipo de tecnologia que não seja o cambito, a machadinha e o paneiro, como veremos a seguir.

2.7 As etapas e os processos de coleta da castanha-do-brasil

2.7.1 O barraco

Como mencionado, o processo de realização da coleta da castanha implica em, sobretudo, planejamento e organização para garantir a permanência dos extrativistas no território no período de coleta e jornadas nos castanhais, especialmente para aqueles extrativistas que possuem áreas distantes da comunidade, que são de difícil acesso e que necessitam se dedicar ao trabalho extrativo em tempo integral durante a fase de coleta.

Nesse caso, constroem-se no território do castanhal uma moradia improvisada denominada de *barraco* (Figura 7). Essa estrutura é o espaço de referência de chegada e de partida dos extrativistas, por ser este o local que serve de proteção contra a chuva, assim como de base para a preparação dos alimentos e abrigo para amarrar as redes de dormir nas noites de descanso, no decorrer do desenvolvimento da atividade extrativa.

Figura 8 – Vista da construção do barraco Barrinha velha.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Os *barracos*, de um modo geral, ainda que possuam rusticidade na estrutura física, são pensados para proporcionar segurança, bem-estar e um certo conforto aos trabalhadores.

Contudo, apesar dos cuidados tomados e da experiência que esses sujeitos têm dentro da floresta, no momento de escolher o lugar para construir essas habitações pode ocorrer um fatídico acidente, como o que aconteceu na safra de 2021, com uma família extrativista na região.

Na madrugada do dia 14 de junho de 2021, a região foi surpreendida com a notícia da queda de uma castanheira sobre um barraco, provocando a morte de sete pessoas da mesma família, entre elas, uma grávida e uma criança (Figura 8). As vítimas trabalhavam na extração da castanha e dormiam no momento do acidente. A tragédia gerou comoção nas comunidades e até hoje foi o único caso registrado com vítimas fatais na região.

Figura 9 – Vista aérea do local onde ocorreu a tragédia da queda da castanheira sobre um barraco.



Foto: G1 Amapá, 2021.

Nos castanhais dos interlocutores, todos enfatizaram que por se tratar de uma atividade desenvolvida no inverno, a combinação de fortes chuvas e ventos fortes gera preocupação e cautela na escolha do terreno do barraco. Por essa razão as moradias se encontram preferencialmente em uma clareira aberta, distante de árvores de grande porte para que não haja perigo de queda sobre o barraco.

Por se tratar de uma construção provisória, os acampamentos são constituídos por uma estrutura rústica, feita com madeira, mas que possui alta resistência e durabilidade. São espaços que se caracterizam como fixos, em virtude da proximidade com fonte de água (grotta, rio, igarapé). Os barracos são pequenos, sem divisões por cômodos, ausentes de paredes, havendo

somente um único espaço para se atar as redes. A cobertura do barraco é feita com palha, lona ou em alguns casos de telha brazilit. O assoalho é suspenso ou inexistente. Não há presença de pertences domésticos de grande valor, mas é comum se encontrar fogão industrial de duas bocas e o botijão, em virtude da praticidade de uso e locomoção deles. Outros itens que compõem o barraco são o fogão a lenha e o *jirau* de madeira, ambos utilizados na preparação de alimentos.

Portanto, o barraco é um espaço socializado, de encontro, de conversas, de repouso e de planejamento. Ele é o lar temporário dos extrativistas, mas passa a ser também a casa dos objetos usados no trabalho, que na maior parte do tempo ficam juntos ao lado das redes dos seus donos. O barraco por si só identifica que ali é o lugar de alguém, especialmente por se tratar de um espaço que é constituído, também, por plantas frutíferas, o que corresponde aos quintais, visualizados ao redor das residências desses sujeitos, na própria comunidade.

2.7.2 Os objetos e seus usos no processo da coleta

A fase de coleta da castanha é o momento que demanda maior esforço físico do extrativista, por ser tratar de um trabalho manual em todos os seus processos, e por envolver um ciclo repetitivo de caminhadas por debaixo das castanheiras, para serem realizadas as etapas de ajunta, amontoa e quebra dos ouriços. Conforme Vilhena (2004), esses processos se mantêm praticamente inalterados há muitas décadas e acontece sob condições bastante degradantes. Há sérios riscos, envolvendo acidentes com as ferramentas de trabalho, picadas de cobra, de escorpião, de aranha, queda de ouriço na cabeça, dentre outros perigos ligados a essa atividade.

Esta fase, embora pareça ser simples, não pode ser compreendida somente através do ato de recolher os frutos da castanheira, parti-los e comercializá-los. Para se desenvolver cada processo, deve ocorrer a combinação de diversos saberes tradicionais acerca desta atividade. A exemplo disso: saber andar pela mata e entender a dinâmica do castanhal; entender como se empregam as técnicas de confecção e uso de diferentes instrumentos no trabalho de abrir os ouriços. Nesse sentido, cabe aqui contextualizar e descrever os objetos usados na coleta de castanha, pois entendê-los é ter interesse pelas tecnologias tradicionais, além de saber como nasce o objeto, como se produz, quem o concebe, que matérias primas foram utilizadas e que tarefas sociais estão envolvidas na sua produção artesanal (NOGUEIRA, 2003).

2.7.3 A fase de ajuntar e o uso do cambito

O primeiro processo atribuído à coleta de castanha-do-brasil envolve a técnica de *ajuntar* os ouriços com o auxílio de uma vara de madeira, denominada localmente de *cambito*.

Esse instrumento se caracteriza por ser leve, resistente e possuir na base uma abertura que ao ser pressionada sobre o ouriço, se encaixa e o tira do chão com maior precisão (Figura 9).

Figura 10 – Cambito encaixado no ouriço.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Nesses termos, o *cambito* pode ser entendido como a extensão do braço do extrativista. O seu uso, além de melhorar o desempenho no momento da coleta, minimiza o esforço físico, evitando que o coletor se agache inúmeras vezes para pegar os ouriços do chão, bem como afasta o perigo de acidentes com escorpiões e cobras, uma vez que as mãos e braços não tocam o solo.

O *cambito* também assume outras funções no trabalho com a castanha. Além de viabilizar a coleta dos ouriços, ele se torna uma arma de defesa do extrativista no momento da extração, frente a situações de perigo que a floresta pode apresentar. Ele também serve como apoio para o extrativista percorrer longas caminhadas e enfrentar subidas e descidas dentro do castanhal.

Em todo caso, o *cambito* é um objeto rústico, de natureza tradicional, que promove aos extrativistas um trabalho menos desgastante devido as suas qualidades funcionais que não

possui substituto no mercado industrial por ser uma inovação tecnológica das populações da floresta. Contudo, em algumas regiões da Amazônia, na extração da castanha se adota o terçado para recolher o ouriço do chão (BENTES, 2017; CAMARGO, 2010).

2.7.4 A confecção do cambito

O *cambito* é confeccionado comumente pelo próprio extrativista e a matéria prima utilizada é obtida na área do castanhal: *invira preta*, *andirobinha*, *tachí*, *caferana*, *geniparana*, *cambiteira* e *carniceiro*, são algumas das espécies mais usadas, fornecendo a madeira para a sua feitura. Porém, independente da espécie usada, o procedimento adotado para confecção não muda, a transformação de uma vara em *cambito*, passa por algumas etapas que são consideradas como simples (Figura 10).

Figura 11 – Extrativista confeccionando um *cambito*.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

A primeira etapa consiste em se escolher uma madeira (tronco ou galho, variando de acordo com a espécie utilizada) que tenha um comprimento em média de 1,5 m, mas isso não é regra geral, porque o tamanho se modifica conforme a altura do sujeito que vai utilizá-lo. Depois de escolhida a madeira, retira-se a casca, deixando-se a vara totalmente lisa para posteriormente realizar-se o acabamento do cambito. Na base da vara, com o auxílio de um terçado, é feito um corte com aproximadamente 30 cm, em formato de cruz, que dá origem à

quatro pontas. Para finalizar, é colocada uma espécie de regulador que é feito de cipó ou de qualquer material industrializado, o que permite uma amarração que se ajusta de acordo com o tamanho do ouriço. Feito isso, o cambito está pronto para uso.

2.7.5 A fase de amontoar e o uso do paneiro

O paneiro é um cesto artesanal tecido com fibras vegetal, que serve para guardar e transportar alguns objetos, frutas, materiais leves etc. (Figura 10). É um objeto que, de modo geral, conecta as diversas populações tradicionais do campo, ribeirinhas e da floresta, por ser um instrumento que possui diversos usos e finalidades, em diferentes atividades ligadas à roça, pesca, coleta do açaí, da castanha etc.

Figura 12 – Extrativista com um paneiro preso às costas.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Dentro do castanhal, o paneiro delega a quem o possui um dos papéis mais importantes que é o transporte dos ouriços no momento da coleta. Na ausência do paneiro como descreveu o Sr. Francisco Rodrigues, seria praticamente impossível carregar grandes quantidades desses frutos em decorrência do peso e das caminhadas a serem percorridas na mata. Transportar os ouriços em sacas de fibra, por exemplo, tornaria essa etapa mais exaustiva e lenta. Com o paneiro na costa é possível ter mobilidade e rapidez para coletar os ouriços do chão, pois o paneiro se entrelaça no corpo do castanheiro e, juntamente com o suporte do *cambito*, formam um conjunto de movimentos sucessivos onde se caminha, se ajunta e se arremessa o ouriço no

cesto até enchê-los, ou seja, seu uso se traduz em ganho de tempo e agilidade na execução do ajuntamento dos ouriços de castanha.

Na sequência desse processo, os frutos são transportados e posteriormente reunidos em pontos específicos do castanhal para formar os montes de ouriço, que por sua vez é estrategicamente pensado para atender a demanda de produção de várias castanheiras situadas nas proximidades umas das outras, para que o coletor não percorra longas distâncias com a carga do *paneiro* na costa.

2.7.6 A confecção do *paneiro*

A técnica empregada no trançado e na confecção geral do *paneiro* é culturalmente dominada pelos extrativistas mais antigos da região. Na feitura desse artefato artesanal, a mão de obra empregada provém tanto do sexo masculino, como do feminino. Porém são os homens os que mais fazem *paneiros* e são eles que transmitem os conhecimentos dessa arte para a nova geração de castanheiros da Resex Cajari.

Atualmente, utilizam-se no extrativismo da castanha dois tipos de *paneiro*. O primeiro é confeccionado de tala extraídas de algumas espécies de vegetais. O segundo tipo é feito de uma fibra industrializada, um material sintético bem resistente que serve para amarrar tijolos e é facilmente encontrado em lojas de material de construção. Devido a sua durabilidade e resistência, o *paneiro* de fibra industrializada é largamente utilizado e passou a fazer parte da cultura material dos extrativistas da região.

Figura 13 – Castanheiro confeccionando um *paneiro*.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Na confecção de *paneiro*, as pesquisas indicaram que “há a mobilização de processos cognitivos como a percepção, a linguagem e a memória que direcionam as ações de escolher a matéria prima adequada, de determinar o tamanho da tala a ser usada, de acordo ao tamanho do fundo do cesto que se quer confeccionar” (COSTA, 2018, p. 129). A matéria prima do *paneiro* de tala (fibra vegetal) é proveniente de algumas espécies de cipós como: *cipó ambé* (*Philodendron* spp) e *cipó tititica* (*Heteropsis* spp), encontradas na região da Resex Cajari. O cipó, diferentemente da fibra sintética industrial que já está pronta para ser tecida, envolve uma série de práticas e técnicas de preparação no momento de ser transformada em *paneiro*.

Assim, na primeira etapa, após a extração dessas plantas fibrosas, inicia-se a retirada da parte externa da casca que, dependendo do tipo de cipó, pode ser raspada ou descascada com auxílio de uma faca, para fazer a retirada da tala. Depois de estar totalmente liso, o cipó é partido longitudinalmente e, com um corte preciso, são retiradas pequenas tiras maleáveis e flexíveis, popularmente chamadas pelos extrativistas de *talas*, que após serem retiradas, já estão prontas para serem tecidas. Tanto a tala natural, como a tala industrializada, passa pelos mesmos processos no momento de tecer o *paneiro*.

É justamente o início da confecção que exige maior habilidade das mãos, bem como requer muita atenção, principalmente nos primeiros trançados pois, como dizem os castanheiros da região, “*o segredo do paneiro, está no início dele*”. Nesses termos, o processo inicial de confecção do *paneiro* se dá pela junção de seis talas, para formar a parte do fundo, que localmente recebe a nomenclatura de *olho* ou *segredo*. A partir dessa base hexagonal se estrutura o *paneiro* com o mesmo traçado, do início ao fim. No entanto, quando o fundo está totalmente acabado, a confecção segue na vertical e encaixa-se um molde para ajustar o novo *paneiro* ao tamanho estabelecido.

Após tecido, o *paneiro* entra na fase de acabamento. Ao redor da sua circunferência são amarradas seis varas, chamadas de *pernas*, que servem de suporte para manter o *paneiro* em pé. Uma ressalva importante é que na escolha dessas varas é levado em consideração a qualidade da madeira usada. Espécies vulgarmente descritas pelos castanheiros como *caniceira* e *canela de velha* são as mais utilizadas por serem madeiras que quando secas, se tornam leves, mas com alta resistência. Das seis varas que são postas no *paneiro*, duas delas tem utilidades bem específicas São colocadas com um espaçamento maior entre elas, para que não haja contato da madeira diretamente com a costa do extrativista. Por essa razão, o *paneiro* usado na coleta de castanha na região, possui um forro feito de sacas de fibra ou de outro material de tecido leve, que proporciona um certo conforto durante o transporte dos frutos, bem como evita o risco

de acidentes com escorpiões e, também, impede que a sujeira e água dos ouriços encharque a roupa usada pelo coletor.

Nas mesmas *pernas* (varas) que formam o forro, são colocadas as *orelhas* do *paneiro*, que são similares a um aro, como o de calças por onde passa o cinturão de roupas. Esse item tem por função manter a alça do *paneiro* suspensa, sem contato com o solo. No entanto, há casos em que são colocadas *orelhas* em todas as *pernas*. Isso mantém a alça fixada no meio do *paneiro*, podendo assim ser regulada, e ajustada de acordo com o corpo de quem queira usá-lo.

A matéria prima usada para fazer as alças, provém de sacas de fibras que são dobradas e costuradas para formar uma tira com aproximadamente 10 cm de largura. O comprimento da alça é de acordo com a altura de quem vai utilizar o *paneiro*, e assim no processo da confecção do acabamento, essas medidas são tiradas com o *paneiro* colocado na costa de quem for utilizá-lo. Na confecção da alça sempre é levado em consideração a resistência da saca de fibra utilizada, pois, qualquer alça que é colocada deve suportar a pressão do *paneiro* quando cheio (Figura 13).

Figura 14 – Castanheiro segurando as alças do *paneiro*.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Na fase de acabamento do *paneiro*, ocorre a colocação da *arreata* que é uma espécie de alça feita especialmente para ser carregada na cabeça. O extrativista, ao posicionar o *paneiro* na costa, fixa as alças (em forma de X no peito ou as apoia diretamente no ombro. Contudo, para otimizar o esforço durante o transporte dos ouriços, e amenizar o peso que fica totalmente

concentrado na costa e ombros, se utiliza a *arreata* na cabeça como uma alternativa para diminuir o cansaço durante o carregamento dos ouriços e das sacas de castanha (Figura 14).

Figura 15 – Castanheiro utilizando a *arreata* na cabeça.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

É importante destacar que, a respeito do *paneiro*, o extrativista da Resex Cajari, compara a estrutura desse objeto de trabalho ao corpo humano. Assim ele é composto de *pernas*, *olhos*, *boca e orelhas*. As *pernas* são as varas de madeira que sustentam o peso do *paneiro*; os *olhos* são os pequenos espaços do trançado; a *boca* é a única abertura que fica na parte superior do cesto onde são colocados os ouriços; as *orelhas* são as duas tiras nas laterais do *paneiro* e que servem para passar as alças. Além desses elementos, no *paneiro* há pequenos nós, presentes no trançado e que são chamados de *filhos*. Este é o lugar onde é unido/colado uma nova tira para se obter a uniformidade de cada *olho* da estrutura.

Em termos econômicos, o valor do *paneiro* varia conforme o tamanho e o tipo de material usado. Se for sintético é mais barato, pelo fácil acesso a matéria prima, sendo o menor valor 150 reais. O mesmo não ocorre com *paneiro* de tala natural, pois há escassez da matéria prima nas proximidades da comunidade, bem como o próprio processo de beneficiamento do cipó passa por mais etapas de transformação do que a fibra industrial, com isto, quem deseja trabalhar com o *paneiro* natural, paga mais caro para obtê-lo.

Seu Tomé me relatou que vem observando que muitos castanheiros estão deixando de confeccionar, eles mesmos, esse instrumento de trabalho e, assim, estão comprando diretamente do artesão. Ele afirmou que tem preocupação na preservação dessa arte, pois os extrativistas mais antigos da região, apesar não confeccionarem seus paneiros, sabem como fazer, diferentemente da geração de castanheiros mais novos, que em sua grande maioria, não dominam a técnica da confecção. Em seu relato ele afirmou ser o único artesão da região do Alto Cajari que profissionalizou esse trabalho, em decorrência disso a demanda é grande, existe trabalho o ano todo, inclusive encomendas de paneiros de fora da Resex Cajari.

2.7.7 A fase de quebra e o uso da machadinha

Os extrativistas, após passarem horas caminhando dentro da floresta coletando ouriços, formam os montes e logo em seguida, se conseguem reunir uma quantia desejada de ouriço, sentam-se no chão ou, em alguns casos, num banco improvisado e dão início ao processo de *quebra*, que é o termo usado localmente na comunidade para designar o processo de abertura desses frutos. Nesta etapa, o grupo familiar se empenha em retirar as castanhas dos ouriços, auxiliados por uma ferramenta denominada *machadinha*. Esse instrumento é a junção de uma base forjada em aço, com extremidade cortante e um cabo em madeira, curto, confeccionado em alguns casos pelo próprio extrativista (Figura 15).

Figura 16 – Fotografia de uma *machadinha*.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Esse instrumento é a miniatura do machado tradicional, usado para partir lenha e realizar a derruba de árvores na abertura de roças, contudo, no espaço do castanhal é destinado somente para a abertura dos ouriços. Portanto, para confeccionar a machadinha é necessário substituir o cabo de madeira longo por um cabo mais curto, que por sua vez deve ser leve, resistente e de fácil manuseio, para favorecer a abertura dos frutos da castanheira sem comprometer o braço.

Em virtude da forma como as mãos ficam expostas nessa atividade é fundamental que o castanheiro tenha atenção para executar cortes precisos para não lesionar a si próprio, e nem ferir internamente as castanhas, uma vez que isso acarreta prejuízo financeiro. Desta forma, para se quebrar o ouriço, se utilizam pedras, ou outra superfície dura que sirva de base para garantir firmeza do corte, quando é exercido pressão sobre o fruto. Assim, com uma das mãos, o extrativista apoia a parte inferior do ouriço sobre a pedra e com a outra segura a machadinha para executar os golpes na ponta superior, até que se rompa totalmente a *tampa* ou *boca* do ouriço, como é chamada localmente.

Dependendo da experiência e da habilidade do castanheiro, 3 ou 4 cortes já são suficientes para partir o ouriço. Este, uma vez aberto, recebe leves batidas com a machadinha nas laterais para que as castanhas se desprendam com melhor facilidade, no momento que são despejadas dentro de sacas de fibra, que ficam posicionadas à frente ou do lado de cada castanheiro.

Ainda no castanhal, o extrativista realiza uma pré-seleção das sementes, logo após abrir cada ouriço. Remove-se o *umbigo*, que é uma a estrutura placentária semelhante a uma castanha; descartam-se as sementes inadequadas para comercialização, que são aquelas que apresentam lesões resultante do momento da abertura do ouriço, bem como retiram-se aquelas que visualmente possuem aspecto de podre, com coloração esbranquiçada, para não comprometer a qualidade das castanhas boas que ficam armazenadas dentro dos sacos.

É interessante pontuar que na seleção das sementes, a *lavagem* era um ritual obrigatório de seleção, para serem retiradas as castanhas secas, ou seja, aquelas que submergiam ao serem colocadas na água. Nesse processo, o *batedor*, nome dado ao cesto feito de tala vegetal e a basqueta⁴ que foi inserida posteriormente, eram os principais instrumentos adotados para fazer a separação das castanhas boas das ruins. Contudo, ao ser extinta essa prática dentro da

⁴ A basqueta ou caixa vazada é um recipiente de plástico, que é utilizado para armazenamento geral, principalmente de frutos, pois possuem as laterais e os fundos vazados que permitem uma boa ventilação e escoamento de água, poeira e sujidades.

comunidade pesquisada, automaticamente deixou-se de utilizar ambos os objetos e de se fabricar especialmente este tipo de cesto.

De todo modo, a combinação dos objetos usados na execução do trabalho com a castanha expressa a identidade de quem os utiliza no espaço do castanhal e revela a tradição material presente no modo de vida desses sujeitos. A construção do cambito, a tecedura dos paneiros (de tala vegetal e sintética), o machado adaptado para quebrar os ouriços indicam que a produção de cada extrativista passa por diferentes processos de transformação, utiliza diferentes matérias-primas, bem como revela a riqueza do saber tradicional e o domínio de técnicas e práticas, empregadas no uso e no fazer desses objetos.

Por essa razão, é importante direcionar um olhar para além da perspectiva utilitária que esses objetos possuem na extração da castanha, pois estes objetos são dotados de valores patrimoniais que ultrapassam os seus valores de uso (VELTHEM, 2008), bem como possuem atributos que estão relacionadas com a história social e econômica local, portanto, permeados de significados (SOUZA, 2009).

2.8 Relato de minha experiência no castanhal Barrinha Velha

Antes de adentrar o castanhal Barrinha Velha, local que realizei a observação participante, o senhor Francisco Antônio, meu pai, contou sobre sua trajetória de vida enquanto extrativista e como se deu o processo em que ele passou a ser dono definitivo do castanhal que hoje explora. Franci, como é localmente conhecido, tem 63 anos de idade, pai de 10 filhos, é extrativista e agricultor, nascido e criado na comunidade de Água Branca do Cajari.

Ele é um dos sujeitos que se propôs a participar da pesquisa de mestrado e foi selecionado como meu principal informante para apresentar, junto com os demais interlocutores: Admir Braga, Alexandre, Jairo, Francisco das chagas, Amarildo Pinto, Josué Santos e Geandro, suas vivências e experiências na história do extrativismo da castanha-do-brasil da Reserva extrativista do Rio Cajari.

Contudo, para falar do castanhal da atualidade e entender toda a organização do trabalho dessa atividade é preciso voltar ao passado, há mais de 30 anos, quando em 1982, seu Francisco iniciou o trabalho extrativo no castanhal Barrinha Velha. Francisco não soube informar a historicidade por trás da nomeação desse lugar, mas informou que outras famílias já haviam explorado o castanhal e alguém anterior a ele batizou com esse nome.

A conquista desse espaço de terra para trabalhar com a castanha não foi nada fácil. Antes da criação da reserva, as terras situadas no atual território da Resex Cajari foram

exploradas por grandes nomes da história da ocupação da Amazônia como Zé Júlio de Andrade. Seu Francisco relata que não o conheceu, mas sentiu os efeitos causados pela passagem dele pelas terras cajarienses. As relações com *patrões*, assim como a prática do aviamento, na região foram herdadas por outros indivíduos que impuseram regras e reproduziram as práticas de autoritarismo e domínio de terras, por muito tempo na região.

Como consequência da história de ocupação, até meados dos anos 80, algumas pessoas no sul do Amapá concentravam grandes extensões de terras e se autodeclaravam donos desses espaços. Nesse período se alguém tivesse interesse em trabalhar nessas terras durante a safra da castanha, precisava pedir autorização a esse “dono” e, se recebesse permissão, o trabalhador era totalmente subordinado às regras do trabalho, tais como: toda produção era vendida somente a quem cedia a área, independente do preço que ele dava; e se alguém não cumprisse tal ordem ou confrontasse os *patrões*, essas pessoas perdiam o direito de trabalhar na *colocação*.

Essas pessoas se diziam donos, eram eles que mandavam, se fosse exigir alguma coisa era tirado da colocação e colocado outras pessoas. Nessa época o preço era muito baixo, tinha outras pessoas comprando castanha, com preços até melhores, como marreteiro que andava por aqui, mas não se podia vender, quem vendia tinha que fazer escondido, durante a noite, eles mediam a castanha dentro de igarapé com lata na água pra não fazer barulho, porque todo mundo tinha medo, tudo tinha que ser feito no silêncio pra não ser pego e ninguém ouvir pra não passar lá pro patrão chefe. (FRANCISCO ANTÔNIO, 2020).

Seu Francisco, aos 24 anos, foi um dos extrativistas que se submeteu a esse regime de exploração. Sem muita opção de trabalho, se viu obrigado a pedir para explorar alguma área de castanha. Assim, durante o período de 1982 a 1986, ele foi autorizado a tirar castanha na *colocação* da Barrinha Velha e assim ele relata: *a gente era mandado e passava de mês no mato, se a gente quisesse voltar tinha que [ir] a pé, nessa estrada de meu Deus* (FRANCISCO ANTÔNIO, 2020).

Após esses quatro anos, seu Francisco não quis mais trabalhar sob esse sistema no qual ele não tinha autonomia nenhuma, e muito menos tirava lucro do seu trabalho, segundo informou: *o tempo foi passando e tinha reuniões e a gente começou a despertar mais, as pessoas alertavam a gente que não era assim que se trabalhava* (FRANCISCO ANTÔNIO, 2020) Assim, antes da safra de 87, ele foi sem autorização do dono do castanhal Barrinha Velha fazer o manejo da área (limpeza dos ramais, caminhos, retirada de cipós etc.). Nesse ano, ele construiu um *barraco* mais estruturado, e decidiu que não ia mais vender a produção para o senhor que se dizia o dono. Essa decisão foi motivada pelos argumentos de um pequeno grupo

de moradores da região, liderados por nomes como Pedro Ramos que já estavam tomando consciência que ninguém tinha a posse da terra na região.

Segundo seu Francisco, esse momento de tomada de decisão foi marcado por ameaças de morte vindas do suposto dono da *colocação*, mas isso não foi o suficiente para mudar de ideia. Nesse mesmo ano ele recebeu um recado que se fosse pego na área iria ser retirado à força do local, porém isso não se concretizou, porque, antes disso, ele cruzou na estrada justamente com o senhor que o ameaçou, houve muita discussão, mas felizmente as ameaças não se cumpriram.

Dessa forma, seu Francisco se impôs e disse que a partir daquele dia não iria mais trabalhar para ele, tampouco vender-lhe sua produção e assim fez. Foi uma transição tensa, porém necessária, a opressão finalmente terminou e até hoje o castanhal Barrinha Velha é administrado por seu Francisco e sua família.

2.8.1 A caminho do castanhal: percurso e instalação

Como dito anteriormente, para entrar no castanhal é necessário organização e planejamento, logo, tive que fazer isso antes de minha visita enquanto pesquisadora nessa área, acompanhada de meu informante, Seu Francisco. Nossa organização aconteceu dias antes da viagem, e para isso planejamos como faríamos para garantir nossa alimentação e permanência no castanhal. Nosso suprimento alimentar contou com itens básicos como café, sal, açúcar, feijão, arroz, óleo de cozinha, bolacha salgada, farinha e comidas não perecíveis como mortadela, ovo e conservas.

O segundo item organizado foi a *boroca*, termo usado para se referir a sacola que cada castanheiro leva para o castanhal. Nela foram inseridos itens como rede e lençol, indispensáveis para essa empreitada, assim como a indumentária própria para o trabalho no castanhal como camisas longas e calças grossas. Por último, na sacola do extrativista não pode faltar os instrumentos do seu trabalho como o paneiro, o terçado de bainha e a machadinha.

O transporte utilizado para nos deslocarmos até o castanhal Barrinha Velha foi composto de um carro e uma moto, ambos normalmente utilizados para realizar a mobilidade de grupos durante a safra da castanha. A ida para o castanhal aconteceu no dia 24 de janeiro de 2020, por volta de 07:00 horas da manhã. No trajeto, que durou em média uma hora, passamos por três comunidades, Marinho, Açaizal e Martins, que compõem o grupo de comunidades do Alto Cajari. O cenário da viagem foi marcado pela presença das castanheiras, suas copas

gigantes e sua exuberância, que não permite que passem despercebidas em meio às outras espécies de plantas em torno BR-156.

A partir do local da placa que demarca o limite territorial que a reserva ocupa, a paisagem se modifica para uma vegetação menos densa e não se observa mais as castanheiras na beira da BR-156, dando a impressão de que elas conhecem os solos em que brotam e não ultrapassam o limite estabelecido da área de proteção.

É exatamente nesse limite que iniciamos mais uma etapa da viagem até a chegada no castanhal Barrinha Velha. Para tanto, deixamos a estrada da BR-156 e passamos a seguir por um ramal chamado de Retiro. Nesse novo percurso, me surpreendeu ver tantas clareiras na floresta e centenas de troncos de árvores derrubadas em torno do acampamento da empresa (Agregue indústria, comércio e transporte de madeiras LTDA), que desenvolve atividade de extração de madeira, em torno dos castanhais da região.

Antigamente, essa rota que fizemos não existia, porém, por conta de mudanças ocorridas no curso da estrada (BR-156) foi preciso mudar a entrada do ramal de acesso aos castanhais. Assim, observa-se que no limite da área de preservação da Resex Cajari, a empresa mencionada executa a exploração de madeira e divide nas suas fronteiras a dualidade dessas duas atividades, de um lado temos os extrativistas que realizam a coleta sustentável da castanha e do outro, temos madeireiros fazendo a derruba de árvores centenárias.

Em meio à clareira da madeireira e aos troncos de árvores no chão, a imagem da castanheira em pé não passa despercebida. A grandeza da gigante da Amazônia ganha destaque e permanece intocável, mesmo fora do limite da reserva do Rio Cajari. No cenário de exploração ela demarca espaço como símbolo de resistência, uma vez que tem o amparo da lei, que proíbe a exploração da castanha-do-brasil para fins madeireiros por meio do Decreto Federal no 5.975, de 30 de novembro de 2006.

Seguimos viagem e deixamos para trás o barulho de máquinas para ouvir os sons da floresta. A cada momento que íamos nos aproximando dos locais menos explorados as belezas das copas iam se tornando o nosso céu e sem ao menos perceber já estávamos nos deparando com outros pequenos ramais de acesso aos castanhais. Na medida em que avançávamos e saíamos dos ramais mais trafegados, os desafios e obstáculos apareciam com maior frequência; a vegetação ficava mais alta na via de acesso, nos deparávamos com poças de lama, galhos de árvores caídos além de inúmeros ouriços espalhados no chão, impossibilitavam o trajeto no automóvel, e a partir de determinado trecho tivemos que percorrer a pé, por uma ladeira bastante íngreme, até chegar no barraco do castanhal.

A chegada ao ponto onde se acampa durante o trabalho extrativo, foi bem aguardado por mim e definitivamente não era o que eu imaginava. Quando eu ouvia falar do barraco, eu pensava logo em muitas árvores ao redor, com copas grandes sombreando o local. No entanto, o sair do caminho, que dava acesso a ele, me deparei com uma clareira grande e um ambiente totalmente diferente da minha imaginação: havia um quintal com plantio de macaxeira, banana, pupunha, açaí, manga dentre outras árvores frutíferas, mas que não ameaçavam cair sobre uma estrutura ali existente. Seu Francisco reforçou que o solo do castanhal é bastante fértil, e por essa razão é comum encontrar próximo ao barraco essa diversidade de plantas cultivadas.

Ao chegarmos no castanhal Barrinha Velha, tivemos que nos distribuir em algumas tarefas e organizar o local. O almoço era nossa prioridade no momento e coube às mulheres, eu e minha mãe, a tarefa de limpar o barraco e preparar a refeição. Enquanto isso, os homens, meu pai e os dois irmãos se encarregavam de fazer a limpeza da grota, fazendo a retirada de folhas, galhos e o manejo dos caminhos que iríamos usar durante a estadia.

Além disso, coube a eles fazer a retirada de alguns objetos como panelas e o botijão de gás que estavam no mato, pois opta-se por escondê-los nos intervalos de ida para a comunidade, para não gerar volume a cada viagem realizada ao castanhal. Durante o período da tarde, seu Francisco desceu para o quintal, realizou a capina do mato alto que estava ao redor das plantas cultivadas e ao entardecer nos sentamos em cima de um tronco caído e pude acompanhar o processo de confecção dos cambitos que usaríamos no dia seguinte.

Com a chegada da noite as velas foram acesas, e por volta das 19:00 horas jantamos. Em seguida, as redes atadas passaram a ocupar o espaço vazio do barraco e logo nos deitamos, pois, a rotina dentro da floresta é essa. No entanto, na primeira noite no barraco, eu particularmente demorei a pegar no sono, pois o medo era minha companhia de rede, em determinado momento da noite, em meio a sinfonia que vinha da floresta que nos rodeava, dois sons que eu desconhecia não me deixaram dormir tranquilamente; o *pássaro do mal*⁵ cantou e o som era semelhante ao rugido de gado, já o sapo, escondido no oco das árvores, emitia um som que aparentava ser a voz aguda de um homem chamando por “Tiago, Tiago”.

Em meio ao medo e movida por dúvidas sobre os sons que escutava, optei por não acordar meu interlocutor da pesquisa, e sim o meu pai, para ele me ajudar a entender o que eu havia ouvido, ele sorriu da forma como falei: “tem alguém chamando o Tiago e deve ter gado fugido andando por aqui”. Com o susto, eu acabei acordando a todos e meu pai aproveitou para

⁵ Nome que a comunidade local dá para uma ave regional conhecida por seu canto diferenciado e estranho. Não consegui informações específicas acerca dessa espécie.

contar a história, que um conhecido dele, chamado Tiago, também tinha se assustado, e saiu correndo da mata, quando em dia de caça, ouviu chamar o seu nome na floresta.

Nesse momento, achei bem oportuno perguntar sobre as histórias do castanhal, sobre a ocorrência de *encantados* e as tão temidas histórias de visagens e *misuras* que fazem parte do folclore popular de muitos povos da Amazônia. No entanto, seu Francisco foi enfático ao afirmar: que em todos esses anos de trabalho dentro da floresta, nunca ocorreu absolutamente nada, nem viu nem ouviu, e eu era a prova que o medo produz muita coisa, e medo ele não sentia da floresta, na verdade ele sentia-se protegido ali.

2.8.2 Um dia de trabalho do castanheiro

Dentro da floresta o dia de quem coleta castanha se inicia logo nas primeiras horas da manhã. Ao acordarmos, tomamos um café bem reforçado para poder aguentar a jornada de trabalho até o horário de almoço: a pupunha e o cuscuz ao leite de castanha fizeram parte da nossa dieta pela manhã.

De um modo geral, quando o planejamento é ficar o dia todo na atividade extrativa, os castanheiros programam suas refeições: café, almoço e merenda, para serem consumidos nos intervalos da coleta, e, dessa forma, não perdem tempo se deslocando até o barraco. Com isto, a farofa de ovo, de mortadela, de charque, dentre outras, normalmente é a primeira refeição feita pelos castanheiros da região. Além de fornecer energia para o corpo, por terem como mistura, a farinha de mandioca, essas refeições são práticas e de simples preparo. A garrafa com café e a garrafa com água também são itens fundamentais para permanecer dentro do castanhal e aguentar o trabalho até o final do dia, que se encerra, normalmente, entre 17:00 e 18:00 horas.

Com tudo pronto, seu Francisco me alertou que entrar no castanhal era como entrar numa guerra, portanto, para ir a essa batalha era obrigatório nos vestirmos com roupas adequadas, sendo estas camisas com manga longa; calças para evitar as perturbações com insetos; bota “sete léguas” para a proteção dos pés e pernas contra picadas de cobras e, por fim, nos vestimos com o pano na costa.

Após vestirmos a roupa adequada, nos encaminhamos para dentro do castanhal, meu interlocutor foi na frente e logo atrás seguíamos ouvindo mais uma vez as recomendações para o momento da atividade: “*Cuidado com ouriço na cabeça, cuidado para não pegar picada de cobra, escorpião e olha por onde anda, presta atenção que entrar no castanhal é igual entrar numa guerra*”.

Contudo, só fui ter a real noção daquilo que eu estava sendo aconselhada quando percebi que já estava debaixo das copas das castanheiras, pois por onde caminhávamos havia grandes quantidades de ouriços espalhados pelo chão. O castanhal, ao contrário do que imaginei, não era um conjunto de castanheiras separadas das outras espécies, pelo contrário, elas dividem o solo e a parte mais alta da floresta com outras árvores que habitam no ambiente, porém, se destacam entre elas por possuírem troncos que chamam atenção pela dimensão da sua circunferência, e, principalmente, por terem copas que dominam o dossel e se sobrepõem às demais árvores.

A meus olhos destreinados, as castanheiras, apesar de gigantes, se camuflavam dentro da floresta. No entanto, seu Francisco, a todo momento, me explicava por onde elas estavam, de qual *ponta* elas faziam parte, do *pique* utilizado para acessá-las, pois em todo o percurso que fizemos até chegar ao local de realização da coleta havia castanheiras nos rodeando e jogando ouriço. Eu não compreendia o início e o fim de cada ponta, não visualizava as *extremas* e os *piques* existentes, mas seu Francisco e seus filhos sabiam descrever perfeitamente cada local que passávamos com uma precisão impressionante, advinda da experiência dentro dos castanhais.

A cada grupo de castanheira reunidas, eles falavam sobre as características dessas árvores, com isto avistamos muitas árvores que se destacavam entre as demais, por terem qualidades produtivas superiores ou até mesmo por possuírem frutos com peculiaridades que tornavam a castanheira referência dentro do castanhal. De modo geral, seu Francisco conhecia suas árvores, ele sabia dizer com exatidão quais castanheiras jogavam ouriços grandes, as que produziam ouriços pequenos, que davam castanhas “graúdas, miúdas e rendosas”, – enfim, ele acumulava saberes que foram reunidos em sua experiência de 38 anos de trabalho dentro dos castanhais. Conforme ele mencionou:

eu sei cada caminho, conheço quando alguém mexe, quando alguém andou por aqui, conheço o começo e o fim de cada ponta e toda minha área, se me deixarem de noite aqui eu não me perco porque conheço o que é meu (FRANCISCO ANTÔNIO, 2020).

No trajeto percorrido dentro do castanhal, percebia que a medida em que nos afastávamos do *barraco*, a cobertura do solo mudava, pois além das centenas de ouriços espalhados no chão, havia também a presença de muitas folhas das castanheiras caídas sobre o solo. Eram milhares delas, e até impossibilitavam de se ver as depressões presentes na superfície. Os próprios ouriços se perdiam em meio às folhas, em uma espécie de camuflagem, devido à semelhança na tonalidade que a folha e o fruto possuíam.

É nesse sentido que reforço que é preciso muita atenção para se entrar no castanhal. O olhar deve ser treinado durante a coleta para não deixar ouriços entre as folhas. Não menos importante, é extremamente necessário priorizar a segurança pessoal, pois além de ouriços que muitas das vezes se confundem entre as folhas, é no meio delas que também se escondem animais peçonhentos como cobras e escorpiões que podem ocasionar acidentes fatais. No geral o extrativismo requer cuidado a todo momento, pois os desafios são inúmeros.

Seguimos caminhando por uns 15 minutos até chegarmos a *Ponta da seringueira*, local de trabalho mais distante do *barraco*. O motivo para irmos até essa *ponta* é porque a coleta de castanha no castanhal Barrinha Velha sempre é iniciada onde se tem as castanheiras mais distantes, ou seja, a produção é primeiramente escoada dos locais de difícil acesso. Essa estratégia no modo de trabalho foi relatada por todos os interlocutores da pesquisa, e visa minimizar perdas, conforme explica seu Francisco: “*se a gente deixar esse local por último o cansaço já vai tá grande e acaba por não fazer um trabalho bem feito, por isso sempre começo onde o serviço é mais puxado*”.

Seguindo o ritmo habitual da extração, a primeira coisa que fizemos, foi nos certificarmos se os *quebradores* da *ponta*, local onde castanheiro deposita os ouriços coletados para quebrar) estavam seguros. Essa medida de segurança, de olhar para o alto e verificar se existem frutos que possam cair e atingir o local de quebra é muito importante e fundamental para afastar o risco de acidentes com os trabalhadores.

Depois dessa primeira observação, fizemos uma rápida limpeza do espaço do *quebrador*, retirando o excesso de folhas e algumas vegetações que estavam por perto e logo em seguida iniciamos o processo da coleta.

Atamos em nossas costas os *paneiros*, pegamos os *cambitos* e já saímos circulando por debaixo das castanheiras da *ponta*, recolhendo os ouriços do chão. A tarefa parecia ser simples quando eu estava na perspectiva de observadora, mas enquanto meu interlocutor enchia seu *paneiro*, eu entrei em conflito com o *cambito* que insistia em não agarrar o ouriço. Apesar das dificuldades, como suportar o peso do *paneiro* e de se equilibrar nos caminhos íngremes, eu consegui participar da tarefa com sucesso.

Confesso que não foi simples a etapa de juntar os ouriços, o medo a cada vez que ventava era inevitável, pois a todo momento se ouvia ouriços caindo no chão e isso tornava tenso o trabalho, pois na realização da coleta não se utiliza equipamentos que minimize o impacto do ouriço sobre o castanheiro em um eventual acidente. Ao fim, conseguimos juntar os ouriços e logo após formar nosso monte, iniciamos imediatamente a etapa de quebra.

Nesse processo eu fui orientada a não participar inicialmente da abertura dos frutos, em decorrência da minha falta de experiência na tarefa. No entanto, após observar e aprender algumas técnicas que facilitam o processo, tive a oportunidade de tentar quebrar alguns ouriços sob a supervisão do meu interlocutor, pois esta era uma etapa que eu precisava conhecer na teoria e na prática, para poder falar com maior propriedade do assunto.

Totalizando o rendimento da coleta da manhã, foram quebradas seis latas de castanha em um rúnico quebrador. Após o término da quebra, as sacas foram amarradas, e transportadas para próximo do ramal onde o carro entraria para pegar a produção.

Seguimos para o almoço no barraco e, às 14:00hs, adentramos novamente para o castanhal, continuando com as atividades de ajuntar, amontoar e quebrar ouriços na *Ponta da Seringueira*, porém na parte da tarde, utilizamos um novo quebrador, pois este situava-se mais próximos das castanheiras que faríamos a coleta. Neste local mais três latas de castanhas foram quebradas e deixadas junto às demais sacas no *paiol*, e, com isso, ao final do dia, encerramos o trabalho extrativo.

Após um dia exaustivo de trabalho foi possível compreender o motivo por que todos dormem cedo quando estão no castanhal. Na verdade, é admirável a disposição e força dos castanheiros. Enquanto estive no castanhal, meus irmãos saíam a noite para caçar mesmo tendo passado o dia realizando a coleta, pois o consumo da carne de origem animal é bastante apreciado pelos castanheiros enquanto eles permanecem no castanhal.

No segundo dia de estadia no castanhal, novamente repetimos o ritual exigido para se extrair castanha: roupas compridas e leves, botas, *paneiros*, *cambitos*, *machadinha*, garrafa de água, café, e dessa vez comida, pois passaríamos o dia inteiro dentro do castanhal e para isso tínhamos que ir bem-preparados. Meu desafio dessa vez seria conhecer uma outra *ponta* do castanhal chamada de “*Paiol da tauba*”.

Sáimos por volta das 9:00hs da manhã e caminhamos cerca de 20 min até o local. Durante o trajeto fizemos pausas para tirar cacau das muitas árvores encontradas pelo caminho. Seguimos por uma trilha cheia de obstáculos, subidas, descidas, troncos de árvores e, em especial, uma ladeira íngreme de tráfego difícil. Nossa primeira parada foi em um *quebrador* que ficava localizado próximo de uma subida e, assim que organizamos o espaço, o trabalho iniciou. Contudo, diferente do dia anterior, tivemos um dia de trabalho em meio a um tempo chuvoso, o que aumentou nossas dificuldades, pois o ouriço molhado torna-se mais pesado e mais escuro, logo, tivemos também dificuldades para os encontrar, em decorrência baixa luminosidade dentro da floresta.

No entanto, mesmo com a chuva, iniciamos o trabalho e, logo na primeira coleta que Seu Francisco fez, encontrou um escorpião entre os ouriços coletados no seu paneiro, o que quase causou um acidente. Passado o susto dividimos a equipe para agilizar a quebra do monte, assim, enquanto os dois irmãos terminavam de ajuntar o restante dos frutos, eu, meu pai e minha mãe nos encarregamos de começar a quebra dos ouriços.

Ao finalizarmos o trabalho, nesse primeiro quebrador, carregamos a produção retirada e nos dirigimos a um novo local de coleta que ficava próximo do ramal que a produção seria escoada. As sacas com as castanhas quebradas foram divididas nos *paneiros* e deixadas na beira do ramal onde as embarcaríamos no dia seguinte.

Na sequência, nos deslocamos novamente para um outro quebrador, e na medida que caminhávamos, já íamos fazendo a coleta de alguns ouriços que estavam no caminho, pois estes frutos pertenciam as castanheiras de onde faríamos a extração. Na medida em que se aproximada o fim da tarde, mais demorada se tornou a coleta dos ouriços, pois em virtude da forte chuva que caía, a floresta ficou mais escura, os caminhos escorregadios e os frutos molhados, mais pesados. Conseqüentemente a quebra foi afetada, pois ajuntamos ouriços de uma árvore que produzia frutos pequenos e mais rígidos, com isto precisou-se ter maior cuidado, para parti-los, pois além de ser duros, estavam lisos de vido a água da chuva.

De um modo geral, a de termos tido esses entraves, o clima não é um fator que limita o desenvolvimento dessa atividade extrativa, com chuva ou sol, a coleta em nada se modifica. Apesar dos entraves, concluímos as metas estabelecidas para a extração do dia e ainda tivemos tempo para transportar as sacas de castanha até o ponto em que embarcaríamos a produção, no dia seguinte.

Mais uma noite se passou e logo cedo começamos a nos organizar para voltar para a comunidade. Os alimentos não perecíveis foram guardados para complementar a mercadoria da próxima viagem ao castanhal e os demais itens, como os instrumentos de trabalho e o botijão foram escondidos próximo ao barraco, pois na semana seguinte já havia uma nova visita programada. No retorno para casa algumas mudanças foram feitas em decorrência da falta de espaço do carro, assim tivemos que fazer duas viagens, a primeira foi somente para levar as sacas com castanha diretamente para o comprador para comercialização e a segunda foi para levar toda a equipe que trabalhou no castanhal de volta para a casa na comunidade.

No que se refere aos dias de vivência no castanhal, nada foi diferente daquilo que cresci ouvindo dentro de casa e na comunidade, eu sabia como eram os processos da coleta e já conhecia os instrumentos de trabalho e suas utilidades. No entanto, eu não havia carregado o

paneiro cheio de ouriços e tampouco sentido o cansaço devido ao seu peso e as extensas caminhadas do castanhal. Eu ouvia falar dos riscos, mas eu não havia, ainda, sentido “medo”, seja o medo do ouriço cair na cabeça de um de nós, medo das fortes machadadas próximo das mãos, medo de cobras, dos escorpiões, medo até do vento na copa das castanheiras, que me trazia à memória o perigo que estávamos correndo de ter tantos ouriços acima de nossas cabeças prestes a cair.

Na verdade, eu possuía a teoria dessa atividade baseada na minha vivência entre homens e mulheres que executavam essas atividades, mas eu não tinha consciência que o trabalho para extrair castanha era tão árduo e tampouco tinha a dimensão do conhecimento necessário para se estar no castanhal e realizar a coleta. Observando o dia a dia desses sujeitos descobri que, para ser um castanheiro, é preciso muito mais que habilidade, resistência e força, é fundamental conhecer e estabelecer relações com a natureza, para assegurar o movimento de ir e vir no castanhal.

2.9 Um ensaio visual sobre o trabalho no castanhal

A partir da minha experiência no castanhal, registrei em imagens uma narrativa visual que revela o meu olhar durante o processo de observação participante junto à minha família. Nas imagens selecionadas, buscamos evidenciar o espaço de trabalho que os extrativistas percorrem na busca da castanha.

2.9.1 SESSÃO FOTOGRÁFICA 4: UM DIA NO CASTANHAL

Figura M – Entrada do Ramal do retiro que dá acesso ao castanhal Barrinha velha



Figura N – Registro da madeira que fica no ramal que dá acesso ao castanhal.



Figura O – Registro do percurso realizado dentro do Ramal do Retiro.



Figura P – Percurso feito a pé para chegar ao barraco do castanhal Barrinha Velha

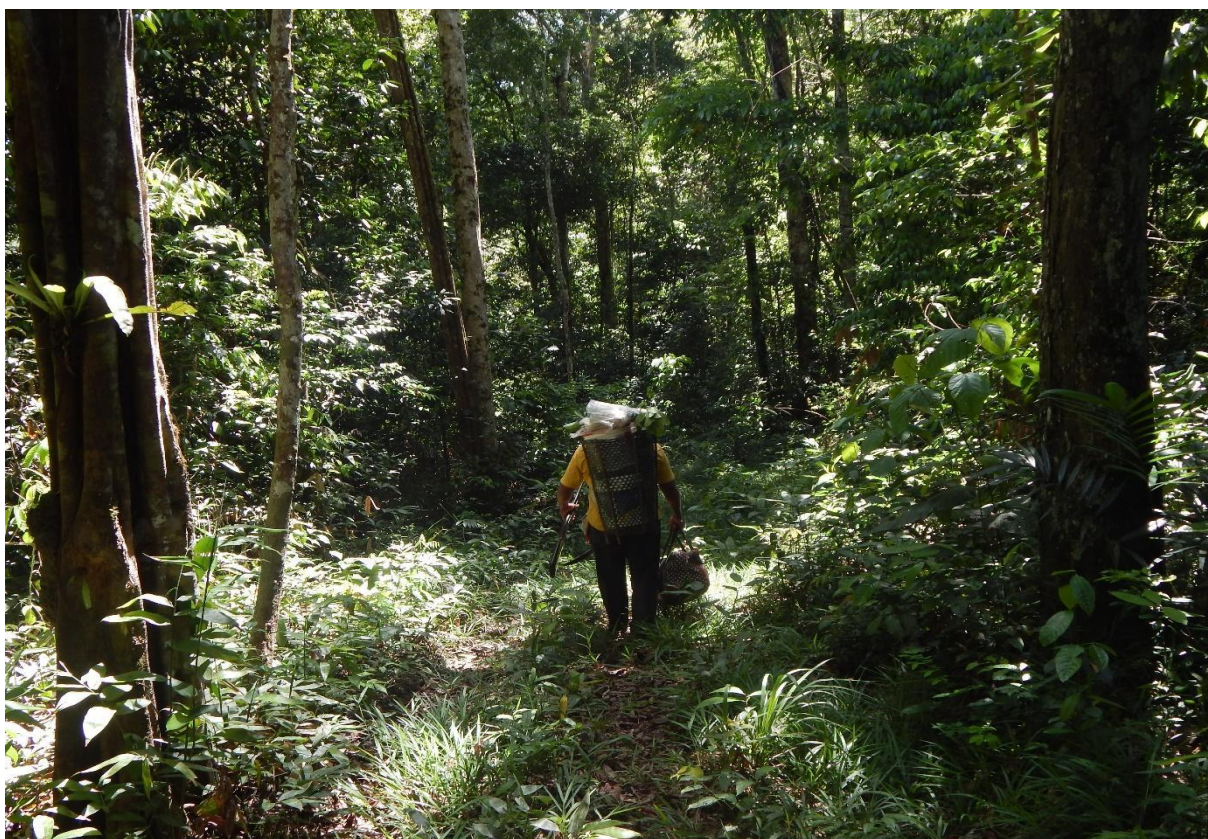


Figura Q – Barraco do castanhal Barrinha Velha



Figura R – vista do quintal do barraco, com plantio de mandioca e bananeira.



Figura T – vista do barraco durante o período da noite.



Figura S – café da manhã no barraco, com cuscuz e leite de castanha.



Figura U – fogão de lenha utilizado para o preparo das refeições.



Figura V – vista do jirau do barraco.



Figura X – paneiros e o cambito usado no trabalho da coleta.



Figura Z – troncos caídos no caminho que dá acesso as castanheiras.

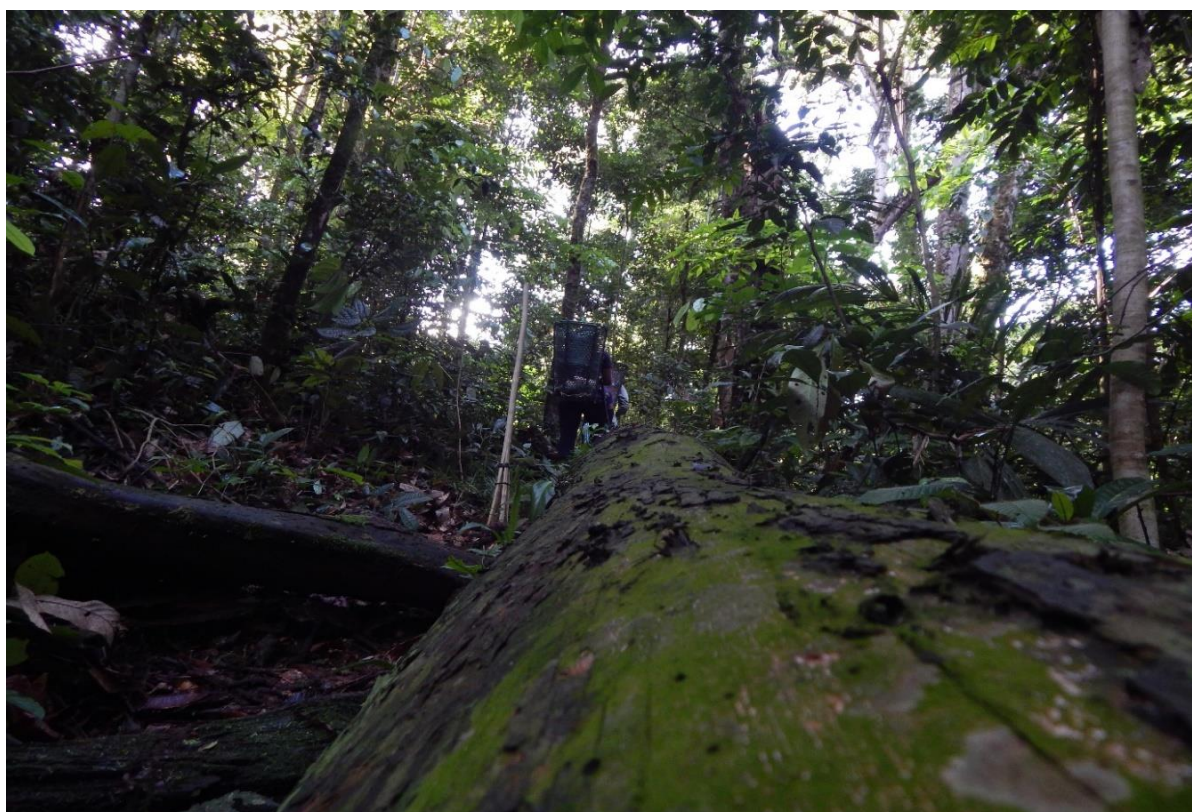


Figura W – vista de uma ladeira usada para acessar as castanheiras.



Figura A1 – ouriços entre as folhas, após a queda.



Figura B1 – ouriços molhados entre folhas, após a queda.



Figura C1 – Perigos da coleta. Escorpião encontrado entre os ouriços no momento da quebra.



Figura D1 – Perigos da coleta. (Jararaca) encontrada entre as folhas no momento da coleta.



Figura E1 – ouriços sendo carregados no paneiro e jogados sob o monte.



Figura F1 – monte de ouriços formado e aguardando o processo de quebra.



Figura G1 – monte formado por combucas vazias.



Figura H1 – família ao redor do monte trabalhando na coleta e quebra dos ouriços.



Figura II – saca com castanha no quebrador, sendo preparada para o carregamento.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo, durante a observação participante (2020).

CAPÍTULO III:

PROCESSOS PRODUTIVOS NA COMUNIDADE E O PROTAGONISMO FEMININO

Para este último capítulo proponho-me a retomar a discussão sobre extrativismo da castanha-do-brasil na Resex Cajari, desta vez dando ênfase aos processos produtivos que acontecem fora do castanhal, no espaço social da comunidade de Água Branca do Cajari. O intuito dessa abordagem é de mostrar a outra face dessa atividade, trazendo principalmente o protagonismo feminino e o engajamento das mulheres castanheiras no sul do Amapá.

Neste capítulo, o olhar também é direcionado para o contexto cultural dos sujeitos envolvidos no extrativismo da castanha, o seu modo de vida, bem como suas práticas de trabalho que está intimamente ligada à castanha. Trago a descrição de como essa amêndoa é inserida na gastronomia, nas festividades e para obtenção de renda, mas desta vez em um segmento que não se origina da venda in natura da espécie propriamente dita, mas sim de seus derivados.

3.1 O protagonismo das mulheres para além dos castanhais

Falar do extrativismo da castanha-do-brasil na Resex Cajari, sem abordar a contribuição do gênero feminino nessa atividade, com certeza tornaria meu relato etnográfico incompleto e ausente de dados fundamentais. Consideramos que são poucos os estudos que tratam da relação entre trabalho e gênero no extrativismo no Norte do Brasil (LIMA; MOTA, 2016), silenciando, assim, muitas vozes de mulheres. Portanto, nesse terceiro e último capítulo, o espaço de discussão se volta para o papel que as mulheres desenvolvem nos processos produtivos da castanha do brasil no sul da Amapá, visando apresentar as trajetórias femininas em torno dessa atividade na Resex Cajari.

Para tanto, buscamos contextualizar primeiramente as mudanças ocorridas na dinâmica do trabalho familiar nessa atividade, para entendermos como as moradoras de Água Branca do Cajari, contornaram um modelo consolidado de extrativismo na região e estabeleceram novas relações econômicas e sociais nas unidades familiares, bem como potencializaram o comércio da castanha, para além das fronteiras do sul do Amapá.

Inicialmente é preciso informar que no trabalho que compreende as etapas de coleta e a comercialização da castanha, a presença masculina é numericamente superior e mais evidente que a do gênero feminino. Porém, essa realidade nem sempre foi assim, pois antigamente a

extração da castanha na comunidade de Água Branca do Cajari, envolvia a participação de todo o grupo familiar, independente do gênero.

Jovens, crianças, até hoje estão presentes em alguma das etapas do trabalho referente a coleta de castanha, e com isto, se familiarizam com o ambiente do castanhal desde cedo, bem como adquirem práticas e habilidades que garantem a sobrevivência da família a cada geração e no passado isso não foi diferente. As meninas acompanhavam os pais e as mulheres, os maridos, e desenvolviam aptidão para o trabalho, assim como um refinado conhecimento sobre a coleta e beneficiamento da castanha que as tornavam capazes de desenvolver essa atividade com total independência.

Segundo Simonian (2001), enquanto os homens se deslocavam para os castanhais mais distantes, eram as mulheres como Dona Francisca Teles, hoje com 83 anos e dona Maria da Conceição, conhecida com Peruana de 92 anos, que realizavam a coleta dos ouriços das áreas situadas ao redor da comunidade de Água Branca do Cajari.

Figura 17 – Dona Francisca Teles (A) e Dona Raimunda Peruana Teles (B).



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Ambas reforçaram em seus depoimentos, que a área mencionada por Simonian, era conhecida como o “castanhal das mulheres”, mas com o passar dos anos esse espaço se tornou um local onde qualquer morador poderia realizar a coleta, pois se tratava de castanheiras que não possuíam donos, logo poderiam ser exploradas por qualquer pessoa da comunidade.

Em todo o caso, a prática mencionada por essas senhoras deixou de existir, mas não representou o fim do trabalho feminino no espaço do castanhal. Nas áreas situadas em regiões mais distantes da comunidade, a atuação das mulheres ficou significativamente mais reduzida,

tanto que essa atividade tem como uma de suas características atuais a predominância da mão de obra masculina, nos processos extrativos.

Nas informações obtidas na roda de conversa, as mulheres entrevistadas não souberam explicar os motivos que levaram a redução do gênero feminino no espaço do castanhal, mas reafirmaram que nas gerações passadas não havia essa divisão de trabalhos e que a família (homens e mulheres) se deslocava para suas áreas de exploração independente da distância. De todo modo, não buscamos aqui elucidar porque isso aconteceu, mas queremos demonstrar que a mulher é uma peça importante no extrativismo da castanha nessa região e por essa razão é preciso falar dos espaços que elas ocupam.

Considerando os novos arranjos de trabalho entre os gêneros que encontramos no extrativismo da castanha na Resex Cajari, não podemos ignorar o fato que em algum momento houve modificações nos papéis desempenhados por homens e por mulheres nos processos da coleta, portanto cabe-nos explicitar a hipótese que foi levantada por umas das moradoras mais antigas da comunidade, pois ela presenciou as mudanças no âmbito dessa atividade, ao longo de quase nove décadas.

Dona Francisca Teles, compartilhou durante a roda de conversa que o contexto da comunidade era bem diferente de atualmente, não havia muitas famílias, o acesso à saúde, educação, energia, transporte, dentre outros, era bem limitado e não havia nenhum impedimento no deslocamento das mulheres e filhos para os castanhais no período de safra. Mas em sua fala, dona Francisca trouxe um dado relevante, ao informar que a ausência da escola, dentro da comunidade, também era um fator que motivava a migração da família para o castanhal, pois a alfabetização da população local somente acontecia em casa, se os pais dominassem a leitura e a escrita.

Dessa maneira, pressuponho que a introdução do espaço escolar na comunidade de Água Branca do Cajari, ocorrido por volta do ano de 1950, foi um dos fatores que impulsionou uma nova reorganização dos papéis assumidos pelos homens e mulheres na Resex Cajari. Como afirmou nossa entrevistada, os modos de vida não se mantiveram os mesmos a partir desse acontecimento, visto que houve a necessidade de adequar os calendários (extrativismo e escola), para se ter a possibilidade dos filhos dos castanheiros terem acesso ao ensino escolar no mesmo período em que se realizava a extração da castanha.

O que reforça essa hipótese de divisão de responsabilidades é que dona Francisca, assim como as demais mulheres da comunidade, passaram a ficar em casa, enquanto os homens realizavam a coleta de castanha, juntamente com os filhos do sexo masculino que não

frequentavam a escola. E o que corrobora essa questão é que as gerações de mulheres da família de dona Francisca, não mais frequentaram os castanhais depois da chegada da escola, como acontecia antigamente

A senhora Francineide, de 53 anos, relatou na entrevista que não chegou a ir para o castanhal com os pais, porque na sua época já havia escola. Ao casar-se passou a frequentar esporadicamente a área de produção com o marido, mas, com a chegada dos filhos(as), essa participação ficou mais reduzida. Sobre isto, ela explicou que:

Lá em casa sempre foi assim, tive filhos nova e não dava pra levar 10 filhos pro mato, eu não ia com meu marido pro castanhal porque tinha aula pra eles, mas os “meninos” quando tinha tempo eram eles que acompanhavam o pai. As mulheres ficavam em casa comigo e eles iam, eu só passei a ir trabalhar com ele de novo quando todo mundo cresceu, a gente passa uns três dias, uma semana lá e volta, agora tá tudo mais fácil, mas lá dentro o trabalho é do mesmo jeito e até hoje eu tiro castanha (FRANCINEIDE TELES, 2020).

Os ciclos das gerações dessa mesma história, foi se repetindo, mas constata-se através das falas que a linearidade dos comportamentos foi se alterando a cada nova geração de mulheres extrativistas. Por exemplo, as filhas e as netas de dona Francisca, não foram para o castanhal, mas passaram a vivenciar outra realidade na comunidade, especialmente na aquisição de renda com a castanha beneficiada, antes usada somente na alimentação e comercializada de forma in natura. Nessa nova conjuntura, Michele, de 32 anos, que é moradora da comunidade, afirma que:

A minha geração é bem diferente da realidade que minha avó viveu, hoje temos mais oportunidade, principalmente nós mulheres. Antigamente nossos pais não tinham tanta expectativa e hoje a educação é o que fala mais alto, eu não incentivo minha filha a ir pro castanhal porque ela tem oportunidade de estudar, de fazer uma escolha. A maioria das mulheres ficam em casa porque melhorou a questão da renda também, a gente usa a castanha de outra maneira, faz biscoito e vai pra feira, e assim trabalhamos. E de forma diferente, mas, é trabalho (MICHELE SILVA, 2020).

Outro depoimento é o de Sofia, de 12 anos que é bisneta de dona Francisca. Ao ser questionada por que ela não ia ao castanhal, respondeu imediatamente: *“por que a gente tem que estudar, a gente ajuda a vender na feira, a fazer bombom, biscoito, é por isso que mulher fica em casa e o homem vai pro castanhal”*. Apesar da pouca idade, o depoimento de Sofia mostra que culturalmente se normatizou a divisão dos papéis assumidos por ambos os sexos, pois isso é o reflexo do que a comunidade vem reproduzindo há várias gerações, homens migram e as mulheres ficam, porém elas também assumem funções, enquanto permanecem fora do castanhal, pois são elas que atuam na aquisição de renda extra comercializando os subprodutos dentro da comunidade.

Com base nas falas das interlocutoras acima, o que se nota dentro da comunidade é que a ausência de mulheres com maior expressividade no processo da coleta da castanha pode ser o resultado de uma força externa, que obrigou a família a se organizar a partir de uma realidade antes não existente, que foi a introdução da escola. Se pensarmos nessa perspectiva, podemos inferir que a tomada de decisão sobre quem fica em casa e quem vai para o castanhal, foi fundamental para o bem-estar da família, atribuiu ao homem e a mulher novos papéis, com base na necessidade de manter os filhos na escola e, sobretudo, de obter renda.

Nesses termos, atualmente o que se nota dentro da comunidade, é que existe um consenso entre os gêneros, quanto a forma de organização do trabalho envolvendo a castanha. Não há registro de conflitos entre homens e mulheres a respeito dessa questão, assim como não ocorre opressão ou qualquer tipo de ação, por parte dos homens, que exclua as mulheres das atividades extrativas.

Os interlocutores da pesquisa relataram que ficam felizes quando suas esposas e filhas os acompanham no trabalho, contudo, eles ponderam que preferem deixá-las no conforto do lar, ao invés de sujeitá-las à rotina do castanhal, por se tratar de um trabalho “braçal” e uma atividade que demanda muito esforço físico.

As mulheres, por sua vez, foram unânimes ao afirmar que quando podem, participam diretamente no desenvolvimento da coleta no castanhal. Isso normalmente acontece nos casos em que os filhos, principalmente do sexo feminino, já são independentes e podem tomar conta de tarefas como cuidar da casa, da roça, do quintal, dos irmãos mais novos etc. Em outras ocasiões, as esposas acompanham o marido, quando este não tem um parceiro de trabalho para entrar no castanhal.

Em todo caso, as mulheres de modo geral têm passe livre para, a qualquer momento, se deslocar até sua área de produção e quando isso acontece, elas não ficam condicionadas somente ao trabalho doméstico do barraco, pelo contrário, atuam em múltiplas tarefas e realizam os processos produtivos da extração, tanto quanto os homens, coletando, amontoando e quebrando.

Todavia, apesar de existir relações bem definidas sobre a divisão dos trabalhos dentro do castanhal, fora dele no espaço social da comunidade existe uma insatisfação por parte das mulheres. Trata-se do acesso aos recursos financeiros gerados na área de produção da família e a respeito do poder de decisão, envolvendo gestão e usufruto da renda. Estes aspectos se apresentam de maneira diferente para ambos, sendo o homem a figura que possui maior autonomia sobre o dinheiro, pois são famílias do tipo patriarcal, onde o pai é o responsável

pelo planejamento da produção e distribuição de atividades, para a força de trabalho (FILOCREÃO, 200, p.76).

Segundo as interlocutoras da pesquisa, o problema não ocorria na sistemática de divisão do lucro gerado com a venda da produção, até porque o dinheiro recebido era investido nos cuidados da família, em demandas que envolviam a casa e os filhos. Contudo, as mulheres sentiam falta de ter seu próprio dinheiro, de gerir sua renda pessoal. Na condição implantada, elas acessavam os recursos provenientes do extrativismo da castanha somente de forma indireta, logo, não tinham autonomia, tampouco recursos financeiros para atender suas necessidades individuais e coletivas, a dos membros da família.

Fora do castanhal e sem um trabalho remunerado, as mulheres se viam em posição desvantajosa, pois da única atividade que gerava um poder aquisitivo expressivo, elas não tinham ganho financeiro como gostariam, e dependiam de seus companheiros para absolutamente tudo. O homem continuou no papel do chefe provedor e a mulher permaneceu assumindo o papel doméstico e nessa esfera o seu trabalho não era contabilizado como atividade econômica (BRUSCHINI, 2006).

Outro problema identificado nas entrevistas é que, além da falta de autonomia das mulheres, existia a ausência de reconhecimento, aos papéis desenvolvidos por essas mulheres. Conforme os relatos, ainda que elas participassem das atividades do castanhal, da roça, em casa, o seu potencial muitas das vezes era reduzido a um tipo de “ajuda”. A esse respeito, Quaresma (2015) aponta que no meio rural, prevalece justamente esse tipo de hierarquização entre homens e mulheres, uma vez que o envolvimento delas é compreendido apenas como um “trabalho colaborativo”.

Silva (2019) acrescenta que embora as mulheres desempenhem um papel social importante na organização da economia doméstica, o seu trabalho não é reconhecido em algumas comunidades amazônicas. Assim, tanto nos espaços da agricultura familiar ou em atividades de cunho extrativo, o trabalho produtivo feminino é visto como uma ajuda ou uma complementaridade da renda familiar.

Brumer (2004) cita que:

Diversos estudos que examinaram a divisão do trabalho por sexo na agricultura permitem concluir que as mulheres (e, de um modo geral, também as crianças e os jovens) ocupam uma posição subordinada e seu trabalho geralmente aparece como ‘ajuda’, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens o ou executam as mesmas atividades que eles (BRUMER, 2004, p. 210).

Os valores diferenciados em relação à divisão do trabalho se explicam porque existe uma modelagem histórica e social enraizada estruturalmente que define que há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, bem como existe o princípio da hierarquia que estabelece que o trabalho masculino “vale” mais que o feminino (KÉRGOAT, 2009). Di Ciommo (2017), afirma que a inferioridade e invisibilidade do trabalho da mulher do campo, se dá por questões vinculadas a natureza biológica, que reforça os papéis que cada gênero deve seguir, segundo destaca:

Enquanto os homens estão em sua maioria vinculados culturalmente ao setor produtivo, relativo à produção de bens e serviços para o consumo ou a venda, a sociedade e a cultura atribuem à mulher o papel materno, que reforça os vínculos biológicos e é por eles reforçado, criando os significados simbólicos de proximidade da natureza. As mulheres estão vinculadas à reprodução, que inclui uma grande variedade de responsabilidades relativas ao bem-estar e sobrevivência da família mediante a manutenção do lar através de diversas tarefas, como coletar água e lenha nos ambientes rurais, preparar os alimentos, limpar e manter a casa e a horta, atender e educar as crianças e zelar pela saúde da família (DI CIOMMO, 2017. p 153).

A respeito desse debate sobre o papel produtivo das mulheres, e as interfaces do extrativismo na região norte, as antropólogas Simonian (2001) e Wolff (1999) trazem à luz da discussão sobre gênero e trabalho, os primeiros questionamentos da figura feminina nessas atividades. Em suas análises sobre os aspectos produtivos das mulheres da floresta, em especial as castanheiras e as seringueiras, constataram que pouco se sabia sobre a temática, apesar de existirem trabalhos a respeito desses dois tipos de extrativismo na Amazônia.

Conforme Wolf (1998) menciona, mesmo não havendo lugar para elas num empreendimento de conquista da selva, as mulheres improvisavam sua sobrevivência ocupando posições subalternas, especialmente nas tarefas consideradas “domésticas” e, aos poucos, foram se aventurando nos trabalhos masculinos, porém permaneceram sem reconhecimento e, assim, invisíveis. Mies (2017) afirma que o motivo disso se encontra na lógica hegemônica do capitalismo patriarcal, que exclui e não considera essa força de trabalho, logo, não se atribui a ele valores.

Essas evidências apontam para o fato de que dentro da floresta é inegável a presença feminina nos espaços tipicamente ocupados por homens e por essa razão é preciso dar ênfase a essas “tantas outras histórias” das mulheres da floresta como afirma Wolff (1999). É necessário ouvir o que elas têm a dizer, pois durante muito tempo, elas foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio.

Portanto, ao enfatizarmos o trabalho das mulheres na cadeia da castanha não tentamos “reparar as brechas deixadas pela violência, pela dominação ou pela invisibilidade”, mas

buscamos dar o devido destaque às suas atuações, enquanto protagonistas que não resumiram suas histórias ao *status* de vítima, e sim no papel de mulheres que souberam resistir, existir e principalmente, construir seus poderes (PERROT, 2007).

3.2 Criação da AMAC: da cozinha individual casa para a cozinha coletiva

As iniciativas das mulheres da Resex Cajari em busca de renda e autonomia nasce inicialmente na beira da BR-156, com a venda de produtos da agricultura familiar para passageiros dos ônibus e carros de passeio que realizavam viagens entre a capital, Macapá e o município de Laranjal do Jari, no estado do Amapá. Na beira da estrada e sem infraestrutura alguma, essas mulheres passaram a instalar mesas de madeira, próximas à parada obrigatória, e sobre elas comercializavam uma grande diversidade de produtos agrícolas, cultivados em suas roças, que eram ofertados de acordo com as respectivas épocas de produção.

Com isto, a renda gerada provinha da venda de batata doce, cupuaçu, pupunha, cará, milho, pamonha, banana, biribá, abacate, laranja, manga, abóbora, jambo e outros produtos provenientes do extrativismo como: piquiá, uxi e castanha. A castanha se comercializava em pouca quantidade, com casca, sem casca e posteriormente passou a ser ofertada em forma de derivados.

Com esse modelo de empreendimento, as mulheres da comunidade de Água Branca do Cajari, perceberam que era possível garantir uma renda constante e diária com o comércio local daquilo que produziam até então apenas para o consumo familiar. Contudo, foi na transformação da castanha em alimentares como: bombom, biscoito, doce e a paçoca, que elas enxergaram um mercado em potencial, uma vez que esses produtos tiveram boa aceitação e alavancaram a venda na estrada.

Todavia, essa nova possibilidade de renda trouxe também a necessidade de se fazer modificações, quanto ao mercado em que a castanha se destinava. Dessa forma, uma parcela da produção extraída dos castanhais passou a ser garantida às mulheres, para que elas pudessem ter matéria prima para a fabricação dos subprodutos durante o ano inteiro, e a outra parte da produção se manteve, sendo entregue ao atravessador.

Nessa nova conjuntura, passou a existir, dentro da comunidade, relações mais justas e igualitárias entre os gêneros, pois ocorreu uma equalização de acesso ao recurso gerado dentro da área produtiva da família, mesmo não havendo a participação direta das mulheres no castanhal. Nesse cenário, o homem continuou realizando a coleta da castanha e obtendo renda durante o período da safra com a venda in natura da produção.

A mulher, por sua vez, permaneceu envolvida nas atividades domésticas e da roça, porém, passou a contribuir economicamente com a renda familiar o ano inteiro com a venda dos subprodutos da castanha, na feira da comunidade em Água Branca do Cajari.

A conquista da independência financeira das mulheres extrativista da Resex Cajari sempre esteve atrelada a muitos desafios. Na beira da estrada, elas enfrentavam a intensa poeira nos períodos de seca e, nos períodos chuvosos, perdiam as vendas por não terem infraestrutura adequada para exporem seus produtos.

Em casa, o desafio enfrentado se dava na realização do trabalho artesanal para beneficiar a castanha, ou seja, descascar uma a uma, ralar, assar, para posteriormente transformá-la nos subprodutos. Além disso, ocorria ainda a falta de um ambiente adequado, causando transtornos, mas não impediu que as mulheres usassem a simplicidade de suas cozinhas para conquistar autonomia financeira.

A resistência das mulheres castanheiras da Resex Cajari, fez com o que a pequena comercialização à margem da Br 156, fosse se tornando um ponto de referência e de encontro diário das mulheres que, por meio da venda dos biscoitos e outros derivados da castanha, passaram a ser reconhecidas por seu trabalho e a ter visibilidade na comunidade e na família (CARVALHO, et al., 2012).

A projeção do grupo feminino foi tanta que surgiu a necessidade de atuarem coletivamente, em um grupo politicamente organizado, pois pela primeira vez essas mulheres haviam contabilizado condições de produção em seus modos de vida, o que dialogava diretamente com a identidade histórica do território (GUEDES, 2017).

Durante o processo organizativo, a primeira pauta de debate das mulheres foi criar uma entidade paralela à da Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Alto Rio Cajari (ASTEX-CA), pois nesta entidade elas não se sentiam representadas para discutir as demandas pertinentes ao trabalho que desenvolviam. Na dinâmica dessas mudanças, a Associação de Mulheres do Alto Cajari (AMAC) foi instituída em 8 de maio de 2004, com intuito de potencializar o trabalho feminino dentro da comunidade e de agregar valor aos produtos comercializados.

Desde a fundação da AMAC, foram implementadas melhorias significativas na vida das mulheres, inicialmente através do associativismo foi firmado um convênio com o Governo do Estado do Amapá que permitiu que fosse construída uma cozinha industrial (Figura 18), que potencializou a produção dos derivados da castanha em grande escala.

Figura 18 – Prédio da cozinha comunitária da AMAC.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

Na imagem acima se observa a parte externa do prédio onde funciona a cozinha comunitária das mulheres. Trata-se de um espaço que possui equipamentos modernos que garante funcionalidade nos processos de fabricação dos produtos alimentícios à base de castanha, bem como proporciona agilidade no trabalho das mulheres e principalmente minimiza os esforços empregados nas etapas de preparação da massa dos biscoitos, que antes eram de forma rudimentar.

A modernização da cozinha coletiva foi uma grande conquista das mulheres da AMAC, porém elas novamente se mobilizaram para que houvesse melhorias nas condições de trabalho exercido pelo grupo feminino que ainda não possuíam um espaço apropriado para comercialização de produtos na beira da estrada. Delineou-se assim um projeto para a construção da Feira das mulheres (Figura 19), o que foi possível através da modalidade de crédito rural Apoio Mulher, fomentada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Figura 19 – Feira das mulheres AMAC.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

A experiência das mulheres em uma articulação coletiva foi tão bem consolidada, que houve a necessidade de se promover um novo projeto de cozinhas comunitárias. A Associação de Mulheres Moradoras e Trabalhadoras da Cadeia de Produtos da Biodiversidade do Alto RESEX – AMOBIO, surgiu para que outras moradoras da região pudessem ser contempladas com os benefícios gerados através do trabalho coletivo.

Atualmente as mulheres da AMAC, ainda se encontram na beira da estrada comercializando diariamente seus produtos, no entanto, trabalham dentro de uma infraestrutura adequada e com melhor qualidade, adquirindo renda o ano todo.

Além dessa fonte complementar de renda, as mulheres que são associadas à AMAC à AMOBIO, possuem contrato com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Através desse programa realizam entregas trimestral de toneladas de biscoitos de castanha para escolas situadas em Macapá e Laranjal do Jari, e com isto recebem valores mais expressivos em dinheiro.

De modo geral, o mercado para os produtos da castanha que são fabricados em ambas as associações ainda é bem restrito, visto que as mulheres ainda não atingiram as prateleiras dos mercados do estado do Amapá e realizam somente a venda na feira local e para o PAA.

3.3 O uso da castanha dentro e fora das comunidades: perspectiva cultural e perspectiva econômica

De um modo geral, o uso da castanheira, seus frutos e suas sementes se desdobram em diferentes aplicações no mercado. A madeira dessa espécie já foi um produto bastante comercializado na construção civil antes de haver a lei que proíbe a derrubada desta árvore. Os ouriços, após a retirada das castanhas, podem ser aproveitados e transformados artesanalmente em objetos decorativos (porta jóias, vasos etc.) ou utilizados como matéria-prima para a “produção de carvões, adubos, fertilizantes, ácidos, acetatos, metanol, etanol, alcatrão, gases combustíveis, fibras, ração animal e pavimentação de vias públicas” (PEDROZO et al., 2011).

Contudo, são as sementes da castanheira que possuem maior expressão de uso comercial, pois dela se obtém uma infinidade de produtos nos mais diversos setores industriais (COLLARES, 2006). A amêndoa é rica em “gordura, óleo, proteínas, fibras, sais minerais, carboidratos, selênio e seu valor proteico enquanto um alimento é tão significativo que é chamada de carne vegetal” (SOUZA, *et al.*, 2004). Com essas qualidades nutricionais, a castanha do Brasil é comercializada nas prateleiras de redes de supermercados, ofertada como um produto alimentício que possui um elevado valor agregado, podendo ser encontrada in natura, desidratada com e sem casca ou em forma de “suplementos alimentares, leites vegetais, bebidas dietéticas, embutidos, sorvetes, barras de cereal, granolas, chocolates, doces, farinhas, biscoitos, margarinas, óleos, snacks, bombons etc.” (COLLARES, 2006; PANTOJA, 2020).

Outro setor industrial que se destaca, utilizando a castanha como matéria prima é o seguimento de cosméticos. Os insumos da castanha, comprados por empresas como a Natura e The Body Shop, dentre outras redes de cosméticos, transforma essa amêndoa em valiosas linhas de hidratante corporal, cremes, xampus, condicionadores, sabonetes, óleos e perfumes (RIBEIRO, 2016). Do ponto de vista da saúde, de acordo com as diretrizes alimentares, pesquisas mostram que o uso da castanha é extremamente importante para a saúde, sendo que seu consumo regular pode reduzir o risco de ocorrência de doenças cardiovasculares e o câncer, por exemplo (SANTOS, 2012; EVERT et al., 2013; BARATA et al. 2020).

Distante da realidade apresentada, na Resex Cajari de onde sai uma parcela das castanhas utilizadas pelas grandes indústrias, o aproveitamento dessa amêndoa e a produção

dos derivados é pouco expressiva, se comparado com a diversidade de produtos e o nicho de mercados que elas ofertam. Localmente, a castanha é consumida de forma tradicional e está presente na mesa dos extrativistas, especialmente no período da safra. Seu uso apresenta diferentes formas (in natura ou em subprodutos) nos mais variados pratos consumidos na região. O seu preparo, na culinária tradicional, combina ingredientes simples e envolve técnicas de preparação e conhecimentos sobre “o saber fazer”, que estão intimamente ligados aos modos de vida dessa população e que atua diretamente com esse produto.

3.3.1 Criados no leite da castanha

Barbosa (2012), afirma que a alimentação é um importante indicador quando se busca entender o aspecto cultural, as condições sociais, geográficas e econômicas de cada local, pois o tipo de produção, os recursos naturais disponíveis são fatores que determinam a identidade, os costumes e sobretudo, o pertencimento de determinado grupo ao lugar. Maciel (2005, p. 54) destaca que “o que é colocado no prato nutre o corpo, mas também sinaliza um código para reconhecimento social”. Como se percebe, a partir da alimentação, revelam-se aspectos importantes da dinâmica estrutural que forma cada sociedade. Através do que se põe a mesa se compreende os modos de vida, se definem a identidade social de seus membros, assim como transparecem os mecanismos que constituem as tradições, as memórias e representações do coletivo (CONTRERAS, 2011).

A partir desses apontamentos e da colocação, de Carneiro, (2003) que afirma que “o que se come é tão importante quanto, quando se come, onde se come e com quem se come” que apresentaremos a expressão culinária dos extrativistas da Resex Cajari e uso da castanha na alimentação, tendo em vista que as formas de consumo dos sujeitos mantem formas tradicionais e especificidades próprias da comunidade

No trabalho de campo, verificamos que a castanha destinada para a alimentação dos extrativistas do sul do Amapá, obedece a sazonalidade da produção logo, é comum encontrar uma diversidade de pratos tradicionais durante o período de safra, tais como doces, bolos, tapioca, mingau e principalmente a castanha sendo utilizada no preparo de iguarias que inclui carnes oriundas da caça e da pesca sustentável de subsistência. Essas duas atividades, são práticas que fazem parte da vida de quem habita a floresta, principalmente dos povos e comunidades tradicionais que vivem em unidades de conservação, pois estas constituem importantes fontes de proteína.

No entanto, na Resex Cajari, durante os meses de extração da castanha, se intensifica o consumo de carnes de caça pelos seguintes fatores: primeiro porque os castanhais estão situados em regiões onde não ocorre visitas constantes de caçadores, logo há maior disponibilidade de animais; segundo, a caça de subsistência é uma alternativa viável de proteína, para quem permanece por um período mais longo realizando a coleta, visto que nesses locais não tem onde conservar outras fontes de alimentos, como carne de frango e bovina. Por último, a castanha é recurso natural que entra na dieta de muitos animais silvestres. Assim, onde há castanheira produzindo existem diferentes espécies animais em busca das amêndoas para se alimentarem, como é o caso da anta, caititu, cutia etc.

Nesses termos, o aumento do consumo da carne de caça, ocorre no mesmo período que acontece o extrativismo da castanha, devido ao fato de haver uma maior disponibilidade desses recursos no ambiente de trabalho dos castanheiros e principalmente porque a combinação desse tipo de proteína, associado com o leite extraídos das amêndoas, é amplamente apreciada por esses sujeitos. Tanto que a carne de caça com castanha, misturado a farinha de mandioca, foi descrita pelos interlocutores da pesquisa como a “comida do castanheiro”, pois segundo eles, este é um alimento que na ausência do feijão e do arroz, garante a permanência e sobrevivência deles no ambiente da floresta. Atualmente se observa que dentro do castanhal e na comunidade, o consumo das comidas que levam carne de caça com o leite da castanha saiu do campo da necessidade e passou a integrar a culinária local.

De modo geral, o leite extraído da castanha do Brasil, pode ser incrementado em diversos alimentos, contudo, foi relatada algumas especificidades que margeiam o consumo. Por exemplo, em carnes bovinas, suína, frango congelado (galinha de granja) e peixe fresco, não se costuma usar o leite, pois segundo interlocutores, estes são alimentos que “não combinam com castanha” e a preferência é pelas caças, como jabuti, jacaré, cutia, paca, veado, tatu, anta, caititu, guariba etc., e peixes salgados.

Outro aspecto mencionado da comida com castanha, se dá em relação ao preparo. No momento do cozimento, as carnes passam pelo processo tradicional como qualquer outra proteína, no entanto, para harmonizar o sabor, se utilizam poucos condimentos como o sal, colorau, cebola, alho, cheiro verde pois, nas receitas que levam o leite da castanha, ele é considerado o tempero principal do prato. Assim, se houver somente a carne, o sal e o leite a comida fica saborosa, conforme relato nos depoimentos.

Em outros gêneros alimentícios, a castanha é utilizada para adaptar diversas receitas conforme o costume local. Desta forma, o leite extraído das amêndoas é adicionado ao cuscuz,

que é um prato nordestino conhecido nacionalmente e em diversos tipos de mingau, como o de milho, canjica e principalmente no de banana da terra, que segundo os interlocutores é um tipo de mingau bastante apreciado e consumido no período de safra da castanha. Verificamos ainda, que além do leite, a castanha ralada é adicionada na massa da pamonha, no beiju da tapioca, em biscoitos, paçocas e nas receitas de bolo de castanha, de macaxeira e no de massa puba, que assim como o mingau de banana da terra são receitas que normalmente se consome na região sul do Amapá e tem como ingrediente principal a castanha.

Além destas, os interlocutores do sexo masculino mencionaram que algumas receitas com castanhas possuem particularidade bem específicas na região, por se tratar de alimentos que se diferenciam no preparo, possuem nomes incomuns e são mais conhecidas pelos castanheiros que atuam na coleta, assim como são consumidas durante a estadia no castanhal. Esse é o caso da *Xorada*, (o leite cozido, misturado ao café e farinha); a *Cambica*, (Abóbora cozida com leite de castanha); a *Chimbereba*, (Cupuí, cupuaçu ou cacau com o leite cru da castanha e farinha) e o *Pubado* (Carne de caça, assada ou frita consumida com o leite cru da castanha).

As receitas destacadas acima, foram elencadas pelos interlocutores como sendo os principais alimentos com castanha e que sempre fizeram parte da dieta dos moradores, desde o início do extrativismo na região. Contudo, cabe ressaltar que outros produtos derivados da castanha como o bombom e o biscoito somente foram introduzidos na comunidade de Água Branca do Cajari em meados dos anos 2000, e estes são menos consumidos localmente, pois são produtos destinados para a comercialização.

3.4 Um ensaio visual da culinária da comunidade da Resex Cajari

Considerando tamanha diversidade de pratos consumidos com castanha, selecionei algumas imagens onde é possível acompanhar o preparo e conhecer a culinária e os processos de transformação para que as amêndoas possam se tornar novos alimentos.

As figuras de (J1 a L1), retratam as etapas de beneficiamento da castanha, que se inicia com o descascamento manual das sementes, com auxílio de facas e uma base de apoio feito de madeira, denominado localmente de *cepo*. Após essa fase, as castanhas são lavadas e transferidas para uma vasilha onde passam a ser raladas, ou até mesmo batidas no liquidificador, para a retirada do leite.

Já nas figuras de (M1 a F1), apresentamos dois tipos de carne de caça, jabuti e jacaré, que foram preparados somente com o leite da castanha. Nas demais fotos (O1 a U1), as receitas

não usam o leite e sim a massa resultante do processo de trituração das sementes, com exceção somente do bombom (V1), que na sua fabricação, utiliza a castanha inteira e assada.

3.4.1 SESSÃO FOTOGRÁFICA 5 – SABORES DA CASTANHA

Figura J 1: castanha sendo descacada de forma manual.



Figura L1: castanha com casca, sem casca e sendo ralada.



Figura M1: carne de jabuti ao leite de castanha.



Figura N1: carne de jacaré ao leite de castanha.

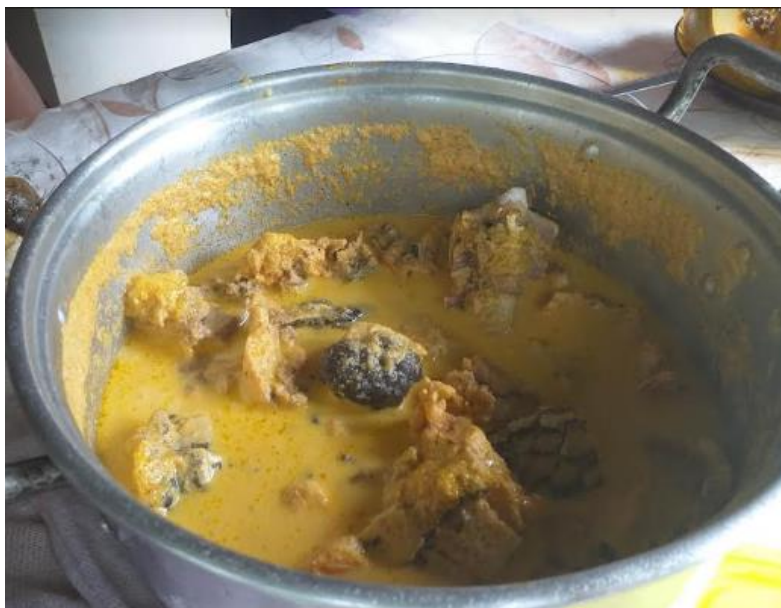


Figura O 1: tapioca com castanha.



Figura P1: bolo de Tmassa puba com castanha.



Figura Q1: bolo de trigo com castanha.



Figura R1: doces feitos com o bagaço da castanha.



Figura S1: doce da castanha, após ser ralada.



Figura T1: mingau de milho com castanha.



Figura U1: biscoito da castanha.



Figura V1: bombom de castanha.



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo, durante a observação participante (2020).

3.5 Castanha-do-brasil: cultura e tradição na comunidade da Resex Cajari

Diante desse variado cardápio, fica evidente que a comida com castanha é tradicionalmente presente no sistema alimentar dos extrativistas da Resex Cajari. Concordando com Woortmann (2013), são esses hábitos que alimentam a identidade dessas pessoas e é por meio daquilo que elas comem que podemos entender que as relações constituídas dentro da cadeia da castanha não possuem somente viés econômico, pois ela é dotada de símbolos e significados.

A comida produzida com castanha se estabelece como uma referência do espaço, do modo de vida extrativista e do lugar em que habitam as pessoas e as castanheiras, pois “o que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza uma pertença, servindo como um código de reconhecimento social” (MACIEL, 2005, p. 54).

Em face disso, enfatizamos que o estabelecimento desses hábitos culinários na região em estudo fortalece a identidade dos sujeitos ao território, pois entendemos que na reprodução ou na criação de novas formas de uso da castanha, se transferem saberes às novas gerações e relações que foram estabelecidas ao longo do tempo dentro da comunidade. Notamos que essa afirmação, se refere tanto para as áreas de extração, quando se consome esse tipo de comida no período que corresponde a coleta da castanha, como para o âmbito familiar, onde a tradição de “comer com castanha” é uma prática reproduzida pelas mulheres, cujo saber acumulado acerca das formas de uso dessa amêndoa, atravessa gerações.

Outra relação valorativa que mostra a profunda ligação cultural da comunidade da Resex Cajari com a castanha-do-brasil é percebida nos espaços sociais de comunidades situadas no Alto Cajari, por meio de celebrações realizadas em comemoração à safra da castanha. Destaco aqui duas festividades, uma organizada pela igreja Assembleia de Deus da Comunidade do Martins e a outra realizada pela Associação dos Trabalhadores do Alto da Reserva Agroextrativistas do Rio Cajari – ASTEX-CA. Os dois eventos têm programações voltadas para o extrativismo de formas bem distintas, porém ambas utilizam a diversidade das comidas produzidas com castanha para expressar e compartilhar a riqueza do território com os participantes da festa, como veremos abaixo.

3.5.1 Culto dos castanheiros

O evento intitulado “Culto dos castanheiros” é uma manifestação de cunho religioso que acontece na comunidade do Martins desde o ano de 2014, e teve sua origem após um trágico acontecimento no castanhal, no qual um ouriço caiu na cabeça de um extrativista enquanto este realizava a coleta da castanha. Felizmente o trabalhador sobreviveu ao acidente, e desde o ocorrido as mulheres evangélicas dos castanheiros (esposas, filhas, avós etc.), preocupadas com o bem-estar e segurança daqueles que adentravam a floresta, se organizaram e decidiram realizar orações em prol da vida dos extrativistas da região durante todo o período de safra.

Com o encerramento da coleta da castanha as mulheres celebram a proteção divina concedida aos trabalhadores em forma de um culto evangélico, no qual realizam atividades religiosas como leitura da Bíblia, louvores e peças teatrais que homenageiam os castanheiros. Além disso, são entregues aos extrativistas medalhas de honra pelos serviços prestados, juntamente de lembranças personalizadas feitas artesanalmente com ouriços de castanha, assim como miniaturas de cambito para representar o trabalho deles.

Ao final do culto é feito um jantar para os castanheiros e suas famílias que têm como característica a socialização, além de uma grande diversidade de comidas preparadas com castanha compartilhadas com todos os participantes (Figura 19).

Figura 20 – Banner de convite para o Culto dos Castanheiros (A). Lembranças entregues aos castanheiros e medalha (B).



Fonte: acervo pessoal da autora, registros feitos em campo (2020).

3.5.2 O Fest castanha

A segunda manifestação cultural registrada na Resex Cajari é o *Fest castanha*, que já acontece desde 2019 na comunidade de Água Branca do Cajari. A festa é realizada estrategicamente no mês de abril, por se tratar de um período em que a coleta da castanha está em alta, e busca incentivar e fomentar, mas principalmente potencializar a economia local e valorizar a cultura do extrativismo de castanha no território.

Durante os três dias de programação do Fest castanha, realizam-se torneios esportivos de futebol tanto masculino quanto feminino, gincanas dos castanheiros, nas quais valorizam o trabalho desenvolvido nos castanhais, premiando os sujeitos que se destacam em atividades relativas ao extrativismo. Entre essas premiações estão: a coleta do Menor e Maior fruto da castanheira; quem é o mais rápido correndo com o *paneiro* de castanha nas costas e o mais habilidoso descascando as amêndoas e abrindo o ouriço. Além dessas brincadeiras, são promovidos shows com bandas municipais, festas dançantes e escolha da Rainha da Castanha.

Na essência dessa festividade resgata-se a cultura da comunidade, e com isso não poderia deixar de ter a presença dos produtos à base de castanha. Ao longo dos três dias de

evento são montados espaços onde as famílias empreendedoras comercializaram alimentos e iguarias como bolos, biscoitos, doces, bombons, paçocas, pudim e mingau de castanha.

Figura 21 – Fotografia do primeiro Fest Castanha.



Fonte: Google imagens (2019).

Essas festividades mostram que a presença dos castanhais na região sul do Amapá exercem influência direta nos aspectos socioculturais dos moradores, pois a castanha está presente no dia a dia dos extrativistas sob diferentes formas, o que remete novamente ao dito popular da região que diz que quem é oriundo da Resex Cajari foi criado no leite de castanha.

Contudo, com base nos dados obtidos no decorrer desta pesquisa, e em diversos autores da literatura amazonense, mas, sobretudo, em minha vivência pessoal enquanto pessoa pertencente a esse território, posso afirmar que o “ser criado” se fundamenta porque é do extrativismo da castanha-do-brasil que se retira a principal renda das famílias da comunidade local da Resex Cajari. Porém, para além desse fato, ressalto ainda que ser criado com castanha se legitima na prática, em se fazer parte de um sistema muito mais abrangente que seu aspecto econômico, mas que envolve a história do lugar com as pessoas, diz respeito a tradição, as lutas, ao trabalho, a manutenção das formas de saberes e conhecimentos que estão profundamente enraizados no modo de vida desses sujeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao final dessa dissertação com a consciência de que ainda há muito a ser escrito sobre a temática abordada nesse estudo, certamente me provoca um alívio enquanto pesquisadora. Primeiro, porque as lacunas presentes no trabalho podem abrir espaço para novos questionamentos e assim gerar outras investigações de cunho etnográfico sobre as formas em que se desenvolve o extrativismo da *Bertholletia excelsa* nos castanhais da Resex Cajari. Segundo, porque, quanto mais compreendemos as relações existenciais entre o sujeito e o território, mais contribuímos para o fortalecimento e preservação da identidade das famílias que se beneficiam diretamente desse recurso natural

Em vista disso e de modo a identificar como ocorrem os processos produtivos da castanha do Brasil na Resex Cajari, sistematizamos alguns apontamentos, observados e descritos pelos interlocutores da pesquisa, que nos fornecem novas concepções e conhecimentos sobre essa atividade extrativa, praticada na região sul do estado do Amapá.

No início da análise, trazemos o contexto histórico da Resex Cajari com o intuito de demonstrar que a existência da coleta de castanha nessa região é o resultado de um processo dinâmico, feito de adaptações técnicas, de mobilizações políticas e de resistência da população local. Nesse processo, vimos que a riqueza dos recursos naturais do território atraiu, no passado, latifundiários como José Júlio de Andrade, que além de dominar o comércio extrativo na região, também controlou centenas de homens, condicionados a exploração pelo sistema do aviamento.

Nessa conjuntura histórica, houve o remanejamento de terras para empresas como a Jari Celulose, cujo interesse não era voltado para explorar os recursos naturais, mas sim, derrubar a floresta, sobretudo, as castanheiras centenárias para dar lugar a monocultura de eucalipto.

Contudo, observa-se que ao longo de cada mudança de dono das áreas onde hoje se sobrepõe a Resex Cajari, ocorreu um processo inverso em relação às famílias que chegavam nessa região, em busca de melhorias de vida mesmo sofrendo sob condições de opressão de ocupação e acesso ao trabalho nos castanhais, elas gradualmente se fixaram no território, constituíram laços familiares, formaram comunidades e principalmente, criaram uma identidade própria, cujo modo de vida era de dependência da produção agrícola da roça e atividades como caça, pesca e coleta da castanha enquanto fonte econômica de subsistência.

No cerne dessa construção de pertencimento, o empreendimento da empresa Jari Celulose ameaçava diretamente a permanência da população local, bem como acirrava os conflitos que já existiam em decorrência dos interesses divergentes de ambas as partes. Como

efeito desse impasse, a empresa passou a cercar os moradores, pressionando-os com vistas à expulsão compulsória da terra e inviabilizando qualquer atividade de produção que gerasse vínculo ao lugar.

A circunstância de desterritorialização impulsionou o plano político que os moradores ecoavam em meio a floresta e que era de criar uma articulação coletiva em defesa do território. Essa agência foi fortemente influenciada por bases de apoio dos movimentos sociais, entidades e organizações externas que protagonizavam lutas significativas em toda Amazônia, em prol das populações tradicionais e da preservação da floresta.

Tais acontecimentos mudaram o curso da história, sendo um marco na vida dos sujeitos em pauta, haja visto, que foi por meio do envolvimento dos extrativistas com os movimentos sociais que eles conseguiram sair da invisibilidade da floresta para serem projetados dentro de uma causa muito maior de resistência. Como símbolo dessa aliança, foi criado um espaço protegido, com importância singular para essa população, dando-lhes garantia do direito de viver da e na floresta, explorando e preservando o vasto território que compreende a Reserva Extrativista do Rio Cajari.

Embora, tenham se passados mais de 30 anos da criação da Resex Cajari, podemos observar que as relações tecidas pelas pessoas com o lugar, ao longo dessas três décadas, permanecem estreitas. A cultura, a tradição, o trabalho, a economia e os sistemas de produção, principalmente a agricultura familiar e o extrativismo da castanha do Brasil seguem sendo o elo que mantém essa população enraizada no território sul do Amapá, dando continuidade ao modo de vida pelos quais lutaram.

Dentre esses aspectos, reiteramos que a coleta da castanha é o produto de maior potencial econômico da região. Os dados etnográficos mostraram que a busca por esse produto florestal se mantém tradicionalmente nas áreas que foram exploradas desde a ocupação do território, haja visto que não houve o plantio de novas espécies para formar castanhais manejados.

Em relação ao trabalho da coleta da castanha, enfatizamos que ele também ocorre nos moldes que sempre existiu, ou seja, de forma tradicional sem implementos de tecnologias, que não seja os instrumentos fabricados e adaptados pelos próprios extrativistas.

No âmbito dessa atividade extrativa, observamos que a comunidade realiza um movimento periódico de migração para os castanhais durante o inverno, especificamente nos meses de janeiro a junho. O trabalho é desenvolvido pelos membros do grupo familiar, sendo

o processo de extração dentro da mata marcado pela presença majoritária do sexo masc 129 que executa as atividades ligadas a coleta e quebra dos ouriços.

Conforme a pesquisa a presença de homens no castanhal se justifica por tratar-se de uma atividade pesada, que submete os trabalhadores a enfrentarem um ambiente hostil, com uma rotina exaustiva de esforço físico e por conviverem diariamente sob riscos potenciais de acidentes, com corte das mãos no momento de quebra dos frutos, queda de ouriços na cabeça, picadas de cobras, aranhas e escorpiões etc.

Nessa conjuntura é importante mencionar que embora haja tantos desafios para executar o trabalho com a castanha, é a combinação da experiência dos extrativistas com as técnicas de entendimento sobre o espaço do castanhal que garante a segurança no exercício desse trabalho. Com base nos relatos e na experiência de pesquisador participante, ficou claro que os castanheiros do sul do Amapá são conhecedores natos de cada caminho trilhado em meio a floresta e os saberes por eles adquiridos é fruto de um acúmulo histórico de práticas tradicionais que parte primeiramente da observação e são endossados pela vivência cotidiana, sendo transmitidos e reproduzidos de forma geracional.

O domínio do espaço geográfico onde habitam as castanheiras, assim como toda a rede que abrange os conhecimentos que envolvem o abrir de cada ouriço é entendido pelos extrativistas da Resex Cajari, como a “ciência” do castanheiro. Essa ciência se traduz em se ter a capacidade de se adaptar a complexidade que o castanhal apresenta, é saber se relacionar dentro do território de modo que haja sensibilidade para se locomover entre as árvores, se orientar, se proteger na floresta e sobretudo de saber reconhecer os elementos de orientação como os piques, pontas de castanha, ramais e os caminhos que dão sentido a estrutura organizacional do castanhal. É saber aproveitar e construir os instrumentos de trabalho a partir de matérias primas disponíveis na natureza como é o caso do cipó para tecer os paneiros usados no transporte dos ouriços e da madeira em que é confeccionado o cambito e o cabo da machadinha.

Como vimos, tirar castanha é ação de coletar os ouriços, abri-los e escoar as sementes para fora do seu ambiente natural. Mas, ser um castanheiro é possuir a compreensão do macro, do micro e de tudo aquilo que fundamenta essa atividade é ter condições de permanência dentro das áreas extrativas. A partir desse panorama geral sobre os castanhais, passamos para o espaço social da comunidade para contextualizar o aspecto econômico e cultural em que se insere essa atividade.

Conforme salientamos ao longo de toda pesquisa, a presença dos castanhais na região mobiliza a vida das famílias dos comunitários da Resex Cajari, haja visto que é da exploração dessa espécie vegetal que se retira renda e alimento. Para isso, vende-se castanha ao longo do ano, contudo, o destino dado para cada tipo de produção segue fluxos diferentes de acordo a gestão. Com base nas entrevistas, a comercialização da castanha *in natura* é feita pelos homens e a venda é direta com os atravessadores que residem dentro da comunidade. Já a castanha beneficiada tem o protagonismo feminino a frente dos negócios, sendo elas as responsáveis por fomentar a renda da família, transformando as amêndoas em subprodutos.

Diferentemente das transações masculinas, as mulheres saem da lógica de dependência dos atravessadores e comercializam a produção em dois nichos, sendo uma individual, na feira local, para passageiros que trafegam a BR156 e a outra coletiva, na fábrica da AMAC, onde se realizam entregas de subprodutos em larga escala para o público externo a comunidade.

Com isto, gostaríamos de reforçar que a reprodução do modo de vida da população da Resex Cajari, está intrinsecamente ligada às castanheiras. A identidade das pessoas dialoga com a presença dessa espécie no território, tanto que o trabalho, a culinária e as festas culturais são voltadas para esse tipo de extrativismo, sendo, portanto, necessário realçar essas práticas como patrimônio e não apenas como atividade de valor econômico.

Na minha ótica de pesquisadora e moradora do território em questão, trabalhos etnográficos como estes devem se multiplicar cada vez mais, pois ao analisarmos os ambientes em que as populações tradicionais estão inseridas, preservamos as vozes, registramos um contexto mais amplo de conhecimentos históricos que garantem não só a existência dessas comunidades como a própria preservação da floresta que permanece em constante ameaça.

Diante disso, concluo o fechamento da dissertação corroborando com a analogia feita por dona Francisca Teles, parteira e moradora mais antiga da comunidade de Água Branca do Cajari, que ao falar da importância da castanheira na região da Resex Cajari, a descreve como sendo “A mãe castanheira”, uma vez que dessa árvore os sujeitos tiram seu sustento, criam seus filhos, resistem e coexistem numa relação de respeito e interdependência há gerações.

REFERÊNCIA

- ALLEGRETTI, M.E. Programa piloto para proteção das florestas tropicais do Brasil, projeto Reservas extrativistas. **Proposta do plano de manejo da reserva extrativista da Resex Cajari**, 1998.
- ALLEGRETTI, M.E. A construção social de políticas ambientais. **Chico Mendes e o movimento dos seringueiros**, 2002.
- ALMEIDA, M. (2009) **Populações tradicionais e conservação ambiental**. In M.C ANDRADE, R. de. *Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro*, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BAIDER, C. Demografia e ecologia de dispersão de frutos de *Bertholletia Excelsa* Hum e Bompl (*Lecytidaceae*) em castanhais silvestres de Amazônia Oriental; (tese de doutorado) em *Ecologia Geral*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. 231p.
- BALÉE, W. 1987. Cultural Forest of the Amazon Garden 11 (6) .12-14 e 32 p. In: Gonçalves.C.W.P. **O latifúndio genético e resistência indígena e campesina**. _____ . Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008.
- BARAT, P.H.S. et al. Chemoenzymatic Synthesis and Anti-Inflammatory Activity of Fatty Acid Amides Prepared from *Bertholletia excelsa* (Brazil Nut) Triglycerides. **J. Braz. Chem. Soc.**, 31, 1557-1565, 2020.
- BARBOSA, T. P. 2012. **Antropologia e gastronomia**: a identidade de ser brasileiro a partir da alimentação. In: SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFSCAR, 3. São Carlos, 2012. *Anais...* São Carlos: PPGS/UFSCAR, p. 1-14.
- BENTES, E. S.et al. **Extrativismo da castanha-do-brasil (*bertholletia excelsa* hubl.) na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Piagaçu-Purus**. Dissertação (Mestrado em Agricultura e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- BERNADES, L.G. Genética da Castanheira (*bertholletia Excelsa*, *Lecythidaceae*): Estudo da Variabilidade do Genoma Mitocondrial, 2003. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais**, Belém, v.9, n.2, p. 353-370, 2011.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BOTELHO, S. et al. Divulgação de boas práticas de manejo e coleta da castanha-do-brasil para coletores de Itaúba, MT. **Embrapa Agrossilvipastoril-Capítulo em livro científico (ALICE)**, 2019.

- BRASIL. **Decreto no 99.145, de 12 de março de 1990.** Criação da reserva extrativista de Cajari. Disponível em: <https://dou.vlex.com.br/vid/mar-cria-reserva-extrativista-ca-34295000>. Acesso em: 13 de jul. 2020.
- BRUMER, A. Gênero e Agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.
- BRUSCHINI, C. Trabalho Doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 23, n.1, p.331-353, 2006.
- BURKE. P. Testemunho ocular: história e imagem. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- CALDAROLA, V.J. Imagem process as ethnographic inquiry. **Visual Anthropology**, v. 1, n. 4, p. 433-451, 1988.
- VIEIRA, A. H. et al. Fenologia reprodutiva de castanha-do-brasil, (*Bertholletia excelsa* Humb. Bompl.), em Porto Velho/RO. **Embrapa Rondônia-Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento (INFOTECA-E)**, 2009.
- CAMPOS, L. G.; MATTOS, C. P. Práticas de etnoconhecimento na gestão participativa do turismo sustentável na Amazônia: Quilombo de tapanagem (Oriximiná, PA, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 5, n. 3, p. 325-337, 2011.
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, p. 13-37, 1996.
- CARNEIRO, H. Comida e sociedade: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- CARVALHO, I. M. M.; et al. O consumo de castanhas pode reduzir o risco de processos inflamatórios e doenças crônicas. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 8, n. 15, 2012.
- CAVALCANTE.M.C. Visitantes florais e polinização da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* H e B) em cultivo na Amazônia central.2008.77 F. (dissertação de mestrado em Zootecnia). Departamento de Zootecnia, ciências agrárias, universidade federal do Ceará, Fortaleza,2008.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, v.16, n. 2, p. 221-236, 2003.
- CHUTTI, L. E. R. **Foto etnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.
- CLEMENT, C. R., et al. The domestication of Amazonia before European conquest. **The Royal Society** 282: 20150813. 1990.
- CONTRERAS, J.; GRACIA-ARNAIZ, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. 496 p.

- COSTA, K. C. PIRES DA. **Características ecofisiológicas e crescimento de *Bertho excelsa* Bonpl. em plantio florestal submetido ao desbaste**. Dissertação de mestrado. - I Manaus, 2018.
- COSTA, L. F. M.; LUCENA, I. C. R. Etnomatemática: cultura e cognição matemática.
- COSTANTI, E. U; NOGUEIRA, J. M. Conservação, gestão ambiental e produtos da floresta em terras indígenas: do extrativismo predatório aos produtos da sociobiodiversidade. **56° Congresso SOBER**. Campinas, 2018.
- COUTINHO, C. P. **Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática**. Coimbra: Almedina, 2011.
- CUNHA, M. C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, n. 75, p. 76-84, 2007.
- CYMERYS, M. et al. Castanheira. In: SHANLEY, P.; MEDINA, G. (Eds.) Frutíferas e desenvolvimento econômico na Amazônia florestal no exemplo do Projeto Jari. **REU**, Sorocaba, SP, v. 36, n. 3, 43-75p. dez. 2010.
- DI CIOMMO, R. C. Pescadoras e pescadores: a questão da equidade de gênero em uma reserva extrativista marinha. **Ambiente & Sociedade**. Campinas v. X, n. 1. p. 151-163, 2017.
- EULER, A. M.C. et al. **Mapeamento participativo dos castanhais da Reserva Extrativista do Rio Cajari, Amapá**. III Jornada Científica, 2017.
- EVERT, A. B. Et al. Nutrition therapy recommendations for the management of adults with diabetes. **Diabetes care**, v. 36, p. 3821–3842, 2013.
- FERNANDES, M. R. **O umbigo do mundo: A mito poética dos índios Apurinã e o espírito ancestral da floresta**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, 2018. 217 p.
- FILOCREÃO, A. S. M. **Agro extrativismo e capitalismo na Amazônia - as transformações recentes no agro extrativismo do sul do Amapá**. 2007. 170 p. Tese - Doutorado em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental - Núcleo de Altos Estudos da Amazônia. Universidade Federal do Pará. 2007.
- _____. **Os produtores e a produção extrativista do Sul do Amapá**. Extrativismo e Capitalismo na Amazônia: a manutenção, o funcionamento e a reprodução da economia extrativista do sul do Amapá. Macapá: GEA/SEMA, 2002.
- FILOCREÃO, A. S. M. et al. **Extrativismo e capitalismo: a manutenção, funcionamento e reprodução da economia extrativista do sul do Amapá**. 1992.
- FONSECA, F. L. et al. **Manejo de castanhais nativos no Acre: aspectos ecológicos, econômicos e sociais**. In: INTERNATIONAL CONFERENCE AGRICULTURE AND FOOD IN A URBANIZING SOCIETY, 3., 2018, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2018.
- GATTI, Bernardete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. In: **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. 2005. p. 77-77.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura.

GOMES, M. P. Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura. 2a ed. 1a reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

GORAYEB, A. Cartografia social e populações vulneráveis. **Fundação Banco do Brasil**, 2014.

GORAYEB, A. et al. **Princípios básicos de Cartografia e Construção de Mapas Sociais**. In: GORAYEB, A; MEIRELES, A. J. A; SILVA, E. V (Org.). Cartografia Social e Cidadania: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015. 9 -24 p.

GREISSING, A. A região do Jarí, do extrativismo ao agronegócio: as contradições do desenvolvimento econômico na Amazônia florestal no exemplo do projeto Jarí. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 36, n. 3, 2010.

GUEDES, M. C. “Castanha na roça”: expansão da produção e renovação dos castanhais em áreas de agricultura itinerante no Amapá. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais** v. 9, p. 381- 398, 2014.

GUIA PRÁTICO DE ANTROPOLOGIA: **preparado por uma comissão geral Instituto da Grã- Bretanha e da Irlanda**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo. Cultrix 1971.

HAUGAASEN, J. M. T. et al. 2010. “Seed dispersal of the Brazil nut tree (*Bertholletia excelsa*) by scatter-hoarding rodents in a central Amazonian Forest”. Cambridge: **Journal of Tropical Ecology**, v. 26, p. 251-62, 2010.

HOMMA, A. K. **Extrativismo vegetal na Amazônia**: limites e oportunidades. 1993. _____ . “Extrativismo, biodiversidade e biopirataria na Amazônia”. 2008. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. Disponível em: 293 pdf/Texto-27_20-05-08.pdf>. Acesso em 10 de março de 2020.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment**. Essays on livelihood, dwelling and skill. London & New York: Routledge. 2000.

JUNQUEIRA, A. B. et al. Secondary forests on anthropogenic soils of the middle Madeira river: valuation, local knowledge and Landscape domestication in Brazilian Amazonia. **Economic Botany**, v. 65, n. 1, p. 85-99, 2010.

KERGOAT, D. La Division du travail entre les sexes. In: KERGOAT , J. et al. (dir.). Le monde du travail. Paris: **La Decouverte**, 1998. p.319-327.

LINS, C. **Jari 70 anos de história**. Rio de Janeiro: Dataforma, 1991. 236 p. Lisboa, Editorial Pórtico, 1972.

MACIEL, M. E. (2005). **Olhares antropológicos sobre a alimentação. Identidade cultural e alimentação**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-03.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

MARCONI, M. DE A. LAKATOS, M. E. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados/. - 3. ed. - São Paulo: ATLAS, 1996.

MARTINELLI, M. **Mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2003.

MATTA, R. da. **O que faz do brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In CASTRO, P.A., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MAUÉS, M. M. **A castanheira-do-brasil**: avanços no conhecimento das práticas amigáveis à polinização. 2015.

MAUÉS, M. M. Fenologia reprodutiva e polinização da castanheira do Brasil (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl. Lecythidaceae) na Amazônia Oriental. **Abelhas polinizadoras: o elo de conservação entre agricultura e natureza**, v. 245, 2002.

MAUSS, Marcel. **Manuel d'ethnographie**. Paris: Payot, 1947.

MEDEIROS, J; TAVARES, J. V. Luta pela terra: resultados e possibilidades. In: Conflitos no Campo, Brasil 2002. Goiânia, Comissão Pastoral da Terra, 2002.

MORI, S. A.; PRANCE, G. T. Taxonomy, ecology and economic botany of the Brazil nut (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl.: Lecythidaceae). *Advances in Economic Botany*, v. 8, p. 130-150, 1990.

MOTA, D. M.; et.al. O extrativismo de mangaba é “trabalho de mulher”? Duas situações empíricas no Nordeste e Norte do Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 11, n. 2, p. 155-168, 2008.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, v. 23, n. 1, p. 98–106, 2014.

MÜLLER, C. H. **Castanheira-do-Brasil**: Resultados de pesquisa. Belém, EMBRAPA.

NELSON, B. W. et al. Observations on flower visitors to *Bertholletia excelsa* H.B.K. and *Couratari tenuicarpa* A.C.SM. (*Lecythidaceae*). **Acta Amazônica**, v.1/2, supl. 5, p.225-234, 1985.

NEVES, E. G. Villiage fissioning in Amazonia: a critique of monocausal determinisma. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia**, v. 5, p. 192-209, 1995.

NIMUENDAJÚ, C. 2017. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2. ed. Brasília, Distrito Federal, Brasil.

PAIVA, P. M; GUEDES, M. C. Regeneração Natural de Castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) em Área de Capoeira no Amapá. **Manejo Sustentável de Produtos Florestais Não-madeireiros na Amazônia**, p. 25, 2008.

PANTOJA, C. A. **Oportunidades na cadeia produtiva alimentícia da castanha-do-pará no Brasil**. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, 2020.

PEDROZO, E. Á. et al. **Produtos Florestais Não Madeiráveis (PFNMS): as Filières do Açaí e da Castanha da Amazônia**. RARA - Revista de Administração e Negócios da Amazônia, v. 3, n. 2, 2011.

PINTO, L. F. **A internacionalização da Amazônia: sete reflexões e outros apontamentos inconvenientes**. Edição Jornal Pessoal, 2002.

_____. **Jarí: toda a verdade sobre o projeto de Ludwig**. São Paulo: Marco plantas úteis na vida Amazônica. Belém: CIFOR & Imazon, p. 61-73, 2005.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

QUARESMA, A. P. **Mulheres e quintais agroflorestais: a “ajuda invisível” aos olhos que garante a reprodução da agricultura familiar camponesa amazônica**. Coletânea sobre estudos rurais e gênero, Prêmio Margarida Alves, 4ª ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: 1992.

RANGEL, K. S.; LOMBA, R. M. Reserva Extrativista do Rio Cajari: modo de vida, trabalho familiar e histórico de criação no contexto da organização política do movimento seringueiro. **Anais do Encontro Nacional de Geografia Agrária, Uberlândia**, 2012.

RANGEL, K. S. **Modo de vida e território na reserva extrativista do Rio Cajari (Amapá)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
REMATEC, ano 13, n. 29, 121–134 p., 2018.

RIBEIRO, A. C. 2011. Capital social e redes sociais no processo organizacional de comunidade agroextrativista no Amapá. São Paulo, SP. 327 p.

RIBEIRO, M. dos S. **Natureza e mercado: castanheiros, empresários e economias de suas relações**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTOS, O. V. dos. **Estudo das potencialidades da castanha-do-brasil: produtos e subprodutos**. 2012. Tese (Doutorado em Tecnologia de Alimentos) - Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SANTOS, R. R. dos. O extrativismo de castanha-do-Brasil *Bertholletia excelsa* (Humb. & Bonpl.) no rio Madeira, Rondônia: bases para uma gestão ambiental participativa. 2011.

SANTOS, R. R. dos. **O extrativismo de castanha-do-brasil *Bertholletia excelsa* (Humbl. & Bonpl.) No rio Madeira, Rondônia**: bases para uma gestão ambiental participativa. (Dissertação) Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2011. 152 f.

SAWYER, D. **Unidades de Conservação, uso sustentável e funções socioecossistêmicas na Amazônia e no Brasil**. Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

SCARAMUZZI, I. **Extrativismo e as relações com a natureza em comunidades quilombolas do rio Trombetas/Oriximiná/Pará**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

_____. Arte de “arremedar”: atos de criação entre humanos e animais no Alto Trombetas (Pará, Brasil). **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 23, n. 1), p. 69-86, 2019.

SCOLES R.; GRIBEL R. Human influence on the regeneration of brazil nut tree (*Bertholletia excelsa* Bonpl., Lecythidaceae) at Capanã Grande Lake, Manicoré, Amazonas, **Brazil. Human Ecology**. v. 43, n. 6, p. 843-854, 2015.

SIMONIAN, L. T. L. Mulheres da floresta amazônica: entre o trabalho e a cultura. **Belém: NAEA/UFGPA**, 2001.

SCOLES, R. G. Do Rio Madeira ao Rio Trombetas, novas evidências ecológicas e históricas da origem antrópica dos castanhais amazônicos. **Novos cadernos NAEA**, v. 14, n. 2, 2016.

SCOLES, R. GRIBEL, R. “Population structure of Brazil nut (*Bertholletia excelsa*, Lecythidaceae) stands in two areas with different occupation histories in the Brazilian Amazon”. **Human Ecology**. V. 39, p. 455-464, 2011.

SILVA, A. C. C. 2009. **Remoção e destino de sementes de *Carapa guianensis* aubl. (Meliaceae) e *Bertholletia excelsa* Bonpl. (Lecythidaceae) no sudoeste do Estado do Acre, Brasil** (dissertação de mestrado). Rio Branco: Universidade Federal do Acre.

SILVA, C.; PORTELLA, A. P. Divisão sexual do trabalho em áreas rurais no Nordeste brasileiro. **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas. Recife: EDUFPE**, p. 127-144, 2006.

SILVA, H. J. P. da. **Ecologia histórica e associação da Castanheira-da-Amazônia com terra preta de índio - mais evidências da origem antrópica dos castanhais no sul do Amapá**. 76 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical. Macapá, 2018.

SIMONIAN, L. **Mulheres, Cultura e Mudança nos Castanhais do Sul do Amapá**. In: _SOUSA, D. G.; ALMEIDA, S. S.; AMARAL, D. D. Estrutura de uma população manejada de castanheira (*Bertholletia excelsa*) na Floresta Nacional de Caxiuanã, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais**, Belém, v.9, n.2, p. 353-370, 2014.

SOUSA, D. G. et al. Estrutura de uma população manejada de castanheira (*Bertholletia excelsa*) na Floresta Nacional de Caxiuanã, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais**, v. 9, n. 2, p. 353-370, 2014.

SOUSA, D.G; ALMEIDA, S. S.2008. **Relatório técnico da 5o campanha do PAE Maracá pelo componente “Manejo e Avaliação Ecológica dos Castanhais do sul do Amapá” pertencente ao Projeto de Desenvolvimento Sustentável em Áreas de Extrativismo de castanha-do-brasil no sul do Amapá**. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi.18 p.

SOUSA, S. G. A. et al. Conservação da biodiversidade por meio do manejo de produtos florestais não madeireiros. In: **Embrapa Amazônia Ocidental-Artigo em anais de congresso (ALICE)**. In: SEMINÁRIO PRODUTIVIDADE AGROPECUÁRIA E BENEFÍCIOS SOCIOAMBIENTAIS DAS PESQUISAS DA EMBRAPA AMAZÔNIA OCIDENTAL, 1., 2011, Manaus. Anais... Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2011. p. 52-56 (Embrapa Amazônia Ocidental. Documentos, 88), 2011.

SOUZA, M. L; MENEZES, H. C. Processamentos de amêndoa e torta de castanha-do-Brasil e farinha de mandioca: parâmetros de qualidade. **Ciênc. Tecnol. Aliment.** Campinas, v. 24, n. 1, p. 120-128, 2004.

TIBALLI, E. F. A.; JORGE, L. E. A etnofotografia como meio de conhecimento no campo da educação. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 5, n. 1, p. 63-76, 2008.

TONINI, H. Amostragem para estimativa de produção de sementes da castanha-do-brasil em floresta nativa. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 48, n. 5, p. 519-527, 2013.
_____. Fenologia da castanheira do brasil (*Bertholletia excelsa* Humb. Bonpl., Lecythidaceae) no sul do estado de Roraima. **Revista Cerne**, v. 17, n. 1, p. 123-131, 2011.

TONINI, H.; BORGES, R. A. O extrativismo da castanha-do-brasil na região do Baixo Rio Branco, RR. **Embrapa Roraima-Documentos (INFOTECA-E)**, 2010.

TONINI, H. et al. Caracterização e rentabilidade do sistema extrativista da castanha-do-brasil praticado em Itaúba (MT). **Nativa**, v. 5, n. 3, p. 175-181, 2017.

TRONCHIN, D. M. R.; TSUNECHIRO, M.A. A experiência de tornarem-se pais de prematuro: um enfoque etnográfico. **Rev Bras Enferm**, v. 58, n. 1, p. 49-54, 2005.

VIEIRA, A. H. et al. Fenologia reprodutiva de castanha-do-brasil, (*Bertholletia excelsa* Humb. Bompl.), em Porto Velho/RO. **Embrapa Rondônia-Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento (INFOTECA-E)**, 2009.

VIERTLER, R. B. **Métodos Antropológicos como Ferramenta para Estudos em Etnobiologia e Etnoecologia**. In: AMOROSO, M. C. M, MING, L.C., SILVA S. M. P, (Orgs.). Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas. Rio Claro, SP: Coordenadoria de Ciências Biológicas, Gabinete do Reitor- UNESP/ CNPq, 2002.

VILHENA, M. R. **Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento na Economia da Castanha-do-brasil**. A transformação industrial da castanha-do-brasil na COMARU-Região Sul do Amapá. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica), Campinas, 2014.

WOORTMANN, E.F. A comida como linguagem. **Revista Habitus**. Goiânia, v. 11, n.1, p. 5-17, 2013.

ZUIDEMA, P. A. Ecology and management of the Brazil nut tree (*Bertholletia excelsa*). **PROMAB Scientific Series 6**, Riberalta, Bolivia 2003.

GLOSSÁRIO

Abafadinho: comida rápida, às pressas.

Bafurete: lugar de descanso

Boca de cutia: um corte pequeno no ouriço que dificulta a retirada das castanhas

Boca grande: um corte grande no ouriço, fácil retirada das castanhas

Cabeça de galo: leite da castanha fervido com um pouco de sal, pra comer com farinha (acrescenta alguns temperos, tipo cariru, bem o gosto de cada castanheiro)

Cambica: jurumum com leite de castanha

Castanha graúda: castanha grande

Castanha miúda: castanha pequena

Chimbereba: cupuí, cupuaçu ou cacau com o leite cru da castanha

Jacuba: farinha molhada na beira da grota consumida na folha do urumã

Mucega: chegar no barraco e descansar

Pubado: carne de caça consumida com o leite cru da castanha

Punheteiro: um tipo de palmeira que serve pra assoalhar o barraco, fazer ralo/ substituir na ausência do ralo tradicional da comunidade, dentre outras coisas

Rafael tá brabo: sem comida

Reco ou basculha: é a última coleta, catar os ouriços que faltaram, poucos ouriços

Rendosa: castanheira que possui ouriços com castanha média, porém em quantidade grande

Tá puxando uma cachorra: peão com fome sem ter o que comer/fome

Tirar um rancho ou baixar: voltar do castanhal para casa pra matar a saudade da esposa/ mulher/ namorada

Xorada: leite cozido com farinha e café